

Universidade de Brasília
Instituto de Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História
Área de Concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Sociedade, Instituições e Poder

NO RASTRO DOS CANGACEIROS

Em busca de novas trilhas para a apreensão de um movimento social

GABRIEL DE CAMPOS CARNEIRO

Brasília, 2010.

Universidade de Brasília
Instituto de Humanas
Departamento de História
Programa de Pós-graduação em História
Área de Concentração: História Social
Linha de Pesquisa: Sociedade, Instituições e Poder

NO RASTRO DOS CANGACEIROS

Em busca de novas trilhas para a apreensão de um movimento social

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB) – Área de Concentração: História Social, Linha de Pesquisa: Sociedade, Instituições e Poder

Orientadora:

Prof. Dra. Vanessa M^a Brasil

GABRIEL DE CAMPOS CARNEIRO

Brasília, 2010

NO RASTRO DOS CANGACEIROS

Em busca de novas trilhas para a apreensão de um movimento social

25/11/2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Vanessa M^a Brasil – PPGHIS/UnB
(orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Diva do Couto Gontijo Muniz – PPGHIS/UnB

Prof. Dr. Leandro Mendes Rocha – FH/UFG

Prof. Dr. Vicente Carlos Dobroruka – PPGHIS/UnB
(Suplente)

RESUMO

Essa dissertação trata das diferentes concepções existentes sobre o Cangaço e da participação de vários tipos de produções, do erudito ao popular, na formação de tais perspectivas. Passa-se, portanto, por um processo de análise crítica, que visa entender a representatividade alcançada pelo movimento e a sua relação com a forma como este foi focado em pesquisas e manifestações artísticas. A partir da compreensão dessas influências, torna-se viável avaliar as necessidades de novos estudos e demonstrar em quais instâncias as possibilidades de renovação da historiografia sobre o Cangaço se tornam palpáveis. Para alcançar tal objetivo, utilizam-se as fotografias existentes sobre o movimento e ressaltam-se particularidades e questões geralmente excluídas nos estudos sobre o tema.

Palavras-chave: Cangaço, fotografia, representação, crítica historiográfica.

ABSTRACT

This research concerns the different opinions about Cangaço and the participation of several types of works, from scholar to communal, in the shaping of those prospects. Therefore, this idea is developed through a process of critical analyses, which is aimed to understand the representativeness Cangaço has achieved and its connection with the way it was thought in different kinds of productions. The comprehension of those influences enables to evaluate the necessity of new studies and also to show in which ways it is possible to renew the historiography about Cangaço. In the pursuit of these goals, there is a viability to analyse the existing photos about the social movement and see the features usually omitted in most researches.

Keys-words: Cangaço, photography, representation, historiographical review.

AGRADECIMENTOS

Apesar de solitário, o trabalho de escrita dessa dissertação foi facilitado pelo convívio e auxílio de várias pessoas. Mais do que fundamentais para o resultado final aqui presente, tratam-se de indivíduos com quem compartilho minhas maiores alegrias, tristezas e realizações. Por esse motivo, não haveria como não agradecê-los pela ajuda prestada.

À minha família, pelo carinho e apoio constante aos meus estudos. Aos meus pais, Mauro e Vera, que fizeram de suas atitudes e valores o melhor exemplo a ser seguido na conduta pessoal e profissional. Ao meu irmão Marcos, que compartilhou meus anseios e se fez sempre presente, mesmo que em alguns momentos estivesse distante. Aos tios, tias, primos, primas, avôs e avós que torceram por mim, ainda que o convívio não tenha sido tão intenso quanto gostaríamos.

À minha orientadora, professora Dra. Vanessa Brasil, que me deu oportunidade, sempre acreditou em minhas escolhas e confiou na minha capacidade. Sua paciência e compreensão me tranquilizaram e seus questionamentos me fizeram evoluir.

Agradeço ainda às demais pessoas que contribuíram diretamente com críticas e direcionamentos. Aos professores Diva Muniz e Vicente Dobroruka, que nas discussões e disciplinas ministradas enriqueceram meu conhecimento e me forneceram grande repertório teórico. À professora Ione Oliveira, cujas orientações iniciais foram fundamentais para meu ingresso no mestrado e desenvolvimento intelectual. Aos colegas e amigos Jônatas, Ada e Heliene, pelas discussões proveitosas, e, principalmente, à Fabiana Macena e Francisco Macedo, pelas críticas que me ajudaram substancialmente. À Ester Gomes, pela revisão criteriosa e ponderada. À Júlia Câmara da Costa em especial, pela ajuda sempre repleta de companheirismo, dedicação e carinho, que a fizeram ansiar pelo sucesso dessa dissertação como se fosse sua.

Vale também agradecer aos inúmeros e fieis amigos, com quem compartilho minhas paixões. Aos de longa data, companheiros durante toda a jornada, e também aos mais recentes, cujas afinidades nos aproximaram. Todos (desde os mais antigos, os amigos de peladas futebolísticas, companheiros historiadores, corredores e

parceiros de choro) demonstraram na sua fé em meu sucesso, muitas vezes desprovida de qualquer fundamentação, uma confiança que só me fortaleceu e engrandeceu.

SUMÁRIO

- INTRODUÇÃO	09
- PRIMEIRO CAPÍTULO: OS SONHOS DE UM BANDITISMO MÍTICO	20
1.1 O CANGAÇO IDEALIZADO A PARTIR DE UM LUGAR DE FALA.....	24
1.2 DO CINEMA AO CORDEL: o Cangaço em diferentes mídias.....	32
1.3 DUAS TENTATIVAS DE SE ENTENDER UM MITO.....	35
1.4 A TRANSGUIRAÇÃO DO CANGAÇO: da condenação à exaltação.....	37
1.5 DO ÉTICO AO ESTÉTICO: as diferentes perspectivas nas representações do Cangaço.....	40
- SEGUNDO CAPÍTULO: TRÊS ROTAS PARA A COMPREENSÃO DE UM MOVIMENTO PLURAL	44
2.1 PRIMEIRO EIXO: o indivíduo enquanto fruto do meio?.....	47
2.2 SEGUNDO EIXO: a antropologia criminal e o discurso sanitarista.....	53
2.3 TERCEIRO EIXO: o cangaço como insurreição classista.....	59
2.4 UM OUTRO EIXO: novo atalho para chegar-se ao movimento.....	66
- TERCEIRO CAPÍTULO: A OUTRA FACE DE UM MOVIMENTO SOCIAL	69
3.1 MEMÓRIAS EMOLDURADAS: Abrahão e as fotografias do Cangaço.....	72
3.2 A ESTÉTICA DO CANGACEIROS: diferentes significados.....	76
3.3 AS CANGACEIRAS: comportamentos idealizados e idealizações questionáveis.....	82
3.4 A OSTENTAÇÃO DE PRÁTICAS E VONTADES EM UM ALTAR DE CABEÇAS.....	91
- CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
- ANEXO	99
- BIBLIOGRAFIA E FONTES	106

INTRODUÇÃO

Sabe-se bem a capacidade que a criminalidade tem de afetar o ambiente em que se estabelece. Através da atuação desta, comunidades e grupamentos sociais podem se modificar de modo tão intenso a ponto de adquirirem novas características e acrescentarem outras práticas ao comportamento individual e coletivo. Afinal, sendo o bandido um indivíduo que age em confronto às regras e leis delimitadas para a sociedade, é compreensível que a disseminação de um comportamento criminoso acabe implementando uma alteração considerável nos padrões de conduta idealizados. A criminalidade representa, portanto, um elemento de transformação da ordem vigente. Desse modo, mesmo não possuindo qualquer intuito de modificação coordenada da sociedade, o banditismo disseminado, nos seus mais diversos exemplares existentes¹ é, pelas consequências provocadas por suas ações, essencialmente um movimento social.

Convencionou-se chamar de Cangaço² a forma de banditismo própria da área do sertão do nordeste brasileiro e caracterizada pela profusão de grupos criminosos a exercerem atividades similares. Desde meados do século XIX³, com apogeu durante a década de 1920 e o caso (vinculado a morte do cangaceiro Corisco⁴) em 1940, vários

¹ Não faltam exemplos de diferentes formas de banditismos difundidos mundo afora. Apesar de motivações e características diversas (como a vinculação política dos anarquistas espanhóis ou a relação familiar existente na máfia), esses, quando bastante difundidos, acabaram por influenciar consideravelmente a sociedade em que se encontravam. Eric Hobsbawm dedicou duas obras a tais questões.

² Originalmente o nome Cangaço vem da adição do sufixo de grandeza *aço* à palavra *canga*. Esta, por sua vez, significaria uma reunião significativa de pequenos objetos e utensílios. Diz-se, então, que o tipo de banditismo próprio do sertão nordestino teria ganhado essa alcunha devido à considerável parafernália carregada pelos seus membros. CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de folclore brasileiro**. Belo Horizonte, MG. Editora Itatiaia: 1988, p. 187.

³ Algumas obras situam o início do cangaço ao ano de 1877, conhecido pela chamada seca dos dois setes. Porém, tomando por base a pesquisa de Frederico Pernambucano de Mello pode-se ver que data de 1835 o primeiro acordo interprovincial para perseguição de bandoleiros entre Ceará e Pernambuco – evidência da já existência de grupos salteadores armados naqueles dias. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2004, pp. 260-275.

⁴ Estabeleceu-se, com grande aceitação entre os estudiosos, a morte de Corisco como marco do desmantelamento do Cangaço. Apesar de não se poder datar com facilidade seu “término”, sabe-se que durante o final da década de 1930 e início da década de 40, a incidência de grupos bandoleiros caiu drasticamente. Pode-se atribuir tal fenômeno à perseguição estatal empreendida contra os grupos armados e à modernização do NE, simbolizada pela presença de estradas recortando o território de atuação dos cangaceiros e a utilização de rádio-telégrafos e submetralhadoras pelas tropas volantes.

bandos, organizados em torno de líderes hegemônicos e possuidores de uma hierarquia específica, realizaram incursões armadas, assaltando cidades e disseminando a violência pela região. Geralmente formados por sertanejos de poucas posses, os grupos cangaceiros se relacionavam com a sociedade e a população do sertão de forma ambígua. Estabeleciam acordos de ajuda mútua com lideranças locais e famílias e, em prol destes, eram, conforme os interesses defendidos, simultaneamente opressores e defensores de membros da população. Agiam inseridos em uma relação de poder que os transcendia mas da qual eram engrenagem importante.

Os cangaceiros não possuíam, portanto, um ideal de classe delimitado, um intuito de modificar a sociedade através de suas ações, nem obrigações de subserviência para com indivíduos quaisquer. Eram pessoas que, movidas por motivos diversos, ingressavam na vida criminosa e lá faziam carreira⁵. A partir das atividades implementadas e de sua efetividade, os bandoleiros e suas lideranças tomaram um papel de destaque na sociedade sertaneja e passaram a se relacionar através de acordos e/ou intimidação com indivíduos de diversas classes sociais. Como contrapartida, recebiam da população uma postura de apoio ou combate à sua existência⁶. A forma como a presença destes bandoleiros afetou os habitantes e a estrutura da sociedade do sertão simboliza bem o alcance do movimento no meio em que se estabeleceu⁷.

Além de serem protagonistas de uma nova ordem social sertaneja e de possuírem grande influência na sociedade, o status alcançado pelos cangaceiros transcendeu as fronteiras das regiões onde atuaram. Prova disso está no fato de o Cangaço tornar-se com o decorrer do tempo, especialmente a partir da década de

⁵ No decorrer do segundo capítulo, entrar-se-á em maiores detalhes nessa pluralidade de motivações e posturas dos cangaceiros.

⁶ A forma mais conhecida de apoio era aquela fornecida pelos coiteiros, pessoas que abrigavam os cangaceiros em suas terras. Quanto ao combate, a principal oposição era feita pelos grupos volantes, formados geralmente por pessoas comuns que se voluntariavam a combater os bandoleiros.

⁷ Para alguns autores, a ascendência destes no sertão chegou a ser tão representativa em um dado momento, que pode inclusive ser comparada às grandes lideranças locais – como se fossem uma espécie de “coronéis sem terra”. GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão: Vidas e Morte de um cangaceiro**. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

1920⁸, assunto recorrente em diversas manifestações artísticas e estudos provenientes dos estados que hoje compõem a região nordeste do Brasil⁹. Mesmo a derrocada do banditismo não representou uma interrupção na incidência de novas obras sobre o tema. Pelo contrário, a mitificação e imagem criada em torno deste serviu para que se tornasse uma referência nacional e até hoje um elemento identitário dos estados do nordeste brasileiro.

A facilidade existente em se encontrar exemplos de variedades de usos do Cangaço em obras elaboradas nos mais diversos períodos é elucidativa de sua representatividade. Filmes, livros, revistas, festas populares e outros elementos de nossa sociedade trabalham ainda hoje, constantemente, o banditismo sertanejo, sendo este o elemento principal de uma narrativa, ou até mesmo servindo como pano de fundo para outros propósitos. Dentro dessa amplitude de intenções e perspectivas, encontram-se enfoques que transitam entre a pesquisa técnica, fundamentada através de rigores teóricos e metodológicos, e representações desprendidas de um método de investigação indiciária, que frequentemente expuseram com menor preocupação opiniões e julgamentos de valor a respeito dos cangaceiros.

É interessante perceber como, nesse processo, transfigurou-se a figura do bandoleiro comum para atribuir-se outras características aos cangaceiros. Dentre as mais diversas produções sobre o tema, o movimento foi alvo de diferentes interpretações que simultaneamente ajudaram a moldar opiniões a seu respeito e serviram como veículo de expressão para perspectivas já disseminadas. A romantização dos cangaceiros ganhou uma dimensão que transcendeu a própria veracidade quanto às suas atuações, estabelecendo-se assim uma considerável intercessão entre mito e História. A partir desse ponto, passou a ser mais relevante para a compreensão da sociedade sertaneja o significado do Cangaço na construção de uma identidade local do que a fidedignidade das perspectivas existentes.

É justamente em torno dessa pluralidade de ideias de Cangaço e dos conceitos explicitados nelas que se situa o ponto mais importante da discussão aqui proposta. É

⁸ A década de 1920 foi um período em que os grupos bandoleiros se disseminaram consideravelmente. Foi nessa época que o bando de Lampião se destacou dos demais e cresceu a ponto de se subdividir em torno de lideranças secundárias (como os subchefes Corisco e Luis Pedro).

⁹ Na época a divisão regional brasileira ainda não possuía a configuração que tomou atualmente, sendo a formação da região nordeste, nos moldes atuais, algo posterior.

no estudo das diferentes apreciações e pensamentos expressos em torno do movimento (depreendidos das várias representações existentes) e dos motivos por detrás de tais perspectivas que está o cerne desta análise. Tratando do modo como o Cangaço foi lido e ressignificado, poderá se estabelecer uma crítica em relação às interpretações do movimento e também fundamentar outras perspectivas possíveis para analisá-lo.

Para tanto, dividiu-se a reflexão expressa neste estudo em três momentos distribuídos em três capítulos distintos, porém complementares: parte-se de uma análise da imagem disseminada de Cangaço, transita-se pelas rotas comumente empregadas pela historiografia e, posteriormente, direciona-se melhores formas de se compreender o tema e fundamentar novos estudos. A partir da apreensão de diferentes perspectivas, e de uma análise que engloba tanto manifestações populares quanto acadêmicas, questionar-se-á o já elaborado sobre o banditismo sertanejo, buscando entender a real dimensão do movimento.

A primeira parte dessa reflexão dedica-se a trabalhar com o conceito popularmente disseminado sobre o Cangaço. Mais especificamente, pretende-se examinar a noção difundida a respeito do tema, a maneira como esta se formatou, e encontrar as influências que ajudaram a criar tal perspectiva. A análise dessas questões percorre obrigatoriamente uma apreciação das produções artísticas existentes sobre o banditismo sertanejo¹⁰. Afinal, não se pode desconsiderar a participação das obras mais acessíveis e de maior difusão na formação de uma imagem sobre o Cangaço e nem a sua utilidade como mecanismo de expressão da população de um modo geral. Estas são os tipos de produção de maior imersão dentro da cultura e das opiniões populares.

Devido a considerável quantidade de obras a respeito do Cangaço, torna-se inviável realizarem-se análises e apreciações aprofundadas sobre cada uma destas. De qualquer forma, mesmo que a produção a respeito do movimento não fosse tão ampla, o cumprimento de tal tarefa é, em certo ponto, dispensável para a reflexão proposta.

¹⁰ Usa-se o termo “artísticas” como referência às obras que não sejam acadêmicas e nem mesmo eruditas, àquelas que se dedicam mais a tecer um quadro estético sobre o movimento do que a aplicar uma fundamentação indiciária ou promover uma análise verificável sobre o tema.

Mais vale aqui entender as influências de tais obras e a forma como essas expressam as opiniões disseminadas sobre o Cangaço do que apreciá-las individualmente. Ademais, a procura não é por conseguir catalogar todas as manifestações culturais existentes sobre o movimento, mas demonstrar a participação dessas como elemento de influência na caracterização do Cangaço em diferentes períodos, ambientes e grupos sociais.

O esforço por compreender tal questão passa diretamente por dois conceitos imprescindíveis para nortear a análise proposta. Ao se trabalhar a maneira como indivíduos expressam as ideias que possuem sobre situações ou elementos quaisquer, aplica-se o conceito de *representação*¹¹. Este permite considerar a forma com que as pessoas se manifestam como uma ferramenta de acesso aos valores, vontades e opiniões de seu autor. De modo semelhante, trabalha-se também o conceito de *lugar social*¹², útil por ressaltar o quanto uma obra se encontra também envolta pelo contexto do lugar, espaço e tempo¹³ em que é elaborada. A partir dessas categorias e da fundamentação que as cerca, pode-se tecer uma análise mais atenta à série de questões correlatas à forma como o Cangaço foi utilizado e focado em diversos meios de expressão popular.

Apresenta-se, assim, uma questão importante. Ao mesmo tempo em que ajudam a formatar ou influenciar o pensamento a respeito de um tema específico, as obras existentes também servem como manifestação da forma de pensar do seu autor e, em alguma instância, de sua relação com o ambiente de que fazem parte. Nesse trânsito entre as posições de criadoras e criaturas, as obras artísticas, mais acessíveis ao público e, por este motivo, de maior difusão e apreciação na sociedade como um

¹¹ Baseado nas considerações de Roger Chartier, o conceito de *representação* insere o repertório intelectual e as opiniões de seu autor como parte diretamente influente na maneira como esse se expressa – por mais diversos que sejam os mecanismos utilizados para atingir tal finalidade. Em: CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

¹² O *Lugar social* é, segundo Michel de Certeau, o ambiente que cerca o indivíduo e que se encontra manifesto, influenciando a forma como este seleciona, indaga, contextualiza sua pesquisa e se manifesta por meio da escrita. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In Certeau, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006, pp. 65-119.

¹³ A tríade *lugar, espaço e tempo* foi destacada por Koselleck como elemento de influência na produção de um indivíduo. KOSELLECK, Reinhardt. Ponto de vista, perspectiva e temporalidade: contribuições à apreensão historiográfica da História. In KOSSELLECK, Reinhardt. **Futuro passado: contribuições à semântica do tempo histórico**. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2006, pp. 161-188.

todo, certamente exerceram maior influência sobre as opiniões populares que as obras acadêmicas, direcionadas a um nicho restrito. Devido a sua proximidade, foram essas que estabeleceram uma relação mais estreita com o público e com o pensamento e opinião disseminados.

Nesse processo de caracterização do Cangaço, várias formas de expressão foram utilizadas, entre elas filmes, livros, quadros, músicas, revistas, cordéis, peças e festas. É importante notar que tais manifestações não são uniformes e remetem cada qual a diferentes públicos. A narração fantasiosa e versada dos cordéis, geralmente restritos a um âmbito regional, contrasta, por exemplo, em relação ao cosmopolitismo e às inúmeras possibilidades estéticas e narrativas utilizadas pelo cinema. Assim, diferentes grupos sociais tiveram acesso a diferentes manifestações culturais que ajudaram a popularizar e construir as visões e opiniões existentes sobre o Cangaço.

A forma como essas perspectivas foram elaboradas e influenciadas leva também a questionamentos mais amplos do que aqueles que dizem respeito apenas ao banditismo sertanejo. A partir das elaborações analisadas, pode-se também teorizar sobre o próprio papel da História em tal processo e as diferenças existentes entre a análise de obras da disciplina e aquelas direcionadas a outros tipos de produção. Nessas questões não apenas nota-se a pequena relevância das elaborações historiográficas na formulação de conceitos disseminados popularmente de Cangaço, como também se ressaltam questões importantes para que seja realizada uma análise mais fundamentada de obras acadêmicas.

Parte-se assim para o segundo momento da reflexão proposta, aquele que se dedica a analisar a maneira como a historiografia tratou o banditismo sertanejo. Na busca por compreender as representações de História sobre o Cangaço, passa-se por uma apreciação das obras existentes. É por intermédio desta e de uma crítica atenta que se pode perceber melhor os detalhes e características das produções¹⁴. Segundo as considerações de Max Weber¹⁵, a realização de tal tarefa serviria como elemento

¹⁴ Vários teóricos defenderam um exame crítico de outras obras e teorias como uma etapa anterior a qualquer elaboração pessoal. Entre estes, Popper, Weber e Collingwood.

¹⁵ Weber desenvolveu extensa argumentação sobre os procedimentos de análise acadêmica, especialmente em: WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Parte I. São Paulo: Cortez, 1999.

indispensável para compreender diferentes enfoques sobre o tema e também fundamentar as escolhas posteriormente realizadas na análise do objeto. A crítica é útil, portanto, por enriquecer o conhecimento específico sobre o assunto tratado e fornecer uma amplitude de possibilidades para a aplicação de escolhas teóricas.

Também extensa, a bibliografia de obras acadêmicas a trabalhar o Cangaço é composta por produções representantes de várias escolas de pensamento e de estudos provenientes de diferentes períodos e procedências. Apesar dessa diversidade, existem alguns tipos de argumentos e elaborações que se repetem constantemente na maioria das produções encontradas. Trata-se de ideias, vocábulos ou tendências interpretativas gerais, encarados, segundo alguns vieses, como formas eficazes de se trabalhar o Cangaço, e por isso reinseridos em representações acadêmicas posteriores. Existe, portanto, apesar da diversidade citada, elementos comuns que frequentemente se reapresentam em obras sobre o movimento.

Seguindo a percepção resultante das apreciações críticas realizadas sobre as representações historiográficas do Cangaço, divide-se para o segundo capítulo, em três grande eixos, as tendências interpretativas reafirmadas recorrentemente nas obras encontradas sobre o tema¹⁶. Englobando os padrões mais comuns, tal divisão abre a possibilidade para que se entenda a forma como as produções sobre o movimento se relacionam com modelos maiores de pensamento e interpretação histórica e a maneira como algumas questões se edificam nas formas de se pensar e trabalhar determinado assunto. Por intermédio desse processo de metodização, percebe-se o modo como certas elaborações acabam por se sobressair à análise efetiva do Cangaço. Assim como rotas já estabelecidas e seguras para se chegar a um local específico, trafega-se costumeiramente por tais construções, pressupondo estas serem as melhores maneiras de se alcançar o entendimento do movimento.

Nesse ponto, as reflexões de Karl Popper servem bem às análises propostas. Por atribuir à História a característica de tratar de objetos específicos racionalmente e não criar conceitos de interpretação gerais, critica-se a simples adoção de grandes modelos e pressupostos como forma pré-estabelecida de se teorizar a respeito de algo. A disciplina baseia-se, portanto, em estudos de caso. Não se quer dizer com isso que

¹⁶ Cada um desses eixos foi estabelecido a partir de seus vínculos com grande correntes teóricas, reafirmando preceitos, outrora hegemônicos, para a análise da sociedade e interpretação histórica.

as tendências e escolas existentes de interpretação gerais devam ser totalmente evitadas, mas que estas sejam utilizadas apenas após uma ponderação do autor que constate serem a melhor maneira de se trabalhar o tema. Desse modo, deve-se evitar a reafirmação de padrões existentes que não tenham sido fundamentados por críticas e análises do objeto estudado.

A ponderação a respeito dos três eixos (ou rotas) delimitados a partir de sua recorrência em estudos acadêmicos do Cangaço serve também para notar algumas generalizações existentes. Muitas vezes, em prol de uma concepção idealizada do movimento, desconsiderou-se características importantes na própria identidade deste. Em várias situações, pode-se perceber reduções a respeito da atuação do Cangaço e padronização de comportamentos. Um bom exemplo está no ato de englobar cangaceiros diferentes e, também por esse motivo, portadores de atitudes distintas, como membros de um grupo homogêneo e uniforme. Tal representação contrapõe os direcionamentos de Popper e o que se sabe a respeito dos bandoleiros, desconsiderando a particularidade e autonomia de suas ações em prol de um modelo interpretativo.

Perceber questões como as diferenças existentes entre cangaceiros, as particularidades de suas atitudes e a amplitude de facetas do movimento é fugir da atribuição de uma uniformidade ao mesmo e valorizar as especificidades individuais e coletivas do Cangaço. Nesse contexto, servem como alicerce as construções teóricas realizadas por E. P. Thompson na elaboração de seu conceito de *História vista de baixo*¹⁷. Ressalvas como a de se buscar entender os indivíduos como agentes de sua realidade são fundamentais para que se evitem generalizações e possa se empreender um esforço por entender o movimento e seus membros. Assim, apresentar-se-á um Cangaço diferente ao idealizado, diversificado em sua composição e ações no ambiente sertanejo.

Ao se notar que o Cangaço é mais do que apenas um movimento criminoso ocorrido no nordeste brasileiro, torna-se necessário identificar sua pluralidade e assim demonstrar em que instância transcende-se a mera questão da violência praticada.

¹⁷ A *História vista de baixo* é definida, desenvolvida e exemplificada em: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Cia. das letras, 2000.

Ponderando tais considerações, é mais pertinente para este estudo que se analise o ambiente e as outras práticas existentes em torno dos bandos, assim apresentando diferentes perspectivas do movimento, do que se dedicar a tratar das ações armadas empreendidas pelos cangaceiros. Respalhada pelas ressalvas feitas nos momentos anteriores desta pesquisa, essa última etapa pretende expor uma outra face, menos trabalhada e conhecida, do Cangaço.

Seguindo assim a mesma linha de raciocínio e análise que culminou nesse ponto, deve-se compreender a maneira como diferentes indivíduos agem socialmente e transformam sua realidade¹⁸. A relação estabelecida entre os cangaceiros e o meio em que se encontravam tem de ser vista, portanto, com a dinamicidade necessária para que não se omitam as influências recíprocas entre ambos. Os bandoleiros agiam na constante transformação de sua realidade e compunham um espaço envolto por diferentes valores, hábitos e práticas implementados em seu cotidiano¹⁹. Trata-se de um Cangaço possuidor de uma série de facetas, que se manifestam nas atitudes dos bandoleiros e na própria organização dos vários grupos existentes.

A forma encontrada para trabalhar essas questões foi a da realização de um estudo dentro das possibilidades interpretativas fornecidas pelas leituras e reflexões feitas sobre o tema e por uma análise das fotografias remanescentes do Cangaço. Resultado do esforço de fotógrafos e também da exposição de alguns bandos, a quantidade de imagens do movimento é consideravelmente grande e diversa. É comum, por exemplo, encontrarem-se fotos obtidas no momento da prisão de bandoleiros ou quando da passagem destes por alguma cidade²⁰. Todavia, uma leva de imagens se destaca das demais por trazer retratos posados de dentro dos bandos cangaceiros e com o consentimento dos mesmos. Resultado da incursão do sítio-libanês Benjamin Abrahão pelas caatingas em busca do bando de Lampião, tais fotografias expõem alguns elementos pouco visitados em análises do Cangaço e que

¹⁸ Consideração que se encontra ainda vinculada às elaborações de Thompson sobre *História vista de baixo*. THOMPSON, E. P. *Op cit.*

¹⁹ O conceito de *espaço* como um lugar dinâmico e, portanto, influenciado pela ação dos indivíduos é fornecido por Michel de Certeau em: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁰ As fotografias mais famosas desse tipo são aquelas que foram obtidas por Lauro Cabral quando da passagem de Lampião por Juazeiro/CE, motivada por um encontro com o Padre Cícero Romão Batista no ano de 1926.

abrem margem para outras reflexões sobre o movimento e suas diferentes características.

Por meio das imagens feitas por Abrahão, podem-se levantar diversos questionamentos sobre o Cangaço e assim fomentar considerações pertinentes ao entendimento de sua pluralidade. Elementos explicitados nessas fotografias, como a indumentária utilizada pelos bandoleiros, a presença da religiosidade e os hábitos cultivados nos bandos, servem como base para a fundamentação de análises mais amplas e que tratam de questões pouco trabalhadas. A forma como o Cangaço se relacionou com a sociedade sertaneja e a maneira como modificou suas práticas com o decorrer do tempo são bons exemplos de algumas reflexões embasadas nas percepções resultantes da apreciação de tais fotos.

Considerando-se sempre a complexidade, pluralidade de significados e a gama de informações que pode ser inferida a partir da análise de retratos e fotografias, vê-se que a possibilidade de estudo apresentada em torno de fontes imagéticas é gigantesca. Deve-se ter, então, o cuidado necessário para não pressupor questões quaisquer a partir da simples impressão causada pelas imagens, mas ponderar a percepção obtida com o conhecimento correlato a respeito do tema. Sendo assim, as fotografias utilizadas servem como fontes para indagações e elaborações e, simultaneamente, ilustrações para o assunto trabalhado²¹. É justamente nessa dupla função, que resulta em um misto de descrição e apreciação investigativa, que reside a maior relevância dessas no tipo de análise aqui proposto, pois é por meio desse antagonismo que se pode fundamentar e também visualizar de onde surgem as elaborações realizadas.

Algumas questões delicadas e de difícil definição assertiva, como a participação das mulheres nos bandos, necessitam um esforço considerável para seu entendimento. Ou seja, mesmo que as imagens não explicitem claramente a participação ativa de cangaceiras nos grupos e a maioria dos estudos também sejam omissos em tal questão, há de se buscar compreender de que forma tal atuação ocorria – ainda que isso possa ser feito apenas em relação a alguns casos específicos. Persiste assim o objetivo de se entender a forma como os indivíduos manifestam sua

²¹ As ressalvas quanto às possibilidades de reflexão presentes na análise de fotografias e toda a complexidade e cuidados necessariamente considerados em um estudo delas, foram muito bem elaboradas e metodologizadas por Boris Kossoy em: KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo, SP. Ateliê Editorial, 2001.

autonomia, mesmo em situações desfavoráveis. A partir desse esforço, delineia-se um outro Cangaço, distinto, especialmente se comparado às representações apresentadas anteriormente.

Assim como em uma incursão em meio à caatinga, o rastro dos cangaceiros se apresenta por entre caminhos repletos de espinhos, pedras e outras dificuldades, mas que simultaneamente permite notar a riqueza e beleza do ambiente sertanejo. Ao redor do Cangaço ou em meio a este, mas sobretudo por intermédio de sua participação, estabeleceu-se uma ordem social particular a um espaço específico e possuidora de consideráveis ramificações. Segue-se, portanto, em uma jornada de perseguição a esse movimento que simultaneamente reconhece sua pluralidade e o enxerga como um fenômeno social singular.

PRIMEIRO CAPÍTULO

OS SONHOS DE UM BANDITISMO MÍTICO

Por mais que frequentemente trabalhe em contato com diversos eventos ou manifestações relacionados diretamente à cultura e identidade popular, o papel da História como definidora de uma imagem disseminada socialmente é decerto questionável. Mesmo que as elaborações realizadas pela disciplina delimitem um direcionamento para comprovação de seus argumentos e um caminho a ser percorrido para fundamentar-se a compreensão de um determinado assunto, a partir do momento em que este se estabelece no imaginário coletivo perde-se o controle sobre a forma como será encarado e reapresentado posteriormente, passando a fazer parte de um sistema paralelo, sujeito a regras e concepções distintas e muitas vezes distante do rigor teórico de uma análise historiográfica.

Assim sendo, podem se encontrar vários exemplos de representações populares²² que apresentam retratos destoantes em relação às elaborações historiográficas acerca de um objeto. Isso se dá pelo fato de não estarem necessariamente voltadas para a compreensão de algo, mas possivelmente utilizando-se de um tema para manifestarem-se dentro de um padrão estético; ou realizando qualquer outra função que não possua necessariamente a pretensão de uma análise correspondente a quaisquer evidências já existentes. Justamente por não pretenderem essa veracidade²³ tais obras devem ser analisadas com as devidas ressalvas, sem buscar uma fidedignidade com os vestígios encontrados, mas pretendendo compreender a maneira como sua presença expressa uma forma de se encarar um acontecido.

Se considerada ainda a representatividade de certos assuntos e o quanto estes se encontram vinculados à concepção de uma identidade local, torna-se compreensível a passionalidade frequentemente aplicada em suas caracterizações.

²² O uso do termo *Representações Populares* diz respeito às produções que emanam de manifestações culturais da população de uma forma geral e se encontram distantes em sua elaboração dos mecanismos de análise e avaliação do meio acadêmico. Posteriormente ira se detalhar com mais afinco aquilo que se entende pelo termo *Representação*.

²³ A busca pela veracidade é tema recorrente nas análises e teorizações dos estudos de História. Apesar de saber-se da impossibilidade de acesso direto a esta, a pretensão existente em alcançá-la é algo que instiga a curiosidade natural dos indivíduos. Contudo, há de se ressaltar mais adiante as diferentes formas de se lidar com tal questão.

Nesses casos, o outrora visto como crueldade poderia bem se transformar em heroísmo, e os atributos individuais (ou os desvios de conduta e caráter presentes em eventos e pessoas) exaltados ou omitidos. Assim, a produção realizada nesse contexto não traria consigo necessariamente uma preocupação em compreender um acontecido. Apresentaria, porém, uma abordagem de elementos que em alguma instância configuram a própria maneira como as pessoas se veem, ou gostariam de serem vistas, podendo estar mais em função da valorização de uma determinada perspectiva do que propondo uma reflexão qualquer. É necessário, portanto, considerar-se essa instância para uma explicação das representações popularmente disseminadas acerca daquilo que é tido como elemento caracterizador em determinada sociedade.

Enquanto alvo de estudos acadêmicos e manifestações culturais, o Cangaço se encaixa perfeitamente na descrição acima mencionada. Afinal, não se pode negar o quão emblemático este é para a produção cultural e artística nacional, tendo sido utilizado como pano de fundo ou elemento principal em um significativo número de produções de diferentes épocas, áreas e abordagens. Muito mais do que apenas um movimento social ocorrido onde futuramente viria a ser formada a região Nordeste²⁴ do Brasil, com o passar do tempo o Cangaço ampliou consideravelmente seu sentido, vinculando-se à identidade nordestina e estando simbolicamente relacionado à luta diária das populações sertanejas por melhores condições de vida. Trata-se, portanto, de um elemento identitário, que transcendeu sua própria existência para ser apropriado posteriormente através de outros significados.

Buscar compreender a forma como isso ocorreu é decerto um trabalho árduo. Em uma abordagem analítica da maneira como se deu o forjamento da ideia de Nordeste hoje popularmente estabelecida, Durval Muniz de Albuquerque Jr. tratou em vários momentos o Cangaço como sendo um dos componentes principais para a formação de uma identidade regional. Tem então como base para sua teorização um conceito disseminado de Nordeste surgido como “produto de uma operação de homogeneização”²⁵ e que, através de vários tipos de representações²⁶ e constantes

²⁴ A atual divisão regional brasileira e a formação do Nordeste como o conhecemos hoje apenas foi instituída em 1978. Um fenômeno interessante é que mesmo o Cangaço não tendo existido com intensidade em todos os estados hoje componentes da região, encontram-se em todos eles manifestações artísticas que retratam cangaceiros.

²⁵ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, PE: FJN, Ed. Massangana, São Paulo, SP: Cortez, 2001. pp. 21.

delimitações espaciais²⁷, deu forma aos elementos hoje diretamente associados à região. O Cangaço é, nesse processo, peça fundamental para a concepção e fortalecimento da imagem atualmente edificada de um Nordeste.

Resultado de discursos e práticas regionalistas instituídas no pós-1910, a invenção do Nordeste traz consigo uma imagem saudosista, e em alguns pontos culturalmente estática, de um local que teoricamente manteve tradições, hábitos e práticas “puramente nacionais”²⁸. Nesse ponto, o afloramento de elementos específicos da região, como o Cangaço, serve aos propósitos de uma série de autores, pensadores e artistas que pretendiam retratar as manifestações mais peculiares da cultura nacional. Especialmente a partir da década de 20, e do famoso movimento modernista²⁹ (e desse ponto em diante com a participação de diversas figuras consagradas: como Mário de Andrade, Candido Portinari, Tarsila do Amaral, Lima Barreto, Glauber Rocha, José Lins do Rêgo, entre outros), incorporam-se nas manifestações artísticas nacionais de elite temas tipicamente nordestinos que, associados a uma própria concepção de brasilidade, ajudam a formatar e propor percepções para a construção daquele espaço.

Considerando todo o descrito até aqui, é relevante, como forma de esclarecer a maneira como se entende a produção existente sobre o Cangaço, realizar-se uma remissão às considerações de Roger Chartier a respeito do conceito de *representação*.

²⁶ A difusão de representações sobre o Nordeste é tão ampla quanto variada. Especialmente após 1910, quando o Cangaço já estava consideravelmente disseminado e possuía fama nacional, existem vários exemplos de livros, filmes, revistas, cordéis, músicas, entre outros tipos de produções em que este aparece com destaque. Muitas dessas obras estão gradativamente citadas durante o proceder deste capítulo.

²⁷ Segundo Michel de Certeau, o conceito de *espaço* diz respeito a uma noção mais dinâmica do que o de *lugar*. O espaço pode ser visto com o lugar praticado. Ou seja, algo que é influenciado pela constante ação dos indivíduos em seu meio, remetendo diretamente às pessoas como delimitadoras desse espaço. Portanto, trata-se de uma noção espacial que transcende o físico e está também envolta pelas pessoas que lá atuam. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

²⁸ Principalmente no que diz respeito ao trabalho dos folcloristas, reivindica-se uma certa estaticidade engessante a elementos culturais já obsoletos ou modificados. Como se o Nordeste fosse um local de preservação da cultura brasileira e por isso tivesse de conservar tais elementos da maneira como se encontravam e extrair deles os símbolos de uma identidade nacional.

²⁹ Utilizando-se fortemente de imagens fragmentadas e simbólicas, o movimento modernista se estabeleceu como vanguarda estética a partir da semana de arte moderna de 1922. Entre as ideias implementadas, pretendia-se representar elementos da nacionalidade através de produções artísticas e assim desenvolver uma arte com um caráter identitário voltado para o nacional.

Segundo tais elaborações, as representações são construções realizadas por indivíduos, por meio de uma linguagem específica, acerca de quaisquer situações, ou elementos, que se sintam motivados a tratar. Por sua vez, remetem diretamente à forma com a qual este mesmo sujeito assimila e ressignifica as coisas, trazendo consigo discursos, opiniões e até, em alguns casos, os interesses de quem as profere³⁰. Desse modo, para compreender a natureza e intencionalidade de uma determinada representação é necessário correlacionar os discursos com a posição de quem os elabora, buscando questionar a presença opinativa e a intencionalidade existente nas práticas representativas.

Haja vista a indissociabilidade existente entre temas como as longas secas, o Cangaço, o estabelecimento de elites regionais e o conceito difundido acerca do Nordeste, torna-se relevante considerar aquilo que tange a identidade sertaneja para compreender a maneira como qualquer desses itens citados é encarado coletivamente. Ademais, analisando-se as obras sobre o Cangaço, encontram-se caracterizações tão discrepantes entre si, que existe mais utilidade em se analisar o lugar de fala, as influências e opiniões de seu autor, do que buscar uma fidedignidade entre as feições por ele externadas e as evidências. Ou seja, partindo-se da ideia de que alguns temas possuem tamanha representatividade a ponto de gerar em torno de si obras mais dedicadas há se utilizarem de uma imagem já disseminada do que a gerar uma caracterização verificável, não há motivos plausíveis para buscar-se nessas qualquer fundamentação investigativa.

Desse modo, deve-se procurar neste momento perceber o sentido existente por detrás da importância atribuída ao Cangaço e, assim, justificar suas numerosas e extremadas recorrências nas mais diversas representações. É por possuir um vínculo tão grande com uma identidade popular, e por esta afetar de forma tão considerável a produção a respeito, que tal movimento adquire importância para este estudo. Não se pretende buscar aqui uma veracidade nos discursos existentes, nem demonstrar o serviço desses para a invenção de produções sobre o Cangaço, ou sequer analisar pontualmente a validade de obras ou textos. A intenção é perceber o papel de influência das diversas representações existentes nas percepções sobre o banditismo

³⁰ Essa definição não chega a ser dada efetivamente por Chartier, mas pode ser inferida através de suas considerações em: CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

sertanejo e qual o conseqüente significado do movimento para a população de uma forma geral.

1.1 O CANGAÇO IDEALIZADO A PARTIR DE UM LUGAR DE FALA

Se realizado um panorama superficial das manifestações culturais que remetem a elementos do Cangaço, demonstrar-se-á com facilidade a pluralidade de enfoques e a passionalidade existentes em torno do mesmo. Por mais que na atualidade se encontre maior quantidade de manifestações dedicadas apenas a vangloriar e glorificar as atitudes dos bandoleiros, ao recuarmos um pouco no tempo perceberemos que as opiniões a respeito destes não foram sempre tão uniformes quanto aparentam. As perspectivas sobre os cangaceiros transitam em uma amplitude de definições que vai desde a absolvição plena, em que são retratados como os mais nobres defensores do povo, até a condenação total de suas ações, em perspectivas que os encara como cruéis facínoras aterrorizando a população sertaneja no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

Como é de se esperar, existem diversos filmes, versos, livros, quadrinhos, revistas e imagens que elucidam bem a diversidade de tais opiniões e podem nos ser úteis como alicerce para uma melhor compreensão das representações existentes em torno do Cangaço. Mais do que apenas apreciações isoladas a respeito do movimento, tratam-se de elementos disseminadores de concepções básicas acerca dos cangaceiros. Em alguns casos a incidência e repercussão desses em meio à população é tão significativa que a perspectiva ali manifestada ganha um status de verdade não correspondente inclusive com as próprias intenções de quem produziu tais obras. Nesse ponto, pode-se considerar essas produções como elementos influentes na formação de imagens coletivas.

Seguindo essa linha de análise, algumas teorizações historiográficas podem ser úteis pelas constantes ressalvas e alertas feitas em relação à influência do meio na produção, e até reflexão, de um indivíduo qualquer. Tema recorrente em diversos estudos, tais questões foram principalmente trabalhadas por Michel de Certeau e Reinhardt Koselleck. Ambos concordaram em ressaltar a relevância do ambiente em

que o indivíduo está imerso em seu processo racional. Trata-se de algo facilmente notado em uma análise acerca da forma como alguém representa seus pensamentos, mas que, através da intervenção de tais autores, conseguiu ser tipificado e metodizado de uma maneira tão eficiente que se torna difícil tratar do assunto sem prestar referência a estes teóricos.

Segundo Certeau, esse fator, denominado como *lugar social*, influencia a forma como um pesquisador seleciona, indaga e contextualiza sua pesquisa e também se manifesta ao apresentar suas conclusões. Tais procedimentos de análise, chamados de *operação historiográfica*³¹, fazem parte da maneira como um historiador procede racionalmente e são indissociáveis de seu lugar social. Já Koselleck delimitou a tríade *lugar, espaço, e tempo* como elementos influentes na maneira de pensar de um indivíduo, por isso relevantes na apreciação de obras³². Apesar de diferenças pontuais em ambas as teorias, pode-se notar uma concordância em atribuir ao lugar de fala um papel relevante na estruturação de um pensamento. Sendo assim, considerar a influência do ambiente é fundamental para se compreender as representações populares.

Em se tratando da forma como a população projeta a atuação e índole dos cangaceiros, o documentário belga *Sonhos de Bandido*³³ mostra bem a intensidade da glorificação existente em torno de seu principal líder, Lampião. À procura de representações de pessoas comuns sobre o “Rei do Cangaço” no sertão do nordeste brasileiro, Nicodème de Renesse e Daniel Chemin retratam em várias situações a força representativa e o exemplo máximo de valentia e honra atribuído à figura do bandoleiro. Em sua jornada por diversas localidades, acabam por encontrar vários

³¹ A pormenorização e classificação de cada etapa da operação historiográfica foi realizada por Certeau em um texto cultuado nos estudos de teoria da História. Em todos esses processos, ressaltou a participação do lugar social nos procedimentos adotados pelo pesquisador. CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In Certeau, Michel de. **A Escrita da História**. 2^a ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006, pp. 65-119.

³² Tratando da forma como um indivíduo procede racionalmente e desenvolve suas ideias, Koselleck enfatizou esses três fatores como indissociáveis na apreciação das ideias de um sujeito qualquer. KOSELLECK, Reinhardt. Ponto de vista, perspectiva e temporalidade: contribuições à apreensão historiográfica da História. In KOSSELECK, Reinhardt. **Futuro passado: contribuições à semântica do tempo histórico**. Rio de Janeiro, RJ; PUC-Rio, 2006, pp. 161-188.

³³ Documentário feito em 2007, realiza diversas entrevistas e filma pessoas que trabalham e representam cotidianamente o Cangaço. De origem belga, o título original é *Revês de Bandit* e foi dirigido por Daniel Chemin e Nicodème de Renesse.

exemplos de pessoas que glorificam a figura de Lampião por meio de festas, filmes e peças, chegando ao ponto de pautarem sua conduta cotidiana em uma busca pelos atributos creditados idealizadamente ao “Rei do Cangaço”.

Nesse eficiente documento, destacam-se dos demais três relatos distintos: o de um senhor contando conhecer pessoas que teriam visto Lampião transformar-se em um pedaço de pau; o de jovens que o enaltecem e sonham em um dia seguir os passos do bandoleiro; e, principalmente, o do padre Eraldo Cordeiro, que percorre as localidades do interior de Pernambuco atraindo multidões para missas onde compara os caminhos, escolhas e atitudes do cangaceiro às passagens da vida de Jesus Cristo. Em todos esses, nota-se a idealização de Lampião em três diferentes níveis, símbolos da força e incidência da imagem do cangaceiro na vida desses indivíduos. Passando pela vivência cotidiana, pelo fantasioso sobrenatural e até mesmo pelo metafísico, Lampião aparece na sociedade sertaneja em diversas instâncias como modelo a ser seguido.

De fato, pode-se dizer que as perspectivas de boa parte da população a respeito do bandoleiro não coincidem quase em nada com a imagem encontrada em qualquer pesquisa mais detalhada sobre o Cangaço. Não é concebível racionalmente um indivíduo, por mais que este seja virtuoso, capaz de transformar-se em poucos instantes em uma planta, um mineral ou até mesmo em outro animal. Também não parece aconselhável a um jovem qualquer seguir os caminhos de um homem acusado de cometer diversos crimes e que terminou sua carreira sendo assassinado e esquartejado pela polícia. Da mesma maneira, dificilmente se encontrará alguma figura eclesiástica sensata que esteja em concordância com as semelhanças entre Lampião e Jesus Cristo alardeadas pelo padre Eraldo Cordeiro.

Partindo-se desses exemplos, nota-se a particularidade da imagem de Lampião existente no sertão do nordeste brasileiro. Lá esse deixa de ser apenas um indivíduo atuante em um momento e local específico e passa a fazer parte de um universo onírico, onde o sobrenatural e o palpável coexistem ao redor da figura de um mito. Trata-se de um indivíduo tão admirado e idealizado que não há como separar efetivamente o quanto do dito a respeito dele é fantasioso e o quanto realmente ocorreu durante sua carreira no Cangaço. Pode-se dizer que o Lampião do sertão de

hoje é um personagem que caberia muito melhor em um sonho do que na realidade existente há quase um século.

Sendo assim, não seria justo nem coerente exigir de tais representações uma correspondência para com os eventos da vida do cangaceiro. A utilidade dessas perspectivas está muito mais em provocar uma reflexão e um esclarecimento a respeito dos motivos de tamanha glorificação e assim compreender o significado dessas. Se a busca é por realizar-se uma análise social das idealizações de indivíduos, passa a ser mais relevante aquilo que se expressa (a forma como o objeto é representado) do que qualquer contrapartida de sua veracidade³⁴. É válido, portanto, ressaltar nas diferentes facetas apresentadas no documentário belga uma origem comum, proveniente de um lugar de fala significativo para se explicar os motivos de sua concepção. Refiro-me a um meio sertanejo envolto pelas concepções ideais que de lá emergem.

Considerando-se ainda a importância atribuída à figura de Lampião e a sua popularidade, pode-se notar outra característica típica das percepções usuais sobre o Cangaço. Assim como o movimento se tornou tão representativo a ponto de ser utilizado para a construção de uma identidade nordestina, gerando uma associação recorrente entre os dois assuntos, o nome de Lampião é hoje uma referência direta a todo o abrangido em qualquer alusão ao cangaceirismo. Trata-se de uma associação tão clara, que em vários momentos autores, pesquisadores e pessoas comuns referem-se a ambos como sinônimos, confundindo uma parte importante de um movimento plural com a sua totalidade.

Tal situação é facilmente explicada pela popularização da fama do cangaceiro, resultado da considerável presença de Lampião na imprensa quando da época de seu reinado³⁵ e por sua constante caracterização nas mais diversas produções. Além de

³⁴ Mais a frente retomaremos a discussão a respeito do conceito da pertinência existente em uma busca pela verdade e a maneira como esse conceito se encontra presente na historiografia.

³⁵ Convencionou-se chamar a década de 1920 de reinado de Lampião. Durante esse período, seu bando obteve grande projeção, implementando ações em cidades de dimensões consideráveis (como Mossoró), possuindo vários subgrupos armados que respondiam a sua liderança e estando envolvido em diversos eventos de repercussão nacional, como a passagem da Coluna Miguel Costa-Prestes pelo sertão nordestino e a divulgação na imprensa de seus retratos, fotografados pelo sírio-libanês Benjamin Abrahão.

obras que tratam diretamente de Lampião, como os filmes (*Lampião e Maria Bonita*³⁶, *Baile Perfumado*³⁷, *Meu nome é Lampião*³⁸, entre outros), os livros de ficção ou acadêmicos³⁹ e as inúmeras reportagens existentes; a imagem do cangaceiro se consolidou através de referências indiretas às suas características em obras que apresentam outros bandoleiros quaisquer, sejam eles fictícios ou não⁴⁰. Os trejeitos, a aparência e as atitudes de Lampião encontram-se tão edificadas em diferentes produções que a partir de certo momento tornou-se difícil pensar em um cangaceiro sem acabar aplicando em sua caracterização alguma menção ao “Rei do Cangaço”. Existe, no caso, uma associação consideravelmente forte, que simultaneamente dissemina e populariza as referências ao Cangaço em diversas áreas e também obscurece seu entendimento mais amplo.

Após dizer isso, há de se ressaltar em qual instância essa limitação é exercida em relação a uma possível percepção do banditismo sertanejo. Fato é que, muito longe de ser um movimento coeso, o Cangaço se espalhou e atuou no sertão do nordeste brasileiro mediante atitudes e motivações diversas (tema melhor esclarecido posteriormente nesta dissertação). Por essa razão, trata-se de um movimento plural e heterogêneo, não havendo como se delimitar um padrão para as condutas nem intenções das ações dos bandoleiros. A tomada de uma posição uniforme ou personificada sobre o Cangaço significa, portanto, desconsiderar-se toda a amplitude de personalidades, ídolos e práticas envolvidas ao seu redor, elementos importantes

³⁶ De 1982 e dirigida por Paulo Afonso Grisolli. Trata-se da primeira produção em formato de minissérie produzida no Brasil. Posteriormente transformada em filmes, apresenta um Lampião carismático e enfatiza seus sentimentos por Maria Bonita.

³⁷ 1997, Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira. O filme apresenta um Lampião já consagrado por suas façanhas, possuindo postura altiva, respeitado e admirado pela maioria dos personagens. Destaca-se dentro do filme a atuação de Luís Carlos Vasconcelos, em minha opinião, o melhor Lampião do cinema.

³⁸ Nesse filme, de 1969 dirigido por Mozael Ferreira, mostra-se a faceta impiedosa do cangaceiro, que não perdoa seus inimigos, chegando até mesmo ao ponto de queimar vivo um deles.

³⁹ A quantidade de livros ficcionais sobre Lampião é significativa, especialmente na área dos escritos infanto-juvenis. Merece destaque nesse campo a bela História em Quadrinhos de Klévisson Viana. Quanto às obras acadêmicas (assunto que será abordado no próximo capítulo), também numerosas, destaco a existência de uma biografia em 6 volumes, chamada *Lampião, Seu Tempo e Seu Reinado* e escrita por Frederico de Bezerra Maciel.

⁴⁰ Personagens do cinema (como o Galdino em *O Cangaceiro*, 1997, de Aníbal Massaini Neto; Severino em *O Auto da Compadecida*, 2000, de Guel Arrais) e da literatura (como Joca Ramiro, no brilhante *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa) trazem em sua caracterização referências claras ao Rei do Cangaço, reproduzindo traços de sua personalidade ou aparência.

na difusão do banditismo sertanejo e responsáveis por destacar o movimento em relação a outros fenômenos sociais.

Mas os equívocos e reduções presentes nas opiniões disseminadas a respeito do Cangaço vão muito além da citada identificação de um movimento amplo ao redor da figura de sua principal liderança. As diferenças existentes entre o indicado pelas evidências e o mito se manifestam em diversas facetas que simbolizam claramente a distância entre as obras de teor investigativo e aquelas reprodutoras de uma imagem previamente edificada. Com isso, não me refiro a um acesso exclusivo à verdade como atributo das obras pautadas pela pesquisa, mas à busca pela fundamentação e comprobabilidade de seus argumentos como um processo de grande utilidade para evitar-se a reprodução de caracterizações consagradas, porém insustentáveis.

Todavia possam-se encontrar vários pontos comuns entre os mitos populares e o indicado em pesquisas, a fama atribuída a boa parte dos cangaceiros destoa das evidências em vários momentos. A caracterização dos bandoleiros como nobres salteadores⁴¹, pessoas que lutavam contra a classe dominante e a favor do povo (no melhor estilo lendário de Robin Hood), a fama de serem respeitadores de mulheres⁴² e a misericórdia para com pessoas pobres⁴³, estão entre os exemplos de atributos imputados aos cangaceiros e constantemente contestados em pesquisas bem elaboradas. Ao mesmo tempo, existem outros elementos como a lealdade, a coragem

⁴¹ O conceito de nobres salteadores foi desenvolvido por Eric Hobsbawn e consiste em bandidos que lutam a favor das pessoas de menor renda e contra os mais abastados. Pode-se dizer que, em relação ao Cangaço, essa imagem se encontra consideravelmente disseminada, como demonstrado em *Sonhos de bandido*, etc. Tratando-se de alguns bandoleiros, como Sebastião Pereira, considera-se inclusive a possibilidade de tal situação ter ocorrido, apesar da ausência de relatos confiáveis que a indiquem. Todavia, em pesquisas de diversos autores, como Elise Jasmin e Frederico Pernambucano de Mello, desconstrói-se a generalização de tal crença, apresentando elementos, como a associação entre cangaceiros e coronéis, que depõem contra tais formulações.

⁴² Essa questão é principalmente abordada por Billy Jaynes Chandler na biografia de Lampião. Segundo o autor, encontram-se, durante a sua carreira, vários exemplos de estupros e outros tipos de violência contra as mulheres que não justificam a existência dessa fama. Já outros cangaceiros, como Lucas da Feira, construíram as bases de sua carreira criminal por meio de crimes relacionados a atos de violência sexual.

⁴³ O que se sabe a respeito dos cangaceiros é que nas incursões realizadas nas diversas localidades não costumavam distinguir os mais pobres dos mais ricos, mas agiam de acordo com posturas assumidas pelas pessoas e a associação existente entre estas e seus eventuais desafetos. Desse modo, agiam tendo como base não uma posição social, mas uma afinidade para com os indivíduos e as associações realizadas por estes. Existem inúmeros relatos de confrontos entre bandoleiros e população local, como a invasão do bando de Lampião à cidade de Mossoró.

e a manutenção de princípios⁴⁴ que, mesmo podendo não corresponder necessariamente às atitudes de todos os bandoleiros, são encontrados com razoável frequência nas ações tomadas por muitos desses.

Correspondendo ou não com as evidências acerca do Cangaço, a mitificação realizada em torno dos cangaceiros simboliza a forma como certa noção de verdade se estabelece sem necessariamente estar embasada em fundamentos verificáveis. Nesses casos, a idealização do banditismo sertanejo é sofrida e exercida por pessoas imersas em uma realidade em que este possui um significado transcendente à quaisquer evidências apresentáveis. O resultado de tal processo é um discurso manifestado em produções e representações das mais diversas e reverberado no orgulho identitário de um sertão cangaceiro.

Considerando-se o pequeno acesso aos escritos acadêmicos, às obras de História e, ainda, a maior representatividade em termos de público e quantidade das produções artísticas, tem-se, para um leitor comum, a massiva e reiterada presença de um Cangaço idealizado nas representações existentes. Se pensarmos também no grande interesse e paixão suscitados pelo tema, trata-se de um quadro ainda mais compreensível. Em alguns casos, mesmo que o autor esteja ciente das incongruências presentes nos retratos expressos em sua obra, legitima sua posição por não pretender uma análise fiel ao ocorrido, mas buscar trabalhar em contato com a identidade popular⁴⁵.

Deste modo, as opiniões sobre o Cangaço se configuram com a solidez de uma certeza: o mito apresenta para aqueles que dele comungam uma sensação de veracidade tão palpável quanto qualquer elemento presente na vivência diária de um indivíduo. Nos sonhos de um banditismo ideal, o Cangaço é o refúgio da honra e da justiça nas mãos daqueles que ofereceram a própria vida para proteger seus pares em

⁴⁴ Há de se convir que a coragem necessária às pessoas que optam por viverem em armas e perseguidos pela polícia é de fato considerável. Outros elementos, como a manutenção de princípios e a lealdade, apresentam-se de forma palpável em diversas situações, como na visita de Lampião ao padre Cícero, em que, mesmo após ter sido enganado, o bandoleiro mantém sua fidelidade ao beato e suas devoção para com ele.

⁴⁵ Principalmente nos filmes e livros ficcionais, pode se encontrar exemplares de tal fato. As obras do chamado Movimento Armorial, cuja figura mais proeminente é Ariano Suassuna, são exemplos de obras mais dedicadas a ilustrar e a criar uma suposta origem medievalsca aos elementos tradicionais nordestinos do que a buscar uma compreensão verossímil e justificada destes.

uma luta contra a opressão e a ausência de oportunidades no sertão nordestino. Nesse processo, tal convicção, tomada por um critério de verdade, expressa-se e é expressada pela produção existente; funda e é fundada pela dominação dos conceitos de verdadeiro e falso⁴⁶.

Questiona-se a partir de então o papel muitas vezes atribuído à História como ferramenta de acesso aos fatos, como se essa conseguisse transcrever em seus escritos toda a verdade existente sobre um ocorrido. Deve-se ressaltar, todavia, o quão equivocada é a premissa de onde parte esse argumento. Afinal, se a legitimidade de uma argumentação passa necessariamente pelo convencimento de um interlocutor, trabalha-se na disciplina diretamente com a capacidade de persuasão transposta em sensações de confiança e segurança. Longe de ser detentora da verdade, a História é uma maneira de se racionalizar através de evidências, buscando legitimar suas alegações mediante a escolha dos melhores caminhos a seguir para se entender as estruturas de pensamento e os eventos de outrora. É no processo de investigação racional, e não na inatingível verdade última, que está a História.

Sendo assim, o que se pode afirmar sobre a relação entre a glorificação dos cangaceiros, e o papel da História e de outras representações nesta, é o fato de a formação e disseminação da ideia de um Cangaço ter se dado à distância de um processo investigativo acadêmico (e conseqüentemente historiográfico). O estabelecimento dos conceitos básicos disseminados sobre o banditismo sertanejo não passou, portanto, por uma fundamentação baseada em evidências, mas se desenvolveu em contato direto com a identidade sertaneja e sua conveniente perspectiva sobre os bandoleiros. A História é, nesse processo, a ferramenta disponível para se perceber as dissonâncias entre os discursos e os vestígios, e assim produzir novas formas de se trabalhar o Cangaço.

⁴⁶ As diferenças existentes entre a verdade e a sensação de uma verdade são constantemente trabalhadas em obras filosóficas. Nietzsche, por exemplo, resalta a necessidade de se fazer uma diferenciação de ambas como elemento primeiro no caminho de uma retidão intelectual. Nesse ponto, diferenciar a convicção da verdade seria racionalizar acerca do elemento abordado, uma exigência pertinente nas obras de História ou naquelas regidas por um método investigativo. Todavia, considerando o já tão citado apego ao tema, vê-se também uma expressão deste, e conseqüentemente uma ausência de preocupação com as evidências, na maneira como a passionalidade se expressa em tais representações. NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**: maldição contra o cristianismo. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2009, pp: 54.

1.2 DO CINEMA AO CORDEL: o Cangaço em diferentes mídias

De fato, a difusão de um conceito idealizado de Cangaço deve-se muito mais às representações artísticas e populares e a uma identificação com o tema do que à participação da historiografia. Tendo como base essa constatação, é pertinente apreciar com um pouco mais de atenção os diversos tipos de produção em que o Cangaço é veiculado e a maneira como essas se diferenciam umas das outras. Assim pode-se criar uma noção da grande presença do movimento nas mais diversas mídias e conseqüentemente ilustrar a já tão citada influência destas nos diferentes públicos, opiniões, e na identidade do movimento.

Apesar de tratar-se de um tipo de produção com acesso e divulgação restritos, o cinema talvez seja a mídia de maior participação e repercussão nas produções sobre o Cangaço. Desde a década de 1920, quando o movimento estava em seu auge, até 2008, calculam-se terem sido realizados cinquenta filmes que têm como tema principal o banditismo no sertão do nordeste brasileiro, sendo estes documentários ou obras ficcionais de longa, curta e média metragem⁴⁷. Tal número tornar-se-á ainda mais representativo se consideradas também as produções que possuem o Cangaço como tema secundário, apenas com pequena participação no enredo ou compondo o ambiente para o desenvolvimento de uma trama paralela.

O marco fundador dessas produções é certamente o documentário feito pelo sírio-libanês Benjamin Abrahão em 1936. Trata-se de imagens de dentro do bando de Lampião, obtidas em uma incursão na busca pelo cangaceiro. Nelas pode-se ver o grupo do bandoleiro em atitudes cotidianas, como tomando café, e em cenas ensaiadas, como na simulação de uma batalha. Apesar de não possuir uma ordem coesa e de serem apenas filmes e fotos de situações descontextualizadas, a representatividade do material é tão significativa que até hoje ele é tema de livros e estudos de diversas áreas sobre o Cangaço. Posteriormente apreciaremos com um pouco mais de atenção o material fotográfico deixado por Abrahão.

⁴⁷ Tais dados foram catalogados e obtidos pelo Centro Cultural Banco do Brasil e distribuídos em virtude da mostra *Nordeste, Cangaço e Cinema* apresentada em Brasília entre os dias nove e dezoito de maio de 2008.

Se até a década de 1950 o Cangaço era retratado esparsamente pela produção ficcional cinematográfica, a partir de *O Cangaceiro*⁴⁸ passou a ser um dos temas mais recorrentes do cinema nacional. A premiação com a “Palma de Ouro” no festival de Cannes em 1953 e a considerável repercussão internacional da película levaram a constantes retomadas do tema. A partir de então, o Cangaço foi trabalhado em produções conceituadas em todas as décadas vindouras⁴⁹ transitando por diversos gêneros e intenções, desde o humor até a crítica política e social. Devido a sua capacidade de ultrapassar fronteiras e assim se difundir mundo afora, o cinema sobre o Cangaço foi um dos principais responsáveis pela divulgação do tema para além da região nordeste, contribuindo para a disseminação e representatividade dele na atualidade.

Apesar de não possuir a mesma abrangência e divulgação e não alcançar um reconhecimento comparável ao cinema, a literatura de cordel talvez tenha exercido um papel tão importante quanto o deste na formação de conceitos e ideias a respeito do Cangaço. Longe de ser algo reconhecido pelo grande público e formador de opinião em outras regiões do país, o cordel, a princípio, esteve restrito ao nordeste do Brasil, onde exemplares eram vendidos em dias de feira, pendurados em pequenas cordas (daí a origem do sugestivo nome). Sua narrativa em verso conta histórias populares, frequentemente baseadas em fatos contemporâneos, mas sempre pautadas pela interferência criativa de seus autores quanto à forma e ao conteúdo. Sendo assim, histórias esdrúxulas coexistem com neologismos em pequenos livretos versados de mais ou menos quinze páginas⁵⁰.

⁴⁸ Dirigido por Lima Barreto, *O Cangaceiro* (1953) é um marco do cinema nacional. Apesar de sua grande repercussão e influência em obras futuras, inseriu no Cangaço vários elementos externos a sua realidade e que acabaram sendo reproduzidos em outras obras posteriormente, como a retratação de bandoleiros montados sobre cavalos.

⁴⁹ Na década de 60, o filme sobre o Cangaço de maior repercussão foi *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), dirigido por Glauber Rocha e considerado umas das principais obras do Cinema Novo. Já na década de 70 foi a vez de *Jesuino Brilhante* (1972), de William Cobbett, de cunho político, onde o cangaceiro se envolvia com a luta pelos ideais republicanos. Em 1980 o célebre grupo de comédia Trapalhães protagonizou o humorístico *O Cangaceiro Trapalhão* (1983), dirigido por Daniel Filho e que, com grande bilheteria, inseriu o Cangaço nos filmes do gênero. Durante a década de 90, o maior destaque ficou por conta de *Baile Perfumado*, de Paulo Caldas e Lírio Ferreira, que ganhou em 1997 o prêmio principal do Festival de Cinema de Brasília. Na última década, em meio a diversos filmes, o destaque talvez tenha sido *O Auto da Compadecida* (2002), de Guel Arrais, adaptação da obra de Ariano Suassuna e que teve grande destaque na TV e no cinema.

⁵⁰ QUEIROZ, Jeová Franklin. *A Literatura de Cordel*. Brasília – DF: Livro Artesanal, 2002.

O Cangaço é certamente o tema mais recorrente em toda a literatura de cordel. *A Chegada de Lampião no Inferno*, Antônio Silvino e *Corisco – O Diabo Loiro* estão entre os exemplares existentes de maior renome e, mesmo remetendo ao início do século XX, são facilmente encontrados ainda na atualidade. Como se pode notar, Antônio Silvino, Lampião e outros cangaceiros tiveram toda sua trajetória narrada pelos cordéis (desde a infância até o suposto encontro *post mortem* com o demônio). Nestes, suas realizações foram aumentadas, “engrandecendo suas façanhas e contribuindo para uma transformação em figuras legendárias”⁵¹. Boa parte das glorificações utópicas, e até mesmo sobrenaturais, do Cangaço tiveram sua origem na literatura de cordel, sendo este um elemento imprescindível para se compreender o enriquecimento do imaginário nordestino acerca dos bandoleiros.

Ao citar e trabalhar superficialmente esses dois tipos de representação (filmes e cordéis) e sua vinculação com o Cangaço, pode-se notar a maneira com a qual diferentes mídias influenciaram a percepção do banditismo sertanejo. Mesmo considerando-se a singularidade existente nos públicos atingidos por essas e a natureza narrativa particular de ambas, há de se perceber também a representatividade delas na formação de concepções sobre o Cangaço. Novamente é válido ressaltar que, assim como foi feito neste caso, não se trata de analisar pontualmente quaisquer obras e suas influências específicas nas perspectivas sobre o movimento, mas considerar a participação das mesmas na formação e disseminação de concepções sobre o Cangaço⁵².

Nesse âmbito, o mesmo recorte e as mesmas ressalvas poderiam ser aplicados em diversos outros tipos de produção. Nas representações escritas, autores consagrados da literatura brasileira, como João Guimarães Rosa e José Lins do Rego, adotaram o Cangaço como tema. Assim como ocorreu nos quadrinhos, tanto em outras épocas, com autores como Henfil, como também na atualidade, com Klévisson e muitos outros. No âmbito da música, a divulgação e o grande sucesso do forró, já a partir da década de 1920, estiveram associados à figura de Luiz Gonzaga, vestido com

⁵¹ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**, o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980. pp, 260.

⁵² Nesse caso ambas as mídias também não foram trabalhadas com o intuito de esgotar as análises a seu respeito, e sim fornecer um entendimento quanto a sua diversidade e estilo. Sendo assim, foram escolhidos exemplares representativos da pluralidade de sua produção e da singularidade de sua linguagem.

o seu chapéu de couro estrelado e gibão, assim como fizeram os cangaceiros, e mesmo o movimento *manguebeat* de Chico Sciense, durante a década de 1990, ainda conclamava e exaltava a imagem dos bandoleiros. Trata-se de diferentes mídias de considerável contribuição para a formação e disseminação de imagens sobre o Cangaço e influentes, mesmo que em diferentes públicos, na formação de perspectivas sobre o banditismo.

1.3 DUAS TENTATIVAS DE SE ENTENDER UM MITO

Uma vez trabalhada até aqui a grande incidência de representações sobre o Cangaço e a participação delas na divulgação de um movimento, resta ainda um questionamento importante quanto ao significado do Cangaço para a população que o glorifica. O esforço para compreender as razões das idealizações do banditismo no sertão foi empreendido por diversos autores. Entre estes, talvez as análises mais significativas sejam as do renomado historiador da escola inglesa Eric Hobsbawn e do norte-americano Billy Jaynes Chandler. Discordantes em vários pontos, elas representam duas maneiras diferentes de se pensar as perspectivas exaltantes existentes sobre os cangaceiros.

Eric Hobsbawn, em seus dois livros sobre banditismo⁵³, encarou o endeusamento aos bandoleiros como algo sintomático de uma rejeição, por parte da população local, à sociedade injusta em que têm de viver. Tal inferência parece ser razoável como uma premissa defendida em uma argumentação não baseada em evidências ou vestígios, mas na simples percepção e indução de seu autor. Apesar de não ser comprovável racionalmente, pode-se dizer que a afirmação se legitima na constatação do desamparo de mecanismos do Estado existente no Nordeste do século XIX e início do XX⁵⁴ e da situação de miséria ainda perceptível em algumas

⁵³ Tratam-se dos livros: HOBBSBAWN, Eric J. **Rebeldes Primitivos** – Estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1970 e HOBBSBAWN, Eric J. **Bandits**. Nova York, 1971

⁵⁴ Revoltas e conflitos coletivos como os do *Quebra quilos* e *Ronco das Abelhas* são exemplos da diferente ordem instituída no nordeste da época, ilustrada pela grande dificuldade e resistência encontrada para a implementação de legislações “externas” na região. Questões estas esmiuçadas e trabalhadas por GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião:**

localidades do sertão da região (justamente onde a mitificação dos bandoleiros é mais nítida).

Embora não haja grandes problemas em sua inferência inicial, Hobsbawn se equivoca efetivamente ao citar o Cangaço como exemplo daquilo que chamou de *banditismo social*. Tal categoria diz respeito aos movimentos criminosos que agiam em defesa de uma classe social específica, como se os cangaceiros lutassem para defender a população sertaneja dos grandes proprietários. Pode-se afirmar com segurança a ausência de respaldo dessa caracterização em qualquer análise fundamentada sobre o Cangaço (questão posteriormente retomada no capítulo subsequente). Atribuir uma espécie de consciência coletiva de classes à ação dos bandoleiros no sertão é imputar nela elementos não efetivamente presentes. Principalmente se forem consideradas as frequentes conexões de ajuda mútua entre cangaceiros e coronéis e os interesses defendidos nessas empreitadas.

O equívoco de Hobsbawn parece ter sido basear-se em caracterizações populares para analisar um movimento imerso na própria noção identitária dessa mesma população. Não há dúvidas de que para muitos o Cangaço simboliza a coragem de se lutar pelos direitos e por melhores condições de vida em uma terra sem lei (uma percepção mais do que legítima). Porém, não se pode confundir a vontade e a bravura presentes nos indivíduos que buscam mudar sua condição social com uma insurreição para modificar a sociedade sertaneja. Essa perspectiva, talvez hoje uma das mais disseminada nacionalmente sobre o Cangaço, é equivocada e, como veremos posteriormente, incondizente com os anseios e vontades individuais (ou entre um grupo restrito) majoritariamente encontrados no movimento.

Mais pertinente parece ser a visão de Billy Jaynes Chandler. Em sua biografia de Lampião, Chandler identifica os pontos mais importantes da idealização ao cangaceiro sem encontrar vestígios nem desenvolver argumentações que legitimem elaborações assertivas a respeito de uma possível consciência de classe no movimento. Muito pelo contrário, afirma, assim como Mello e Jasmin⁵⁵, ter percebido

Senhor do Sertão: Vidas e Mortes de um cangaceiro. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

⁵⁵ Tanto Frederico Pernambucano de Mello, em *Guerreiros do Sol*, quanto Élise Jasmin, em *Lampião: o senhor do sertão*, expressam uma forte admiração pelos cangaceiros e seu modo de vida. Todavia, ambos também concordam quanto à natureza danosa da maioria de suas atitudes, ilustrada pela criminalidade destas.

em seus estudos os cangaceiros como indivíduos repletos de algumas virtudes, porém ainda de comportamento criminoso e essencialmente condenável. O engrandecimento de suas façanhas e valorização de suas índoles viria apenas como uma idealização posterior ao fim do movimento.

Há uma tendência, entre eles, de esquecer parte do horror que acompanhou sua carreira, e lembrarem-se, exagerando talvez, não somente sua astúcia, mas também suas boas ações – inventando, até mesmo algumas. É conhecido até hoje com tendo sido homem de palavra, e de fato o foi, por capricho ou por cálculo. Porém, por incrível que pareça, é conhecido também como respeitador das mulheres – apesar de toda a evidência em contrário.⁵⁶

Como foi dito anteriormente, a mitificação do Cangaço transformou valores e atitudes, atribuindo aos cangaceiros virtudes em muitos casos inexistentes.

1.4 A TRANSGURACÃO DO CANGAÇO: da condenação à exaltação

Longe de estar restrita apenas às comunidades sertanejas e às representações artísticas, a mitificação dos cangaceiros passou por diversos usos dentro da História nacional. O caráter insurrecional do movimento e a maneira como foi vinculado à luta da população pobre contra os grandes proprietários de terra do nordeste brasileiro vieram a ser muito explorados para legitimação de discursos e autopromoção de indivíduos. Existem vários exemplos de pessoas ou instituições que buscaram, por intermédio de referências diretas ao Cangaço, angariar apoio popular ou validar publicamente propostas de direcionamento para um grupo ou partido político.

Lampião, por exemplo, teve por diversas vezes a sua aclamada imagem de alguém que lutou pelo povo e contra o monopólio da terra nas mãos dos grandes proprietários utilizada dentro da política nacional. Em março de 1935, a efervescente ANL, organização de inspiração comunista atuante durante o governo Vargas, declarava-se “herdeira da tradição revolucionária brasileira”, tendo como “precursores

⁵⁶ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião**, o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980, pp. 313-314.

Antônio Conselheiro, mártir do assalto federal a Canudos nos primeiros dias da república velha, e o cangaceiro Lampião⁵⁷. Uma posição semelhante também foi apresentada pelo político Francisco Julião⁵⁸. Em 1959 este protocolou um pedido para a cabeça de Lampião⁵⁹ ser enterrada junto ao seu corpo, alegando que o cangaceiro teria sido o primeiro a lutar pelo povo contra os latifúndios e as injustiças dos poderosos.

Desse modo, um movimento desprovido de qualquer coesão, intuito de mudança social classista ou ideário político transformou-se em uma das principais referências às lutas proletárias e à consciência de classe encontrada na nação. Novamente o que se vê é um Cangaço muito mais pertinente aos interesses como elemento idealizado do que como movimento em sua própria existência. A transfiguração do bandoleirismo no sertão transpassa o social e chega até o político, recebendo os devidos contornos de acordo com quem os formata. Mais interessante ainda é perceber a maneira como um tema antes encarado de forma negativa e pejorativa acabou se tornando algo admirável.

A despeito do que possa parecer pela análise realizada até esse momento, nem todas as obras sobre os cangaceiros se dedicaram a exaltar a boa índole e honra deles. Muitas elaborações também os retrataram como facínoras, ausentes de qualquer tipo de valorização, e detentores de um caráter definido essencialmente por uma enorme crueldade. Apesar desse tipo de representação praticamente não possuir exemplares na atual produção sobre o Cangaço, podem ser facilmente encontrados em obras mais antigas e remetem a uma época em que o movimento não gozava de tanto respaldo quanto na atualidade.

As declarações de autoridades do início do século XX e as memórias de soldados de volantes são exemplos de obras que sustentam essa perspectiva. Ambas

⁵⁷ MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo – SP: A Girafa Editora, 2004, pp. 311-312.

⁵⁸ Julião era líder político das ligas camponesas e membro da legislatura do estado de Pernambuco. Sua declaração acerca de Lampião foi publicada no Diário de Notícias do dia 23 de maio de 1959.

⁵⁹ Lampião e os bandoleiros mortos no dia 17 de julho de 1938, na chacina da gruta do Angicos (Poço Redondo – SE), foram decapitados. Suas cabeças percorreram diversas localidades do nordeste brasileiro até ficarem expostas “permanentemente” no Museu Nina Rodrigues (Salvador – BA). Na década de 70 do séc. XX, atendendo à requisição da família de Lampião, foram enterradas junto aos respectivos corpos.

tendem a afirmar, em sua grande maioria, e narrar em detalhes histórias ilustrativas da maldade e crueldade dos bandoleiros⁶⁰. Esse viés sobre o Cangaço também é encontrado em folhetos de cordel mais antigos e em filmes de estética similar à do faroeste norte-americano⁶¹. O previamente citado cordel *A Chegada de Lampião no Inferno*, de José Pacheco, demonstra bem o quão intensa chega a ser a atribuição de crueldade e maldade ao cangaceiro. Nessa obra, em um confronto com o diabo, Lampião toma o inferno de assalto; a partir de então, este passa a ser um lugar ainda pior do que fora anteriormente.

A própria filha de Lampião, Vera Ferreira, hoje reverenciada pela sua ascendência genealógica, declara, durante o citado documentário *Sonhos de Bandido*, ter sido vítima no decorrer da infância e juventude de uma forte exclusão e preconceito por parte de colegas de escola. Até aquele momento o Cangaço não gozava do respaldo popular e nem da imagem positiva hoje existente. Tratava-se de um movimento condenado e tido como criminoso pelas pessoas de um modo geral. Tal declaração reafirma a convicção, já aqui várias vezes externada, de que o Cangaço passou por um processo de valorização, modificando antagonicamente seu significado. Tudo aquilo antes visto como criminoso passou, com o decorrer do tempo, a ser exaltado, e os cangaceiros se transformaram em heróis.

Não se pode dizer ao certo a partir de quando as perspectivas sobre o Cangaço se alteram de tal forma, mas pode-se afirmar que a modificação de tais enfoques certamente influenciou e foi influenciada pelas produções existentes sobre o movimento. Retomando novamente a citada ideia da influência do lugar de fala nas representações de um indivíduo, pode-se dizer que o contexto do lugar, espaço e tempo das produções se alterou, assim como as obras a respeito do movimento. Hoje já não há mais como se encontrar exemplos atuais das mesmas posições vigentes anteriormente. Sendo assim, a condenação do Cangaço se tornou obsoleta e o movimento passou a ser enquadrado dentro de outra proposta estética.

⁶⁰ O que é bem compreensível. Afinal, a desqualificação de Lampião acaba legitimando moralmente o combate a este por parte das tropas volantes e consequentemente respalda as atitudes dessas pessoas enquanto vivas.

⁶¹ Filmes de menor repercussão como *Riacho de Sangue*, *A Morte Comanda o Cangaço* e o previamente mencionado *Meu Nome é Lampião* são exemplos do citado, mas a influência do faroeste na cinematografia sobre Cangaço transcende tais produções. Mesmo em *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, os bandoleiros andavam a cavalo, fator não existente no Cangaço e presente nas produções de faroeste estrangeiras.

Por este motivo, e considerando as diferentes intenções e propostas na produção sobre o Cangaço, é necessário diferenciar os métodos e técnicas empregadas em tamanha pluralidade de obras.

1.5 DO ÉTICO AO ESTÉTICO: as diferentes perspectivas nas representações do Cangaço

Viu-se até aqui uma tentativa de compreensão das idealizações e das representações artísticas sobre o Cangaço. Entretanto, levando-se em consideração a proposta das obras e opiniões analisadas, não se buscou a veracidade em suas afirmações e sim o modo como influenciaram as perspectivas existentes sobre o movimento. Questões como a não existência de uma distinção clara entre a imagem fabricada do Cangaço e a de Lampião foram tomadas como naturais de representações dedicadas, não a uma pertinência para com eventos ocorridos, mas a manifestar e apresentar os elementos de acordo com a proposta de seu autor ou com sua presença na cultura de uma determinada região do país. Como já foi dito, imputar nestas um julgamento de valor exigindo a justificabilidade de suas afirmações seria avaliar elementos que nem foram pretendidos no desenvolvimento dessas obras.

Assim sendo, tendo realizado uma reflexão quanto às diferentes representações artísticas acerca do Cangaço e estando justificadas as escolhas teóricas mencionadas, nota-se a necessidade de uma análise da produção acadêmica, e principalmente historiográfica, a respeito do banditismo sertanejo. Por meio dessa, poderá se esclarecer o modo como autores e estudiosos fundamentaram seus argumentos, trabalhando diretamente com a legitimidade e pertinência de tais obras. Todavia, é necessário antes disso diferenciar com maior ênfase as intenções e métodos das representações artísticas e científicas, e assim situar o posicionamento e objetivo da História perante ambas. A partir de então poderá se passar, em um outro momento, a uma reflexão quanto a maneira como o Cangaço foi trabalhado pela História enquanto disciplina, e apontar os melhores caminhos para se prosseguir em um estudo acadêmico do movimento.

Viu-se constantemente até este ponto a apresentação de uma análise de produções artísticas. Nela, foi ressaltada a importância de se tentar compreender as escolhas dos autores e as funções dos eventos ou elementos utilizados na composição de tais obras. Em consequência disso, reiterou-se em diversos momentos o fato de não haver nessas representações preocupação com uma justificativa indiciária a respeito do tema, mais valendo a forma como é retratado do que sua correspondência com as evidências. Ou seja, a função do Cangaço é, nesse contexto, puramente *estética*, serve para compor uma obra que não visa (até onde se sabe) obter uma credibilidade por sua fundamentação. O objetivo se legitima, nesse caso, em buscar uma perspectiva que trabalhe diretamente com as sensações, sentimentos e percepções específicos do autor e de seu público. Não existe necessariamente nada que venha a motivar uma justificabilidade com elementos externos a essa relação⁶².

Considerando assim a motivação e o valor de um objeto apresentado no âmbito artístico como essencialmente estética, a melhor maneira de se julgar representações dessa natureza seria posicionar-se em relação a impressão assimilada através delas. Trata-se, portanto, do estabelecimento de um posicionamento claro entre o belo e o feio, o agradável e o desagradável, não necessariamente dicotômico ou extremado, mas segundo a opinião de um indivíduo específico. Em outras palavras, a avaliação de uma obra voltada para uma sensação ou percepção, por mais que esteja justificada em argumentos, remete diretamente a impressão deixada por essa.

As obras científicas, têm uma perspectiva e um usufruto do tema muito diferente às manifestações artísticas. Sobre essas, recai o peso de seguir um método⁶³ que permita justificar racionalmente o produto final de sua pesquisa⁶⁴. Assim, está em

⁶² Em geral, apesar de possuírem fundamentação e riqueza teórica consideráveis, as artes tendem a privilegiar uma sobreposição da percepção do interlocutor e da intenção de seu autor à justificabilidade de suas elaborações. Na música, por exemplo, por mais que existam métodos e preceitos complexos para a elaboração de uma obra, estes apenas serão aplicáveis se não se chocarem com o tratamento estético proposto. Sendo assim, as sensações passadas por uma produção vêm sempre a frente da fundamentação desta. Noção baseada no estudo de teoria e harmonia musical propostos pelo compositor e arranjador húngaro Ian Guest.

⁶³ Viu-se nesse capítulo e ver-se-á no capítulo seguinte a importância da crítica em torno das perspectivas aplicadas pelos autores; explicitadas em suas opções teóricas e nos métodos escolhidos para a análise do tema.

⁶⁴ A ideia de que é necessário se justificar racionalmente suas afirmações em obras de História é explicitada com bastante ênfase nas formulações teóricas defendidas por Karl

jogo durante um processo científico tradicional a sustentação de uma *ética* que faz com que o pesquisador não possa manipular o resultado, nem burlar o processo envolvido na obtenção deste, além do que a análise das evidências e dos dados de sua pesquisa apontarem. Desse modo, a função do Cangaço em uma pesquisa científica não seria compor um cenário para despertar sensações e sim fazer parte de um processo racional que passe por selecionar e trabalhar os objetos de estudo, aplicar um método e obter um resultado correspondente.

Por ser o resultado de um processo verificável racionalmente, uma obra científica traz consigo outra perspectiva. Dentro de um âmbito avaliativo, ela está sujeita a um questionamento de seu método e de seus resultados que pode acabar desconstruindo sua própria validade. As críticas e análises realizadas transitam assim entre o justificável e o injustificável, o válido e o falacioso e, em um ponto extremado, entre o certo e o errado. Afinal, se o autor situa sua produção por intermédio de um método apreciável, um exame avaliativo do percurso realizado por este é mais do que legítimo.

Vê-se, então, que a diferença existente entre a ciência e a arte não reside apenas na intenção de sua feitura, passa também pela possibilidade de julgamento de ambas. Não há como se exigir de uma obra qualquer correspondência para com os métodos e os processos avaliativos que esta não adotou. É exatamente por esse motivo que a análise realizada a respeito das produções sobre o Cangaço apresentadas não realizou uma apreciação crítica de seus argumentos, seria imputar-se sobre essa questões incondizentes. Tratou-se, portanto, apenas do significado da transfiguração de uma imagem e a maneira como as representações artísticas sobre o Cangaço foram relevantes para a conseqüente difusão e mitificação do tema.

Ao se buscar posicionar a História ante a dualidade apresentada, percebe-se que seus elementos indicam direcionamentos ambíguos. Não se pode negar que a pertinência de um estudo historiográfico será legitimada pela possibilidade ou não de se justificarem racionalmente seus resultados. Nesse sentido, os argumentos de uma obra podem ser taxados, segundo padrões de julgamento éticos, como certos ou errados, justificáveis ou injustificáveis, atribuindo assim legitimidade à pesquisa.

Popper em: POPPER, Karl. **The Open Society and its Enemies**. Vol II. London: Poutledge, 1999, pp. 259-280.

Todavia, deve-se ressaltar que o cerne do pensamento Histórico é pautado na busca por uma sensação de verdade que é, por definição, inverificável. Portanto, conduz-se o raciocínio através de uma argumentação que visa transmitir ao receptor uma concordância para com a forma com a qual os elementos são apresentados e analisados.

Por essa razão, a História, além de possuir uma faceta científica, também possui outro âmbito de julgamento, entre a concordância e a discordância, a sensação de pertinência e a sensação de impertinência. A História transita entre o ético e o estético. Porém, em uma crítica avaliativa da pertinência de obras da disciplina, não se pode estar restrito a uma análise das sensações apresentadas pelo autor, deve-se buscar analisar a validade dos argumentos verificáveis, considerando a medida em que estes se justificam dentro do contexto proposto. É por permitir uma análise dessa natureza que as obras historiográficas são tão válidas para esse estudo e para uma apreciação eficaz das representações sobre o Cangaço.

Afinal, se o intuito é compreender a maneira como se apreende e apreendeu o movimento para posteriormente direcionar novas trilhas a serem desbravadas para a compreensão deste, a forma como se pensou e buscou uma análise racional a respeito do Cangaço torna-se imprescindível. Sendo assim, este estudo prossegue em uma busca por compreender a maneira como as produções acadêmicas trataram o movimento, uma crítica que enriquecerá o conhecimento envolvido e qualificará proposições e desenvolvimentos posteriores.

SEGUNDO CAPÍTULO

TRÊS ROTAS PARA A COMPREENSÃO DE UM MOVIMENTO PLURAL

Defendeu-se até aqui o conceito de História enquanto uma disciplina fundamentada através de questionamentos racionais e elaborações intrinsecamente associadas a essas indagações. Prosseguindo nessa mesma linha de pensamento, pode-se ver a realização de reflexões teóricas e apreciação de outros estudos correlatos como etapas importantes para a formulação de opiniões e para o conhecimento de diferentes reflexões acerca de um objeto, devendo preceder a efetiva elaboração escrita do tema trabalhado. Deste modo, as questões e ideias desenvolvidas por diferentes autores, a tratarem especificamente de um assunto estudado ou a fundamentarem teorias e métodos próprios da disciplina História, servem como ensinamento, e em alguns casos até mesmo ponto de partida, para se abalizar elaborações posteriores.

Segundo Max Weber, em sua Metodologia das Ciências Sociais⁶⁵, a análise crítica de outras obras e do próprio tema de pesquisa nos ajuda a ponderar e optar por caminhos distintos, que simultaneamente representem a nossa opinião e cosmovisão pessoal e que também se mantenham justificáveis quando questionados racionalmente. Sendo assim, a crítica serve como elemento de compreensão das possibilidades de inferência do objeto estudado, o que auxilia o pesquisador a ajustar e repensar suas elaborações. Neste ponto, por mais que decidir-se por um caminho específico seja fruto de uma opção exclusivamente pessoal⁶⁶, deve-se fundamentar as escolhas realizadas através de críticas e reflexões que as legitimem. Quanto mais aprofundado o estudo e a ponderação em relação ao tema, mais recursos possui o historiador para uma análise vindoura.

É através de uma apreciação crítica da historiografia acerca do Cangaço que se enriquecerá o conhecimento a respeito deste e se encontrarão ferramentas para a

⁶⁵ As considerações de Weber são direcionadas às chamadas ciências sociais e teorizam em busca da melhor maneira possível de se trabalhar com questões que transcendem o método científico clássico das ciências naturais e abarcam a pluralidade das relações humanas. WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Parte I. São Paulo: Cortez, 1999, pp 107-210.

⁶⁶ Ainda segundo Weber, a cosmovisão pessoal possui um papel fundamental – mesmo na elaboração de uma análise técnica. Todavia, não se deve permitir que as opiniões e valores pessoais predominem em relação à fundamentação da análise realizada.

fundamentação de opiniões e estudos sobre o banditismo sertanejo. Este segundo capítulo consiste, portanto, de um momento de discussão e ponderação em torno das obras acadêmicas acerca do Cangaço. Por meio dessa análise, se compreenderá a forma como se modificaram os estudos historiográficos do tema e o modo como as opiniões defendidas nessas obras expressam estruturas de pensamento influenciadas, ou até mesmo inseridas, em modelos maiores de interpretação historiográfica. Ademais, considerando-se ainda as ideias de Weber, trata-se de uma crítica essencial para se fundamentar e ponderar a análise posterior.

Analisando-se as obras acadêmicas sobre o Cangaço, torna-se perceptível a amplitude do tema, haja vista a grande quantidade de enfoques aplicados em diferentes disciplinas a respeito do movimento. Apesar dessa pluralidade de estudos ser proveitosa, por fornecer um montante considerável de informações e perspectivas, deve-se tomar o cuidado necessário para não se aplicar a exigência de uma análise fundamentada historiograficamente por sobre estudos de naturezas distintas. Torna-se então pertinente nesse momento ressaltar que as análises deste capítulo restringiram-se a obras de uma ordem similar, consideradas eruditas, representativas nos estudos sobre banditismo sertanejo e geralmente rotuladas como de ciências sociais⁶⁷. Vale assinalar também, antes de adentrarmos efetivamente em uma apreciação de tais publicações, os elementos que caracterizam os objetivos deste estudo historiográfico e definem as concepções aplicadas nas críticas subsequentes.

Ao contrário de outras disciplinas, que buscam formulações gerais a respeito do comportamento humano, é uma atribuição básica da História, segundo minhas concepções a respeito e baseado nas ideias de Karl Popper⁶⁸, analisar racionalmente e criar formulações a respeito dos eventos estudados. A análise específica do objeto é portanto predecessora da aplicação teórica. Sendo assim, é dever do historiador não sobrepor qualquer formulação aos estudos de caso, e sim desenvolver ou adotar, por

⁶⁷ Existem diferentes formas de se definir o que se entende como ciências sociais. No texto utilizo o termo de forma generalizante, referindo-me à classificação geralmente atribuída às obras acadêmicas que buscam estudar o Cangaço através de uma análise racional, fundamentadas em teorias, métodos e indícios.

⁶⁸ Popper se preocupa constantemente em defender a ideia de que os grande modelos interpretativos existentes não podem ser adotados previamente. Na análise de casos e objetos específicos (como se encontra constantemente na História) deve-se ponderar a respeito do tema para embasar a escolha ou desenvolvimento da teoria que melhor lhe convir. Em: POPPER, Karl. **The Open Society and its Enemies**. Vol II. London: Poutledge, 1999, pp. 259-280.

intermédio de uma análise específica, a teoria que melhor se encaixar ao tipo de compreensão pretendida do objeto estudado. Em outras palavras, é a teoria que designa a forma de se proceder em um estudo, porém o que determina os parâmetros da teoria é a própria análise dos eventos estudados.

Considere-se então o seguinte como um pressuposto historiográfico: é sábia a aplicação teórica quando se consegue fazer com que essa não se sobreponha aos reais questionamentos e situações encontrados na análise de um objeto. Por mais que naturalmente se tome algumas formulações como melhor elaboradas em relação a outras e se tenha afinidade com uma corrente teórica específica, o que determina a pertinência de um estudo não é a forma como se conseguiu encaixar uma teoria pré-moldada em seus parâmetros, e sim a maneira como se encontrou ou desenvolveu a teoria necessária para compreender o estudado. Desse modo, a apreciação das elaborações teóricas de outros autores tem como função prover ao pesquisador um leque de enfoques e estratégias pertinentes na construção de uma teoria social e que fornecerão subsídios para proposições particulares⁶⁹. Foge-se assim da adoção dos grandes modelos gerais de análise, ressaltando-se a necessidade dos estudos de caso para então optar-se por uma postura condizente⁷⁰.

Embora as relações de troca entre História e outras disciplinas sejam corriqueiras e sirvam de alicerce para o desenvolvimento de uma historiografia capaz de compreender um movimento tão multifacetado, há de se fazer algumas ressalvas e advertências sobre questões e riscos presentes nessa interface. Nesse contexto, pode-se buscar nas reflexões trabalhadas aqui, sendo estas mais próximas da História enquanto disciplina ou não, um estatuto de justificabilidade que se sustente racionalmente. Afinal, se estas consistem em análises fundamentadas cientificamente (assim como citado no capítulo anterior), e em um certo sentido técnicas, a respeito de um objeto, devem respaldar da melhor maneira possível as posições tomadas em suas elaborações.

⁶⁹ Arthur Stinchcombe defende a ideia de que um estudo aprofundado da teoria é uma maneira do historiador conhecer o modo de pensar e as formas de elaboração usadas pelos seus pares, o que amplia os recursos para sua análise posterior. Em: STINCHCOMBE, Arthur. **Constructing Social Theories**. Berkeley: University of Califórnia, 1968. [Caps. I e II]

⁷⁰ POPPER, Karl. *Op cit.*

Na contramão das ressalvas feitas anteriormente, é comum ver-se em produções acadêmicas publicadas sobre o Cangaço a sobredeterminação de um modelo previamente estabelecido a despeito de elaborações baseadas em uma análise focada no objeto. Boa parte dos estudos encontrados a respeito do banditismo sertanejo no nordeste brasileiro apresentam tal perspectiva, que além de influenciar o meio acadêmico, ajudam em menor escala a edificar a opinião pública e o senso comum existente em torno do Cangaço no Brasil. Apesar das particularidades existentes em cada um deles, em uma apreciação mais detalhada podem-se notar padrões de explicação e tratamento recorrentes nas análises do banditismo sertanejo. Depois de muito refletir sobre a melhor forma possível de se englobar esses estudos em uma perspectiva mais uniforme, porém sem desconsiderar ou generalizar questões relevantes, chegou-se a uma divisão temática classificatória.

Assim sendo, divide-se aqui, para esta crítica, em três grandes eixos reflexivos, as interpretações existentes sobre o Cangaço. Por mais que não se esteja analisando toda a bibliografia disponível (o que seria uma pretensão muito grande, além de algo aparentemente inviável), buscou-se abarcar padrões recorrentes em obras que marcaram tendência quando de seu desenvolvimento e que continuam a influenciar hoje o modo de pensar de alguns autores dispostos a compreender a forma como se moldou o bandoleirismo sertanejo. A apresentação a partir desses três eixos remete concomitantemente a três diferentes formas de se pensar o Cangaço e permite compreender tipos comuns de análise, expressos na maioria das obras sobre o tema, sem todavia esgotar a bibliografia existente em torno deste. Objetiva-se que ao final do capítulo esteja delineado um panorama eficiente da argumentação utilizada na produção acadêmica de maior difusão a respeito do banditismo no sertão do nordeste brasileiro no final do séc. XIX e início do XX, e que isso viabilize e facilite a formulação de novas análises historiográficas a respeito.

2.1 PRIMEIRO EIXO: o indivíduo enquanto fruto do meio?

O primeiro grande eixo teórico de reflexão sobre o Cangaço remete já às opiniões iniciais expressas sobre o tema. Em muito influenciadas pelo testemunho de

Euclides da Cunha sobre o embate militar em Canudos⁷¹, os escritos dessa linha tratam os cangaceiros como um simples fruto do meio caótico onde se encontravam. Por possuir uma extensa descrição geográfica, uma caracterização detalhada da postura do sertanejo em relação ao ambiente e uma comparação entre as sociedades do sertão e do litoral brasileiros, *Os Sertões* acabou por exercer forte influência sobre estudos posteriores que seguiram sua estrutura inspirados em seus argumentos. Assim, os escritos inseridos nesse primeiro eixo dedicaram-se a reafirmar a grande disparidade existente entre a sociedade do sertão e do litoral no início do séc. XX, relacionando as características específicas da população de ambas as partes com a realidade dos respectivos espaços em que viviam.

Embora a análise do indivíduo em relação à sociedade seja algo extremamente válido, na maioria dessas obras podem ser encontrados exemplos de argumentos abusivos e que colocam o sertanejo como um mero fruto do meio em que este se encontra. Nesse contexto, através da utilização de metáforas que relacionam os “homens” com o ambiente árido da caatinga, estabelece-se uma preponderância deste sobre o indivíduo, desconsiderando-se a individualidade e autonomia racional da população sertaneja em suas atitudes particulares. Dessa forma, o cangaceiro é caracterizado como aquele a quem a sociedade não amparou de modo correto e que, crescido em meio ao cenário atroz da violência perpetuada, não teve outra opção que não adotar a vida do crime.

Apesar dessa tendência interpretativa já estar quase que abandonada e não possuir mais tanta repercussão quanto em outrora, pode-se ver ressonâncias deste discurso em diversas obras consideradas ainda hoje fundamentais para o estudo do cangaço. Mesmo em análises extremamente pertinentes, como a de Maria Isaura Pereira de Queiroz⁷², e em obras renomadas, como em Carlos Alberto Dória⁷³, encontram-se referências a fenômenos físicos, por exemplo a incidência de grandes

⁷¹ Não cabe aqui discutir a existência ou não de um determinismo nos escritos de Euclides da Cunha e sim mencionar o fato de este ter marcado tendência e influenciado discursos posteriores. Em *Os Sertões*, Cunha relata os eventos da Guerra de Canudos, ocorrida na Bahia entre os anos de 1896 e 1897. A obra se divide em três grandes partes: *A Terra*, que descreve o ambiente do sertão no final do séc. XIX; *O Homem*, que trata do sertanejo em sua relação com o espaço em que vive; e *A Luta*, que se refere ao conflito.

⁷² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. São Paulo, SP: Global Editora, 1986.

⁷³ DÓRIA, Carlos Alberto, **O Cangaço**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.

secas, como sendo os principais responsáveis pela difusão do banditismo no sertão do nordeste.

Ora, por mais que não se possa dissociar a vida criminosa dos cangaceiros da realidade social vivenciada por estes, não me parece correto, e nem é comprovável racionalmente, a afirmação de que a sociedade determina suas ações. A pertinência da caracterização e análise do nordeste do sertão e do litoral para a compreensão do cangaço, contrasta então com o mau uso da questão em reflexões historiográficas. Há de se advertir, portanto, para que não se rejeite o papel do indivíduo enquanto agente da História e a responsabilidade moral perante suas atitudes. Assim, o máximo que se pode dizer com segurança a respeito da contextualização do cangaço, é o fato deste ter surgido em uma sociedade com vivências e costumes específicos do sertão nordestino e paralelos aos do litoral, não havendo como definir ao certo até que ponto a sociedade induz o sujeito e até que ponto este é induzido por ela⁷⁴.

Apesar da limitação existente e da necessidade de cuidados ao se definir o grau de influências na relação entre o indivíduo e o ambiente que o permeia, a análise da sociedade do sertão é necessária para o entendimento da forma de pensar e agir dos sertanejos, o que atribui ao seu estudo uma grande relevância para a compreensão das necessidades, vontades e valores dos cangaceiros. Não se sugere aqui uma descontextualização do Cangaço, e sim que se pondere as influências do meio, tendo sempre em vista a autonomia dos indivíduos⁷⁵. Dentro dessa perspectiva, algumas das obras mais relevantes da historiografia brasileira mantiveram a anteposição entre litoral e sertão. É questionável até que ponto essa dicotomia pode ser sustentada, porém essas obras são de grande utilidade para a caracterização do contexto em que se disseminou o banditismo – fator imprescindível para um estudo do Cangaço.

⁷⁴ Os questionamentos em relação às influências recíprocas entre indivíduo e sociedade foram alvos de estudos por diversos autores. Alf Ludtke destacou-se por afirmar a incapacidade de se definir com segurança até que ponto um determina as características do outro: LUDTKE, Alf. What is the History of everyday life and Who are its practitioners? In, LUDTKE, Alf (Ed.). **The History of Everyday Life**. Reconstructing historical experience and ways of life. Princeton: Princeton University Press, 1989.

⁷⁵ Retomaremos mais a frente o questionamento quanto à autonomia ao tratarmos da *História vista de baixo*.

Capistrano de Abreu, em sua ilustração de dois diferentes Brasis⁷⁶, e Sérgio Buarque de Holanda, no contraste estabelecido entre a colonização da costa e do sertão⁷⁷, são exemplos de grandes autores que se dedicaram a tentar compreender tamanha disparidade. O desamparo existente em relação à presença do estado no interior foi ressaltado por Holanda como sintomático do tipo de colonização estabelecido por Portugal, que se preocupava mais em retirar lucro de sua colônia do que em fincar raízes no futuro território brasileiro. Assim, a presença do estado enquanto legislador e regulador da vida social se restringiria, a princípio, às localidades litorâneas, onde se estabeleceram grandes monoculturas destinadas ao mercado externo. Já no sertão, desenvolveu-se a chamada “civilização do couro”, caracterizada pelo cultivo do gado em largas extensões e pelo escasso povoamento da área.

Seja devido ao desleixo aventureiro⁷⁸ da colonização portuguesa ou por causa da dificuldade em se cultivar alimentos para exportação em uma região tão árida do nosso território, a civilização do couro se formou à distância de uma presença maciça dos aparelhos coercitivos do Estado. Tal “isolamento” propiciou o desenvolvimento de costumes⁷⁹ paralelos aos do litoral e próprios da conjuntura ali estabelecida. No sertão, o cultivo do gado não serviu apenas como meio de alimentação da população, tornou-se matéria-prima para roupas, móveis e outros usos. A cultura local e a forma de atuação do trabalhador também se estabeleceram em contexto com a atividade pecuária implementada, sendo, por este motivo, fundamental para análise da sociedade sertaneja.

Pode-se dizer que o sertanejo é, assim como foi descrito por Frederico Pernambucano de Mello, um indivíduo que desempenha atitudes diferentes àquelas adotadas pelo contemporâneo litorâneo: “não conheceu feitor que lhe exigisse o cumprimento do serviço nem fiscal que lhe exigisse o cumprimento de tarefas; não

⁷⁶ Segundo as contribuições presentes em: MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil**: um banquete nos trópicos. São Paulo, SP: Senac, 2001. V. 1, pp. 171-191.

⁷⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1999.

⁷⁸ Esses termos são utilizados por Sérgio Buarque de Holanda em referência a colonização da América Portuguesa. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op cit.*

⁷⁹ Com costumes pretendo dizer, maneira de agir própria de um povo em uma época e condição social específicas, não havendo de ser uma prática obrigatória, em todos os habitantes da região referida, mas algo que diferencie as atitudes habituais destes em comparação às tomadas em uma comunidade paralela.

conheceu cerca que lhe barrasse o andar espontâneo; não sofreu o disciplinamento da proximidade do patrão e muito menos ação coercitiva do poder público”.⁸⁰ Tem-se então, em uma sociedade sujeita às intempéries da natureza e fundamentada no cultivo extensivo do gado, a necessidade de um trabalhador de maior autonomia e livre-arbítrio, que possibilitasse o sucesso na atividade pecuária a despeito das estiagens e sem a supervisão e trabalho coletivo, típicos das grandes monoculturas.

A autonomia do sertanejo se manifesta então em dois sentidos, na lida diária do cultivo do gado para garantir o seu sustento e na necessidade de preencher a ausência de uma legislação que lhe proteja e assegure seus direitos. Não cabe aqui discutir se a presença do Estado era um grande mecanismo de manutenção da ordem social no litoral, há de se convir, entretanto, que na ausência desse o indivíduo tende a fazer cumprir o que encara serem seus direitos por meio de suas próprias atitudes. Os sertanejos do fim do século XVII e início do XVIII vivem, portanto, uma situação social peculiar: estando abarcados por um Estado que não lhes garante direitos nem regula suas ações, adquirem costumes diversos, que os dissociam dos membros de outras localidades e desempenham o papel de reguladores da vida em sociedade.

Mesmo que se possa notar uma relação intrínseca entre o desenvolvimento de costumes coletivos e a forma como se deu o povoamento e a implementação do trabalho no sertão do nordeste, isso não significa que as escolhas e atitudes tomadas por indivíduos específicos possam ser explicadas dessa mesma forma. Ao se exercer uma reflexão acerca de atitudes individuais, deve-se considerar uma série de fatores que beiram o imponderável; pessoas imbuídas de valores similares podem tomar atitudes iguais por motivos distintos, assim como praticar ações diferentes motivadas por uma mesma situação. Nesse sentido, acredito que algumas elaborações teóricas servem de cerne para a tentativa de análise do Cangaceiro e de seus membros.

Tomando-se por base o conceito de *História vista de baixo*, de E. P. Thompson, pode-se tecer considerações a respeito da melhor maneira de se trabalhar os costumes sertanejos e as formas de agir dos cangaceiros. As teorizações desenvolvidas a partir dessa ideia trouxeram consigo uma série de interpelações extremamente relevantes para a historiografia; como a respeito da interação entre

⁸⁰ Trecho extraído de: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2004. p, 44.

costumes das diferentes classes e a proposta de se trabalhar os marginalizados enquanto agentes da História. Apesar disso, várias críticas pertinentes foram feitas em relação à *História vista de baixo*, como pelo termo já conter em si mesmo um contrasenso e pela identificação estabelecida pelos autores entre ações populares independentes e movimentos político-sociais organizados apenas posteriormente⁸¹.

Dito isso, é válido ressaltar o tipo de contribuição a ser retirada da *História vista de baixo* para a disciplina como um todo. O modo como Thompson trabalha os costumes da plebe e do patriciado na Inglaterra do séc. XVIII, de forma a entender as distâncias e proximidades entre os dois grupos, serve também como uma estratégia de análise viável para a compreensão dos costumes presentes no sertão nordestino do fim do séc. XIX. Ademais, o que se sugere não é tentar se encontrar uma justificativa comunitária para uma atitude individual, e sim buscar na compreensão da sociedade presente em um espaço, lugar e período específicos uma perspectiva que auxilie no entendimento de racionalidades e atitudes particulares.

Compreender como, mesmo em uma situação de submissão, os indivíduos conseguem se impor por meio de suas atitudes é seguramente a maior contribuição da *História vista de baixo*. Não se trata aqui, portanto, de “valorizar” o objeto de estudo por lhe caracterizar como vítima de uma sociedade desigual e cruel, e sim conseguir enxergar as estratégias adotadas por esses ao se manifestarem e fazerem valer suas vontades. Pode-se dizer que realizar esse tipo de História consiste em buscar enxergar a forma como a racionalidade das pessoas se manifesta, mesmo nas situações mais difíceis.

Thompson aplicou com propriedade sua própria estratégia na análise do costume da venda de esposas na Inglaterra do séc. XVIII. Ao buscar entender de que forma as mulheres comercializadas pelos seus maridos se impunham, mesmo na condição de oprimidas, conseguiu romper com a vitimização existente em torno dessa

⁸¹ Várias críticas foram desenvolvidas a respeito da *História Vista de Baixo*. Entre elas estão o questionamentos a respeito da divisão classista já empregada a partir do nome, da possibilidade de se ver algo de baixo com fontes vindas de cima e da relação anacrônica feita por alguns autores e citada no texto. Em: SILVA, Luiz Geraldo S. da. Canoeiros do Recife: História, Cultura e Imaginário – 1777-1850. In: Malerba, Jurandir. (org). **A velha História: Teoria, método e historiografia**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

situação dentro da tradição historiográfica inglesa⁸². No âmbito da História do Brasil, os estudos mais recentes acerca da escravidão conseguiram também se revitalizar através de uma mudança de foco similar. Buscaram encarar ações implementadas em situações aparente opressoras, como a alforria, “não somente como uma concessão, mas como uma conquista”⁸³ e assim distanciaram-se da coisificação dos cativos, tão comum nas correntes de análise anteriores.

Haja vista toda a reflexão já realizada até aqui, parece-me necessário que se revitalize a historiografia sobre o Cangaço, buscando refletir acerca da pertinência de certas caracterizações já edificadas em análises acadêmicas. Nesse processo, assim como ocorreu em relação à escravidão e ao costume da venda de esposas, poderá se encontrar outras maneiras de se enxergar situações opressoras ou marginalizantes. Não se deve, entretanto, simplesmente negar todo o já descrito nesse capítulo, descartando quaisquer influências desses estudos, e sim buscar, assim como fizemos brevemente em relação aos costumes dos sertanejos, as contribuições presentes em tais perspectivas para uma revitalização da História do Cangaço. Mais do que apenas uma reflexão acerca das caracterizações realizadas a respeito do binômio sertão/litoral, a crítica apresentada reside na questão da omissão do papel do indivíduo enquanto agente da História. É necessário, portanto, elaborar teorias que consigam abarcar em suas reflexões o papel e responsabilidade do homem (independente de se tratar do masculino ou feminino, singular ou coletivo) em sua relação com o ambiente em que se encontra, enfatizando uma participação condizente com a relevância de ambos na existência desse fenômeno social.

2.2 SEGUNDO EIXO: a antropologia criminal e o discurso sanitarista

⁸² A ideia de Thompson é evitar a perspectiva de análise que apenas vê o quanto as mulheres foram subjugadas pelo costume da venda de esposas. Assim, analisando documentos encontra vestígios de mulheres que induziam os maridos a vendê-las para amantes e outras que forçavam a venda para fugir de um casamento que não as agradava mais. Encontra, a partir daí, a forma como agiam socialmente, mesmo na condição de oprimidas. THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Cia. das letras 2000.

⁸³ Trecho retirado de: CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma História das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1990.

As tentativas existentes em se explicar comportamentos humanos não se encontram restritas apenas às análises críticas das ciências sociais. Diversas foram as teorias que a partir de considerações essencialmente técnicas e científicas buscaram a compreensão de condutas e procederes de grupos específicos. Nesse âmbito, a antropologia criminal, fundada pelo médico, cirurgião e cientista italiano Cesare Lombroso, destacou-se, em finais do séc. XIX e no início do XX, como campo científico responsável pela associação entre as características físicas de um sujeito e a índole demonstrada nas atitudes tomadas por este. No Brasil essa área do conhecimento ganhou respaldo e difusão, tendo como sua referência de maior prestígio o médico maranhense, radicado na Bahia, Nina Rodrigues⁸⁴ e sendo utilizada frequentemente para analisar criminosos.

Não há como se dissociar a História da antropologia criminal no Brasil de seu maior campo de aplicação, o Cangaço. A escolha por implementar-se tais teorias em uma exame do bandoleirismo é tão óbvia quanto justificada. Afinal, considerando-se a delinquência atribuída aos cangaceiros e a amplitude alcançada pelo movimento durante a década de 1920, auge dessa escola no país, constituía-se um terreno fértil para a aplicação dos ensinamentos de Lombroso. Desse modo, diversos estudos foram realizados na busca por encontrar explicações físicas para os delitos dos cangaceiros. Técnicas como a da craniometria, baseada nas dimensões da caixa craniana do “paciente” (que geralmente já se achava morto), foram aplicadas em larga escala e assim o hábito de cortar-se a cabeça dos criminosos⁸⁵ disseminou-se no sertão nordestino.

⁸⁴ A análise publicada em artigo por Rodrigues do crânio do bandido Lucas da Feira em 1882 é considerada a primeira obra brasileira de antropologia criminal. Em 1894 ele lançou o livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, sendo este tido até hoje como um marco das teorias lombrosianas. Após sua morte, em julho de 1906, o Instituto Médico Legal de Salvador – BA passou a se chamar Instituto Nina Rodrigues.

⁸⁵ Não se sabe ao certo como se iniciou a prática de decapitação disseminada durante o auge do Cangaço. Sabe-se apenas que tanto cangaceiros quanto volantes fizeram disso uma constante que caracterizou o movimento. As cabeças dos cangaceiros, geralmente percorriam um trajeto por algumas cidades, o que servia para ostentar a vitória obtida e amedrontar possíveis novos criminosos. Só depois eram enviadas pelas autoridades ao Instituto Nina Rodrigues, onde passavam por exames detalhados de craniometria que indicavam o grau de psicopatia do indivíduo. Já as cabeças dos volantes, ou de outros opositores dos cangaceiros, eram, em sua maioria, endereçadas às autoridades que comandavam o combate ao Cangaço, como uma provocação e uma forma de demonstrar a força dos bandoleiros.

Transcendendo o campo das ciências, os estudos da antropologia criminal e seu determinismo físico representaram e influenciaram em muito as formas de se pensar o Cangaço. Desde o discurso sanitarista das autoridades até a linguagem presente em folhetos de cordel populares, encontram-se facilmente alguns exemplos disso. Em um âmbito acadêmico, suas teorizações vieram a ser utilizadas por diferentes áreas e é neste contexto que se situa aquilo que determinamos como sendo a segunda linha tradicional de interpretações a respeito do cangaço. Trata-se de análises que remetem diretamente à antropologia criminal ou fazem parte do extenso campo de influências criado a partir da disciplina em estudos posteriores.

Nos primeiros discursos desse eixo⁸⁶, chegou-se a descrever o banditismo como uma espécie de patologia que atingia seus membros, similar a um tipo de insanidade que trazia consigo a crueldade e a violência. Em alguns momentos, através das análises de craniometria em ex-cangaceiros, chegou-se até mesmo à conclusão de que tal enfermidade era intrínseca à população sertaneja como um todo, que possuía uma constituição física propícia a sofrer de tais males. Felizmente não se produzem mais atualmente exemplos de estudos sérios que defendam tais perspectivas e pode-se afirmar com razoável segurança que estas já se restringem a uma forma de pensamento distante.

Apesar de não existirem novas obras perpetuando essa visão de Cangaço, suas repercussões podem ser vistas até hoje em discursos de diversos autores. Trata-se de uma terminologia utilizada para caracterizar o banditismo, edificada nas obras atuais e que implicitamente faz referência a moléstias ou questões de saúde pública. Um bom exemplo se encontra no difundido uso dos termos *Cangaço endêmico* e *Cangaço epidêmico*⁸⁷ para referir-se a diferentes momentos do movimento. Autores como Frederico Pernambucano de Mello, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Moacir Assunção e Antônio Amaury Corrêa de Araújo aplicam ambas as definições

⁸⁶ Refiro-me especificamente aos livros não apenas baseados na antropologia criminal, mas que apresentam suas argumentações girando em torno de análises craniométricas. Obras ilustradas por fotos de crânios como evidências para as argumentações empregadas.

⁸⁷ Nota-se o quanto os termos se encontram envoltos em um discurso sanitarista e em suas próprias definições formais. O dicionário *Larousse da Língua Portuguesa*, por exemplo, define da seguinte forma os termos: **endêmico** *adj.* 1. Diz-se da doença permanente em uma região determinada; e **epidêmico** *adj.* 1. Caráter atribuído ao desenvolvimento de uma moléstia infecciosa que afeta, durante um período determinado e em certo território, um grande número de pessoas.

respectivamente como referência aos períodos anterior e posterior a seca de 1877, quando, segundo eles, se disseminou o banditismo no nordeste.

Mesmo que esses autores em suas argumentações não tratem o Cangaço como um vírus que gradualmente contamina a população e se propaga sertão adentro, ao usarem termos como estes acabam reafirmando uma imagem pejorativa e preconceituosa. Sendo assim, não me parece pertinente às análises dos mesmos que tais conceitos continuem a serem empregados. Pois, sendo a História uma disciplina que se utiliza de ferramentas literárias (o que diz respeito a sua faceta estética), deve-se procurar, em sua escrita, tomar precauções – não apenas em relação ao conteúdo explicitado, mas também quanto a forma encontrada para externá-lo. Mais do que apenas palavras soltas e descontextualizadas, são elementos representantes de estruturas de pensamento que remetem a uma concepção deturpada de um movimento social.

Nesse caso, por mais que a teoria tenha a sua validade, os vocábulos utilizados ao descrevê-la carecem da mesma. Parece-me relevante, portanto, questionar a pertinência dos termos e encontrar novas formas de se referir ao tal período sem que isso implique em uma caracterização deturpada e infeliz. Definições como as de Cangaço endêmico e epidêmico podem ser substituídas em um contexto geral por outros termos que façam referência às mesmas acepções excluindo-se a carga pejorativa. Assim, recortes temporais idênticos de demarcação quanto à difusão do banditismo no sertão poderiam ser representados similarmente por conceitos novos, como os de *Cangaço restrito* e *Cangaço disseminado*⁸⁸.

Considerando-se ainda a fundamentação realizada anteriormente, especialmente no que diz respeito às teorias de Weber, é de suma importância buscar em nossa crítica elementos que possam ser aproveitados para agregar novos motes pertinentes aos estudos posteriores. Sendo assim, deve-se buscar, ao se tratar de obras de outras disciplinas, interpretações que acrescentem novas ideias às análises historiográficas e não se restringir apenas a aplicar a terminologia utilizada por essas – especialmente quando se encontra envolta em tantos problemas quanto os citados. Nesse ponto, trabalhos que busquem inspiração em outras áreas (sejam eles

⁸⁸ Não se trata de um questionamento a respeito do quanto o conceito por detrás dos termos se justifica, e sim de uma substituição de palavras com uma carga pejorativa por outras menos problemáticas.

interdisciplinares ou não) e que acrescentem uma diferente perspectiva de análise são de extrema utilidade para a ampliação, aprofundamento e diversificação do conhecimento.

Em muitas oportunidades, diferentes formas de análise auxiliam mutuamente na compreensão de assuntos comuns e facilitam a percepção de questões trabalhadas. A própria apreciação da representatividade carregada por um vocabulário específico, alvo de nossa discussão atual, é objeto de estudos em diversas áreas que, empregando suas teorias e métodos, forneceram interpretações particulares a respeito. A partir dessas podemos acrescentar à nossa análise novos elementos ainda não empregados. Um bom exemplo disso se encontra em obras de sociologia, que costumam criar categorias e tecer considerações gerais sobre situações ocorridas na vida em sociedade. Assim, elas fornecem um grande repertório de conceitos e enfoques utilizáveis em análises de caso.

Dentre as teorias sociológicas aplicáveis ao estudo do Cangaço, está a obra de Norbert Elias *Os estabelecidos e os outsiders*. Nesta, Elias analisa a situação da comunidade de Winston Parva, onde um grupo de residentes, já estabelecido no local há algum tempo, se referia aos habitantes mais recentes da região através de uma série de atribuições pejorativas. Tal caracterização visava não somente depreciar os novos habitantes como também afirmar as diferenças existentes entre ambos. Assim mantinha-se um distanciamento entre os moradores mais antigos e os recém-chegados, atribuindo-se a essa relação uma questão de superioridade. Mais do que uma análise de caso, o que Elias faz é uma definição do que acredita ser “uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos-outsiders”⁸⁹ e é exatamente nesse ponto que sua teoria se distancia do pretendido pelo nosso enfoque⁹⁰.

Apesar de direcionar sua análise ao estabelecimento de considerações generalizantes, o que não é decerto uma preocupação da História enquanto disciplina, o processo racional de Elias, na elaboração da teoria a partir do exemplo de Winston

⁸⁹ Trecho extraído da obra: ELIAS, Norbert e Scotson J. **Os estabelecidos e os outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. RJ. Zahar, 1993.

⁹⁰ Essa questão é exatamente um dos principais elementos que distancia a História da Sociologia. Enquanto uma trabalha visando a elaboração de constantes universais, dedicando-se com afincado à criação de categorias e modelos, a outra se direciona para análises de situações específicas.

Parva, serve como fonte proveitosa para obras historiográficas – especificamente àquelas que buscam uma compreensão de fenômenos sociais baseadas em um estudo da linguagem. A partir desse mote, pode-se buscar em diversas situações exemplos de imposições realizadas por diferentes grupos por meio da utilização de uma terminologia específica em referência a outros.

Transpondo-se ideia semelhante para o estudo do Cangaço, a forma como a população sertaneja se referia aos bandoleiros e aos soldados volantes serve, seguindo a linha de explicações de Elias, como representação simbólica da opinião dos sertanejos em relação a ambos. Assim, a mítica atribuição de poderes sobrenaturais a Lampião e as referências a este precedidas pela patente de capitão podem ser vistas, conforme as interpretações estabelecidas, como indícios do medo, respeito ou até mesmo admiração existente para com o bandoleiro. Por outro lado, a alcunha de *macacos* atribuída aos soldados das volantes também carrega consigo uma carga representativa similar e de extrema utilidade para a compreensão da sociedade que permeia o banditismo.

A partir da apreciação feita em relação ao segundo eixo, vê-se a apresentação de duas questões fundamentais: a importância do cuidado com a terminologia empregada em obras acadêmicas e o quanto um estudo da linguagem que permeia um fenômeno social pode servir ao pesquisador como ferramenta para suas elaborações. Vale então ressaltar que ambas as questões carregam consigo considerações ainda mais amplas e que dizem respeito à disciplina como um todo. Simbolizam assim a possibilidade de se estudar o Cangaço sem necessariamente se ater a questões relacionadas à violência, também ilustram a já citada necessidade de se atribuir ao(s) indivíduo(s) o papel de agente da realidade social na qual este se encontra.

É partindo para explicações e enfoques de questões paralelas à violência no Cangaço que se terá a real dimensão de todo o aparato social e as representações existentes em torno do banditismo no nordeste. Ademais, a valorização dos sertanejos e dos cangaceiros como membros ativos e pensantes no processo histórico passa em muito por essa questão. Quanto mais estudos existirem tratando de questões específicas e/ou peculiares do cangaço, mais se perceberá a pluralidade e singularidade de tal fenômeno social e assim ver-se-á com maior clareza a

racionalidade e as estratégias de ação dos cangaceiros. Não apenas ampliando como também qualificando o conhecimento a respeito do tema.

Se ao se analisar a aplicação do determinismo geográfico condenou-se a omissão existente quanto à participação racional e às escolhas dos cangaceiros, o mesmo pode se dizer a respeito da antropologia criminal. Embora possa se encontrar pertinência em obras que usam termos derivados desta, considerar suas elaborações por si só como algo válido seria negar a própria humanidade das ações dos bandoleiros, haja vista que não parecem ter escolhas quanto às suas atitudes e índole. Como já foi dito e reiterado anteriormente, trabalhar as ideias por detrás das ações dos bandoleiros é conferir-lhes responsabilidade e tratá-los como pessoas atuantes dentro do contexto ilustrado.

2.3 TERCEIRO EIXO: o cangaço como insurreição classista

A tentativa de se valorizar a importância da participação social ativa de grupos marginalizados não é uma preocupação nova entre os historiadores. Diferentes autores de várias correntes teóricas já empreenderam esse esforço através da implementação nos discursos acadêmicos de enfoques mais detidos à inserção de classes subalternas no processo histórico. Um bom exemplo se encontra na historiografia de cunho marxista, que através de uma perspectiva classista capitaneou as tentativas de valorização da participação do proletariado como agente de mudanças sociais e como classe insurgente em relação à hegemonia da concentração de renda e poder nas mãos de uma elite.

Apesar da já ressaltada validade existente em tal tentativa, e dos exemplos de êxito encontrados nessa empreitada⁹¹, pode-se notar alguns esforços pela valorização de um grupo social que resultaram em novas reduções, desprezando através de suas análises a autonomia racional dos indivíduos estudados. Refiro-me especificamente a obras que na busca por glorificar indivíduos atribuíram a estes características louváveis, como nobreza, honra e senso de justiça, sem que houvesse evidências para

⁹¹ Um bom exemplo de sucesso me parece ser o já citado texto de Thompson a respeito da sociedade inglesa do séc. XVIII. THOMPSON, E. P. *Op cit.*

justificá-las. Ao realizar isso pode-se dizer que desconsideraram, de forma similar às análises exemplificadas nos eixos anteriores, a individualidade existente nas ações tomadas pelos mesmos.

Envolto em problemáticas similares, esse terceiro eixo consiste em obras acadêmicas que procuraram encarar os bandoleiros como membros de um movimento representativo da luta de uma classe social “subalterna” contra a elite estabelecida no sertão nordestino. Tendo como carro chefe a aplicação de fundamentos marxista, tais estudos defendem o Cangaço como sendo um movimento engajado na defesa da população sertaneja, o que resultou na corrente de análises mais próxima às mitificações e glorificações populares em torno do banditismo. Trata-se então de obras historiográficas que fazem referências ao Cangaço como sendo uma forma de combate promovida pelos bandoleiros contra os poderosos do sertão, defendendo a existência de uma uniformidade em suas atuações e uma meta social maior permeando o movimento.

A aparente facilidade em se encaixar o banditismo nordestino na tradicional dialética da luta-de-classes atraiu vários pesquisadores adeptos de tal perspectiva ao estudo do tema. Apesar de diferenças pontuais de estilo, esses estudiosos deram ao Cangaço enfoques bem semelhantes, como mostram as definições de Rui Facó “uma forma de lutar contra submissão imposta pelo monopólio da terra”⁹², Cristina Mata Machado “resposta à violência do coronel”⁹³ e José Honório Rodrigues “resposta contra o monopólio da terra e exploração do trabalhador rural pelo latifundiário”⁹⁴. Como se pode notar, essas obras pressupõem uma coesão nos motivos que cercam o Cangaço, sendo este definido como um movimento insurgente de combate a uma ordem social desigual e, de acordo com fundamentos marxistas, uma forma primitiva de manifestação classista.

Para que se possa qualificar a crítica a respeito dessa corrente de estudos e teorizar sobre questões um pouco mais palpáveis, faz-se necessário previamente ilustrar as diferentes realidades existentes entre os cangaceiros. Nesse sentido, ao apreciar os casos particulares de Lampião, Sebastião Pereira e Ângelo Roque, poder-

⁹² FACÓ, Rui, **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira e Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

⁹³ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*, p 32.

⁹⁴ Idem.

se-á incrementar o conhecimento a respeito de suas carreiras, notar as particularidades existentes entre estes e examinar se realmente tal uniformidade atribuída ao movimento se justifica, elementos importantes para a compreensão do Cangaço como um todo. Vejamos, portanto, os três casos.

Conhecido como o “Rei do Cangaço” pela amplitude e durabilidade alcançada pelo seu bando, Lampião atribuiu diversas vezes sua carreira criminal ao assassinato de seu pai José Ferreira pelo policial José Lucena em 1920. Lucena fora enviado à casa do pai de Lampião por José Saturnino, homem influente com o qual os Ferreira alimentavam contenda pessoal em torno da posse de alguns animais. Durante anos o cangaceiro bradou jurando morte aos seus desafetos e conferiu ao assassinato destes o único objetivo de sua estada no Cangaço. Porém, conforme o tempo passou e a querela envelheceu, deixou de lado o conflito com ambos, chegando até mesmo, segundo relata Assunção⁹⁵, a propor, em certa ocasião, reconciliação com Lucena.

O fato de Lampião nunca ter tomado a atitude de abandonar a criminalidade, apesar de possuir recursos e receber propostas para que o fizesse, é representativo dos motivos que cercam as ações do cangaceiro. Por mais que no início de sua carreira criminal tivesse como justificativa às suas atitudes uma vingança familiar, não se pode afirmar com segurança que tenha mantido esse objetivo no decorrer de sua vida. Parece-me inclusive mais pertinente a ideia de que a partir de um certo momento o Cangaço lhe passa a ser muito mais um meio de vida, no qual se estabelece sem pretensão de deixá-lo, do que uma forma de tirar a desforra de seus inimigos de outrora.

Quanto ao seu predecessor, de quem herdara a liderança do bando durante sua juventude, Sebastião Pereira, vê-se em suas atitudes evidências de motivações distintas às de Lampião. Após perseguir durante anos Antônio da Umburana, assassino de sua família, Pereira conseguiu encontrá-lo em 1922, executando-o sumariamente. Depois de sentir-se vingado, decidiu abandonar o cangaço e deixar o

⁹⁵ Segundo Assunção, Lampião nunca se dedicou a combater seus ditos inimigos e no final da carreira chegou a procurar Lucena, que atuava em uma volante, para selar as pazes. Essa ideia é derivada de um aprofundamento do conceito de *Escudo ético* e dos escritos de Frederico Pernambucano de Mello, que faz direta referência à disparidade entre os reais motivos e as alegações utilizadas por alguns cangaceiros. ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora** – A história dos grandes inimigos de lampião. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007, pp. 29-33.

sertão nordestino, falecendo já bastante idoso na cidade de Presidente Olegário – MG. Segundo relata Mello, em sua longa estada na cidade mineira viveu uma vida pacata, não constando nenhuma queixa ou registro de envolvimento em tumultos ou conflitos quaisquer, o que leva a crer que este tenha abandonado de vez a vida do crime.

Ao contrário de Lampião, Pereira nunca abdicou de sua vingança, dedicando-se intensamente para realizá-la. Nesse caso, pode-se dizer que o bandoleiro possuía um objetivo maior por detrás de suas ações, a ponto de sua estada no Cangaço estar condicionada ao cumprimento dessa tarefa. Vê-se, portanto, características distintas em ambos que representam as diferentes formas com que encaravam o banditismo. Mesmo que se possa considerar os motivos para entrarem no Cangaço como equivalentes, a forma como procederam em busca de sua realização demonstram as diferentes posturas e índoles, e a maneira como estas influenciaram o modo de agir dos cangaceiros.

Já o caso de Ângelo Roque, também conhecido como Labareda, é bem diferente dos outros citados. Famoso pela frieza durante as batalhas, utilizou o cangaço como forma de escapar à dura perseguição que vinha sofrendo. Tudo começou quando sua irmã foi estuprada e desvirginada pelo soldado Horácio Caboclo, o Couro Seco. Revoltado, Roque foi até a casa do inimigo, onde o acossou e assassinou. A família de Couro Seco, que possuía recursos e era considerada importante, passou então a persegui-lo incansavelmente pelo sertão. Jurado de morte, Labareda encontrou no cangaço sua última instância de salvação; ingressou em 1926, para fugir dos inimigos, e permaneceu cangaceiro até 1940, época do desmantelamento do Cangaço, quando se entregou às autoridades do estado da Bahia.

A situação que levou Labareda ao banditismo se destaca perante as outras citadas por ter sido tomada em um momento de fuga. Não quero dizer com isso que se tratasse de uma atitude covarde, muito pelo contrário. Segundo consta, Roque demonstrou durante os seus anos de bandoleiro a mesma coragem necessária a um sujeito capaz de matar um soldado de família influente no sertão do início do séc. XX. Por isso o Cangaço pode ser definido para ele como um refúgio encontrado para escapar de uma perseguição, já que não pretendia mais vingar ninguém e que, após certo período, não demonstrou grandes resistências em abandonar sua carreira criminal.

Tais casos demonstram que os três bandoleiros faziam parte de um movimento plural, em que os ingressos, permanências e saídas se davam muitas vezes por motivos pessoais⁹⁶. Inexiste, portanto, a uniformidade de intenções atribuída ao Cangaço. O banditismo foi a forma utilizada por Sebastião Pereira para obter sua vingança, o meio de vida de Lampião, e o refúgio de Ângelo Roque. Essa chamada tripartição do Cangaço (teorizada por Mello⁹⁷ e apresentada aqui em três exemplos) serve como contraponto à generalização e ao determinismo intransigente que vigora em alguns estudos e como lúcida demonstração da pluralidade que pode ser encontrada na análise do bandoleirismo sertanejo. Por mais que só se possa afirmar a existência de apenas três motivos após um estudo de grandes proporções, a garantia de que ao menos três coexistiram me parece razoável.

Ao atribuir uma coesão de intenções aos cangaceiros, esse modelo de interpretação do Cangaço, que aqui chamamos de terceiro eixo, mostra o primeiro de seus equívocos, haja vista a pluralidade recém-ressaltada. Deve-se notar também que essas elaborações encontram outras facetas que não apenas esta a serem analisadas. Afinal, na tentativa de compreender o Cangaço fundamentam suas afirmações por meio da aplicação de uma base teórica marxista consagrada, que transcende o estudo específico do banditismo sertanejo. Trata-se de questões um pouco mais amplas e edificadas em categorias e modelos interpretativos presentes em obras de diversas áreas e utilizados nessa circunstância em particular. É o caso da já citada aplicação do conceito de luta de classes.

Como também se pôde ver pelos exemplos, não há como se afirmar categoricamente que os cangaceiros representassem os interesses de uma classe social específica, a notar pela pessoalidade de suas intenções. Sendo assim, definir o Cangaço como um arquétipo da luta-de-classes no sertão nordestino seria extrapolar as evidências e desconsiderar a individualidade das razões dos bandoleiros. Estes não representavam ou defendiam nenhuma parcela da população, agindo de forma a

⁹⁶ Assunto que permeou esse texto em vários momentos e será ainda retomado logo mais. Apesar de não se estender acerca do tema em seu livro, Billy Jaynes Chandler é provavelmente o autor que citou essa questão com maior propriedade, ressaltando a coexistência de motivos pessoais e estruturais ao tratar do Cangaço. CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980.

⁹⁷ Trata-se da caracterização de três diferentes tipos de cangaço baseada em uma catalogação das motivações ostentadas por diferentes bandoleiros: cangaço refúgio, cangaço meio de vida e cangaço vingança. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*, Cap. 4.

satisfazer suas vontades e valores pessoais. Não há como negar a importância do pensamento marxista na historiografia, todavia, no que diz respeito às principais obras sobre o cangaço, o que se vê é uma banalização da dialética de luta-de-classes, aplicando de forma simplista e mecanizada uma teoria de grande utilidade para análise da estrutura da sociedade.

Essa relação estabelecida entre o banditismo disseminado no início do séc. XX e movimentos político-sociais posteriores, caracterizando um como sendo uma formação primitiva do outro, diz mais a respeito da posição política dos autores do que sobre o bandoleirismo sertanejo. A própria utilização dos termos *resposta e reação* já sugere certa mecanização das ações dos cangaceiros, como se estes se limitassem a refletir aquilo que a sociedade lhes apresenta. Ademais, mesmo que se desconsiderasse os problemas na terminologia empregada e se buscasse encontrar validade nos argumentos por detrás destas, a postura dos cangaceiros não aparenta uma preocupação ou zelo qualquer com os membros de uma classe específica.

Muito mais que para guerrear contra os coronéis e a favor dos sertanejos, os indivíduos ingressavam, permaneciam e deixavam a luta armada por questões diversas que não implicavam diretamente em uma preocupação social. Em alguns relatos e estudos detalhados⁹⁸ sobre o tema, apresenta-se um bom panorama a respeito de tal situação. Ao alcançar sucesso no cangaço, boa parte dos bandoleiros não visava proteger a população desamparada. Muito pelo contrário, diversas vezes estabeleciam acordos de ajuda mútua e prestação de serviços com grandes proprietários de terras, contribuindo para a mesma classe opressora que boa parte dos autores os dizia combater.

Não é por se tratar de um movimento armado e essencialmente composto por membros da população sertaneja que haja concomitantemente uma tentativa de combate a ordem social estabelecida. Por mais que seja atraente e heroica a ideia de pessoas pegando em armas para defender os seus pares, tal concepção não se legitima perante as evidências. Sendo assim, o Cangaço teria uma descrição mais condizente e verossímil caso fosse encarado como uma adaptação e atuação perante certas condições sociais, e não como uma reação violenta formada em oposição a uma

⁹⁸ Élise Grunspan-Jasmin relata bem os acordos estabelecidos entre proprietários e cangaceiros. GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão**: Vidas e Mortes de um cangaceiro. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

sociedade injusta. É portanto um elemento que faz parte de um sistema desigual e não um oásis de resistência a este⁹⁹.

Retornando aos pensamentos de Karl Popper sobre a historiografia, apresentados no início desse capítulo, pode-se encontrar contribuições destes para uma boa apreciação do terceiro eixo de interpretações sobre o Cangaço. O que se nota, após realizada a descrição e problematização das principais questões levantadas sobre o banditismo sertanejo, é que a maioria das obras dessa perspectiva não se preocupou em primeiramente analisar as evidências e situações existentes para posteriormente refletir acerca da melhor maneira de se tratar o objeto de estudo. Procuraram, todavia, encontrar meios de aplicar padrões teóricos já consagrados e tidos por estes como fundamentais para se compreender a sociedade como um todo em uma análise específica do Cangaço. A grosso modo, pode-se dizer que não se trata efetivamente de uma análise de caso e sim da aplicação de uma teoria previamente escolhida.

De acordo com essa consideração, vale ressaltar novamente a importância de se apreciar as características específicas do objeto estudado antes de optar por uma teoria para sua compreensão. Desconsiderar essa questão significa, por um lado, ignorar as características próprias de um fenômeno social e, por outro, omitir a participação ativa de indivíduos diferentes em situações distintas. Sendo assim, é possível se classificar as obras que aplicam perspectivas de análises como esta de duas maneiras: reducionistas, por desconsiderarem questões fundamentais, ou tendenciosas, por intencionalmente sobrepor afinidades teóricas ou políticas à apreciação do tema de estudo.

Embora esteja patente a impertinência de algumas definições fornecidas pelo chamado *terceiro eixo* para a compreensão do Cangaço, deve-se tomar cuidado para não transformar as críticas às elaborações errôneas em outras tão infelizes quanto as precedentes. Não é pelo fato de não haver fundamento na classificação do Cangaço como sendo um movimento de defesa dos desfavorecidos que se deva afirmar que essa característica não possa ser encontrada em nenhum dos diversos grupos

⁹⁹ A possibilidade de se ver o Cangaço como adaptação e não reação à sociedade do sertão foi brevemente mencionada em: SINGELMANN, Peter. **Political Structure and Social Banditry in Northeast Brazil**. In: **Journal of Latin American Studies**, Vol. 7, No. 1. Cambridge University Press, may 1975, pp. 59-83.

existentes no sertão nordestino¹⁰⁰. Do mesmo modo, não existe também justificativa racional para se inferir que o Cangaço seja um movimento de apoio à elite e opressão à população local.

A negação de um modelo não implica, portanto, na afirmação de que o contrário absoluto deste seja verossímil. Da mesma forma, a linha média entre visões extremadas não resulta necessariamente em uma conclusão ponderada¹⁰¹. Mesmo a já mencionada e reiterada constatação de que estamos tratando de um movimento sem coesão nem intuito claramente definido, que me parece cada vez mais justa, só pode ser afirmada em um contexto restrito – como na referência feita aos 3 casos brevemente tratados. Desse modo, a análise do *terceiro eixo* ilustra a necessidade de se trabalhar aprofundadamente um tema para que se possa tirar conclusões assertivas a respeito deste e não incorrer em reduções similares às constatadas.

2.4 UM OUTRO EIXO: novo atalho para chegar-se ao movimento

As análises e críticas estabelecidas em relação aos três grandes eixos teóricos de estudo do Cangaço serviram para demonstrar a reincidência de assuntos e a forma como ideias difundidas, mesmo aquelas que não possuem grande legitimidade, se reapresentam em novos estudos. Ou seja, procurou-se, neste capítulo, realizar uma breve análise historiográfica ressaltando os discursos que permeiam as obras acerca do banditismo sertanejo e deixando de lado uma análise mais detalhada a respeito das mesmas. As ressalvas feitas se referiram a ideias renitentes, que se encontram edificadas na imagem comum existente a respeito do Cangaço e influenciam boa parte da produção acadêmica em torno do movimento.

A partir das considerações realizadas, pretende-se que se sobressaiam as sugestões para a construção de uma nova historiografia e não uma desqualificação

¹⁰⁰ Uma extensa catalogação realizada por Frederico Pernambucano de Mello encontrou, somente em Pernambuco, entre os anos de 1919 e 1927, 44 diferentes grupos, citados nominalmente a partir de seu principal chefe. Partindo desse montante, pode-se supor a variedade de características existentes em torno do Cangaço no Nordeste brasileiro. Sendo assim, negar totalmente a existência de uma característica requereria uma longa pesquisa. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*, p 190.

¹⁰¹ Tese defendida por Max Weber em mais uma defesa da ponderação racional em detrimento à adoção de ideias pré-definidas. WEBER, Max. *Op cit.*

vaga daquela já existente. Aliando então essa crítica a todas as possibilidades apresentadas no estudo de formulações teóricas, permite-se o desenvolvimento de uma historiografia mais eficaz na proposta de entendimento do Cangaço. Assim, a intenção não é que se negue e esqueça tudo aquilo que foi criticado, nem que se procure fazer uma mistura que resulte em uma análise híbrida entre novas versões e explicações tradicionais¹⁰². O intuito é que através das ressalvas elaboradas consiga-se evitar os erros de outrora e desta maneira racionalizar com eficácia a respeito do banditismo.

Desse modo, realizar estudos sobre as mesmas questões já trabalhadas, evitando-se os erros citados, é apenas um pequeno passo para melhoria das obras acadêmicas. Deve-se diversificar as perspectivas existentes e analisar outras questões que possibilitem uma exposição da pluralidade intrínseca ao movimento. A larga produção disponível sobre o tema necessita de uma renovação (já até mesmo iniciada) que amplie e diversifique as formas de se enxergar as características próprias do Cangaço. Bons exemplos do início de tal processo estão nos belíssimos livros de Élise Jasmin e Frederico Pernambucano de Mello¹⁰³, que embasam suas análises através da apreciação de fotografias da época e do espólio material (roupas, adereços e outros utensílios) deixados pelos cangaceiros.

É nessa busca por novos enfoques e na elaboração de uma perspectiva ponderada que se apresentam as opções para a realização de uma pesquisa produtiva e pertinente. No caminho, perspectivas diferentes das já apresentadas tornam-se cada vez mais atraentes e questões que envolvem uma tentativa de entendimento da sociedade e das pessoas adquirem grande valor. Entender o que o indivíduo é, é também compreender o que este faz¹⁰⁴ e como pensa a respeito disso. Sendo assim, para se decifrar o Cangaço, deve-se partir para novas perspectivas e não limitar-se

¹⁰² Novamente trata-se da ressalva feita por Weber para que não se suponha que uma análise pertinente seja uma linha média entre visões extremadas, e sim aquela que melhor se legitimar racionalmente. WEBER, Max. *Op. cit.*, PP 107 – 210.

¹⁰³ Refiro-me respectivamente às seguintes obras: JASMIN, Élise. **Cangaceiros**. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, 2006. e MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do Cangaço**. São Paulo, SP. Escrituras Editora, 2010.

¹⁰⁴ Segundo Collingwood, é nas ações comuns e cotidianas que se pode compreender a racionalidade do indivíduo. Consideração que acabou influenciando boa parte da historiografia moderna, como é o caso do renomada ideia de saber indiciário defendida por Carlo Ginzburg: COLLINGWOOD, R.G. **The Idea of History**. Oxford: Clarendon Press, 1951. [1ª Ed.:1946] Parte V.

novamente a tratar de conflitos armados ou de embates realizados por bandoleiros. Delimita-se assim um outro eixo de possibilidades para o estudo do tema, aquele que busca em outros elementos questões que possibilitem acesso à racionalidade presente nesse fenômeno social e assim abre espaço para diferentes perspectivas na apreciação do Cangaço.

TERCEIRO CAPÍTULO

A OUTRA FACE DE UM MOVIMENTO SOCIAL

Talvez a característica mais notadamente destacada em um estudo detalhado sobre o Cangaço seja a quantidade de diferentes facetas e realidades englobadas e praticadas na vivência deste. Seja na relação com a sociedade sertaneja ou dentro do próprio ambiente dos bandos e de sua estrutura interna, nota-se facilmente a diversidade de elementos e atitudes incorporados ao movimento e definidores de suas particularidades. Tal fator levou, nos capítulos anteriores, a uma adjetivação pontualmente definida pelos termos plural e heterogêneo. Trata-se de uma expressão empregada na busca por ilustrar a ausência de uniformidade nas ações dos bandoleiros (já exemplificada no segundo capítulo pelos casos de diferentes cangaceiros) e a abrangência de várias práticas e hábitos dentro dos grupos armados existentes.

Ao prosseguir-se a ideia de serem cada vez mais necessárias perspectivas que não se atenham apenas a enfatizar a presença da violência no Cangaço, faz-se pertinente a realização de análises que permitam elucidar já tão citada pluralidade. Por intermédio destas, poderá se fundamentar a percepção da forma como o movimento transcende o mero conceito de banditismo ao incorporar uma série de características peculiares, representantes da maneira em que se moldou uma nova realidade comunitária como resultado da agregação de bandoleiros nas caatingas do sertão nordestino. Trata-se de enxergar os bandos indo além das simples considerações a respeito de sua faceta armada e pretendendo perceber outros elementos de sua existência.

Enfatiza-se assim, a forma como o estabelecimento de cangaceiros no ambiente sertanejo *não* aconteceu estaticamente, com a simples montagem de acampamentos e bases para tocaias e incursões criminosas posteriores. Muito além disso, os bandoleiros se agregavam de maneira dinâmica e particular onde passava a vigorar uma ordem social com manifestações religiosas e culturais constantes e mecanismos de controle comunitário – como posições hierárquicas, proibições e permissividades. De acordo com essa ideia, os agrupamentos de cangaceiros são estruturas complexas passíveis de análises específicas, tanto dentro si mesmo como

em sua relação com outras questões externas, não sendo apenas elementos de partida para ações posteriores.

Notam-se, portanto, processos de funcionamento das “comunidades do Cangaço” vinculados em grande medida à sua atividade criminal, porém consideravelmente representativos a ponto de apresentarem outros significados não necessariamente subalternos em relação às incursões armadas. Perceber a forma como esse processo se deu, passa também por considerar os cangaceiros como agentes do seu meio e, portanto, atuantes dentro da formação e transformação do ambiente que os circunda e do qual também fazem parte. A análise das ações criminosas e dos ataques feitos pelos bandos podem ser tão úteis para compreensão do cangaceirismo, e da forma como seus membros agem socialmente, quanto os hábitos e práticas adotados em seu proceder cotidiano nas caatingas.

O desenvolvimento dessa visão sugere uma retomada dos estudos de E. P. Thompson, citados durante o capítulo anterior e de grande valia para a melhor apreciação da maneira como indivíduos agem, mesmo em meio às condições mais adversas¹⁰⁵. A ressalva e o direcionamento para que se procure sempre encarar a pessoa como agente de sua realidade tem, por exemplo, grande aplicabilidade em tal questão. O convívio e a adoção de tradições e hábitos diversos fazem parte da forma como o indivíduo comum procede em sua vivência cotidiana e devem ser considerados como expressões do modo como ele pensa e se manifesta. Não é por estarem refugiados em meio à mata e escondidos da polícia e das tropas volantes que os cangaceiros deixam de possuir tais atributos; na análise dos bandos estas questões aparecem tão palpáveis quanto a própria violência e criminalidade.

As atuações dos bandoleiros no ambiente dos grupos podem ser vistas como mecanismos de transformação dinâmicos dos diversos locais em que se estabeleciam. Seja nos coitos fornecidos por aliados ou impostos através de receios e ameaças, ou nos acampamentos montados em meio à vegetação cinzenta da caatinga, os cangaceiros fizeram valer a sua forma de conviver em comunidade. Transportaram

¹⁰⁵ Refiro-me a ideia trabalhada no segundo capítulo de que o historiador deve procurar pensar os indivíduos enquanto atuantes da realidade em que se encontram, e não como objetos passivos de um meio, mesmo que nesse sejam oprimidos ou marginais. Esse conceito é trabalhado por E. P. Thompson em vinculação com o de *História vista de baixo* em: THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Cia. das letras 2000.

por entre as matas sertão adentro, através de seu nomadismo incessante, porém necessário, uma série de situações – vestígios de uma ordem comunitária extinta simultaneamente à sua própria existência. É justamente notando-se a maneira como tal situação dependia de seus atores que se vê a condição de transformadores que os indivíduos têm no local onde habitam (mesmo esse sendo tão fisicamente errante e transitório quanto o dos bandoleiros).

Essa mesma noção se aprofunda, estende e se encontra expressa nos estudos de Michel de Certeau acerca do cotidiano e seus diversos meandros¹⁰⁶. Segundo Certeau a ideia de *lugar* está envolta em uma noção de imobilidade que faz deste um objeto estático em um tempo e local específicos. Contrasta com essa noção o conceito de *espaço*, que envolve a prática dos indivíduos em um ambiente e abrange a dinamicidade já citada anteriormente. “Em suma, o espaço é um lugar praticado”¹⁰⁷, sendo a ação dos indivíduos em meio a esse parte integrante de sua própria identidade e definição. O sertão do nordeste brasileiro, sem desprezar todas as características particulares que possui, é apenas um lugar. É a ação dos indivíduos sobre tal que lhe atribui a condição de espaço, resultado de vivências e práticas constantemente transformadoras de sua realidade.

Assim sendo, ao tratar da cultura, religiosidade e de toda a ordem estabelecida no ambiente dos bandos de cangaceiros no sertão, trata-se concomitantemente de um espaço definido pelos indivíduos que nele atuam. Este, por sua vez, vivenciado por pessoas com práticas e vontades expressas em sua definição básica. A partir desse conceito, retoma-se novamente a ideia de enxergar os indivíduos em sua condição de agentes do meio em que se encontram. Afinal, se é necessário considerar a ação das pessoas para compreender-se um espaço, é exatamente nisso que reside a análise dos valores e crenças existentes na relação social desenvolvida dentro e ao redor do Cangaco. Conceituação que implica simultaneamente em uma considerável compreensão do próprio movimento como um todo.

É válido nesse momento ressaltar a maneira como os próprios cangaceiros modificaram, com o decorrer do tempo, as relações dentro de seu espaço de vivência.

¹⁰⁶ Refiro-me à *Invenção do Cotidiano*, em que Certeau define o seu conceito de *espaço*, adotado durante essa dissertação. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

¹⁰⁷ CERTEAU, Michel de. **Idem**, p. 202

Considerando-se principalmente o longo período de duração do Cangaço, há de se ponderar que mudanças tenham ocorrido na forma como os indivíduos se portam (e conseqüentemente no ambiente dos bandos). Um Cangaço, antes encarado apenas como uma condição temporária para um bandoleiro hipotético, pode muito bem transformar-se em um meio de vida após um certo período. Levando-se em conta, portanto, as diversas formações, intenções e índoles dos diferentes cangaceiros (resultantes na situação de heterogeneidade já tão citada), é importante realizar-se uma ressalva quanto à amplitude restrita de qualquer análise feita sobre tais.

Torna-se então importante notar que a maioria das informações e indícios existentes sobre o cotidiano dos grupos cangaceiros remete já à fase final do Cangaço (pós-1930) e mais especificamente ao grupo liderado por Lampião. Sendo assim, qualquer análise embasada nessas evidências tratará diretamente da condição desse bando e não necessariamente do movimento como um todo. Mesmo tendo sido o principal e mais numeroso grupo cangaceiro de que se tem notícia, não está se configurando aqui uma análise que compreenda o Cangaço de forma integral, mas um estudo do ambiente dos bandos a partir das possibilidades de acesso às fontes. Especialmente no que diz respeito às fotografias, tratam-se de numerosos vestígios, elementos expressivos de características encontradas no cotidiano dos vários grupos bandoleiros.

3.1 MEMÓRIAS EMOLDURADAS: Abrahão e as fotografias do Cangaço

Grande parte da responsabilidade pelo montante de documentos fotográficos sobre o Cangaço pode ser certamente atribuída ao mascate sírio-libanês Benjamin Abrahão. Entre os anos de 1934 e 1937, Abrahão lançou-se caatinga adentro em busca de Lampião, com o objetivo de obter imagens que retratassem o modo como este vivia no sertão nordestino. Representava a Aba-Film, pequena empresa recém inaugurada e de propriedade do empresário Ademar Albuquerque, que acreditava poder alavancar seu empreendimento com imagens do “Rei do Cangaço”. Munido de câmeras filmadoras e fotográficas de última geração, material de origem alemã da

Carl Zeiss, Abrahão partiu em sua busca, tão ousada quanto insana, do bandoleiro, até então conhecido apenas por sua crueldade.

Foi somente em 1936 que o sírio-libanês retornou de seu périplo obtendo as ansiadas imagens e filmes de Lampião. A aquisição de tal material foi rapidamente explorada pela Aba-Film e efusivamente repercutida pela imprensa da época. Seja em publicações regionais, como o *Diário de Pernambuco*, *O Povo*, e *Correio de Aracajú*; em revistas de divulgação nacional, como *O Cruzeiro* e *Noite Ilustrada*; e até mesmo internacionalmente, como outrora realizado no *NY Times*, alardeou-se a façanha alcançada por Abrahão no nordeste brasileiro¹⁰⁸. Atingiu-se também diretamente a opinião pública nacional, que se estarreceu com a aparente tranquilidade e despreocupação apresentada pelo cangaceiro nas imagens veiculadas¹⁰⁹.

Indo muito além de qualquer outra fotografia do Cangaço já apresentada, o material obtido através de tal incursão traz imagens de um Lampião que se deixou fotografar e ostentou com orgulho objetos, vestimentas e armas tornadas símbolos do movimento. A também existência de cenas cotidianas e retratos de cangaceiros em momentos de descanso contrastam com as antigas fotos de bandoleiros existentes, geralmente obtidas no momento de sua captura pela polícia – quando já não se encontravam mortos ou até mesmo decapitados. Antes de Abrahão, os cangaceiros eram apenas criminosos violentos sempre retratados de maneira a explicitar essa faceta, mas após a divulgação de seu trabalho viu-se a outra face de um movimento plural.

O Cangaço que as pessoas ainda não haviam enxergado era quase que antagônico àquele facilmente delimitado a partir do estereótipo de um criminoso. Por mais que existissem várias fotografias de cangaceiros armados e em posição de

¹⁰⁸ O primeiro a alardear o acontecido foi o *Diário de Pernambuco*, em 27 de dezembro de 1936, seguido na região nordeste por *O Povo* e o *Correio de Aracajú*. Já no dia 6 de março de 1937, *O Cruzeiro* aproveitou as imagens para ironizar a perseguição feita ao bandoleiro, sendo procedido por *A Noite Ilustrada*. Quanto à reportagem do *New York Times*, essa foi publicada no dia 29/11/1930, sendo reprisada após a chegada das imagens de Abrahão.

¹⁰⁹ Segundo algumas interpretações esse vídeo foi um dos motivos de o governo federal acirrar a caçada ao Cangaço. Seria como se ao perceber a exposição das imagens do bando de Lampião na mídia, o governo se sentisse afrontado e incumbido de tomar providências a respeito. Coincidência ou não, dois fatos importantes ocorreram próximos à divulgação de tais imagens: o misterioso assassinato de Benjamin Abrahão em Juazeiro/CE e a regulamentação para o trânsito de volantes em perseguição à cangaceiros por outros estados que não os de sua origem.

batalha, estes também apareciam em diversos momentos como pessoas comuns: penteando o cabelo, tomando café, costurando, rezando e realizando toda sorte de coisas não necessariamente condizentes com a perspectiva difundida sobre eles. Todavia seja importante compreender as consequências públicas de tais imagens, expressas no misto de indignação (quanto à condição tranquila em que se encontravam) e humanização dos bandoleiros, é mais importante e relevante para essa análise que se aprecie os elementos presentes nessas fotos e a maneira como foram obtidos, para uma melhor fundamentação de seu estudo.

Ainda que durante muito tempo tenha sido relegada a um patamar secundário em meio aos tipos de evidências utilizadas historiograficamente, gradativamente o uso e a apreciação de fotografias se estabelecem como prática viável em obras acadêmicas. Para tanto, e buscando otimizar essa análise, é imprescindível considerar-se o contexto de produção e as questões que geram a feitura de tais evidências. Assim como nas fontes escritas, pesa sobre a análise de imagens o destino traçado para tais, a maneira como serão apresentadas posteriormente e a função que exercerão. A fotografia traz consigo um quadro sob diversas autorias, passa sempre pela subjetividade do fotógrafo, do fotografado e daquele que as enxerga posteriormente.

Os retratos feitos por Benjamin Abrahão, por exemplo, buscavam enxergar a forma como os cangaceiros viviam em meio ao sertão nordestino para poder vender um ângulo diferente sobre Cangaço, mostrando por quais condições estes passavam. Contrastam, em intenção e princípio, com fotografias de jornais e revistas que apenas visavam ressaltar a prisão de um criminoso ou a passagem deste por alguma cidade¹¹⁰. Da mesma maneira, a postura dos fotografados e a leitura realizada pelas pessoas em ambos os tipos de imagens também foi diferenciada, tendo tido cada qual uma repercussão e consequência diferentes na sociedade da época. Há de se convir também que um pesquisador, ao analisá-las, enxergue sobre tais elementos diferentes, haja vista a sua condição atuante na interpretação de quaisquer evidências.

Pode-se dizer, então, que as imagens obtidas de uma outra época simultaneamente exercem a função de monumento e documento. O primeiro por serem heranças de um passado onde vontades atuaram para sua composição, símbolos

¹¹⁰ É o caso das fotografias de Lauro Cabral de Oliveira, o segundo mais famoso fotógrafo do Cangaço, que em 1926 retratou uma série de fotos da passagem de Lampião pela cidade de Juazeiro, Ceará, e sua breve adesão aos batalhões patrióticos.

de um momento e da intenção de seus agentes. Já a condição de documento é adquirida pelo fato de estarem sujeitas às escolhas efetuadas pelo historiador em sua apreciação e ressignificação, inserindo-se, a partir de uma análise, em outro contexto onde exercerão nova função. As fotografias analisadas aqui (e apresentadas em anexo) são, portanto, portadoras e geradoras de percepções e significados a serem desvendados no prosseguimento deste estudo.¹¹¹

Em se tratando de diferentes tipos de fontes e das possibilidades de análises realizadas sobre estas, pode-se dizer que não há grande distância entre a necessidade de fundamentação de um texto e de uma imagem. “[...] Todo texto dá a ler, toda imagem dá a ver. Mas todo discurso se reporta a uma imagem mental, assim como toda imagem comporta uma mensagem discursiva”¹¹². Trata-se de elementos portadores de linguagens diferentes, porém comuns na maneira como possibilitam a elaboração de outras reflexões. Deste modo, seus usos se legitimam na forma como o pesquisador consegue justificar racionalmente as considerações desenvolvidas com embasamento nestes.

Apesar de tais semelhanças, ambos os tipos de evidências também se distanciam em outras instâncias. Um dos principais atributos das fontes imagéticas não comungado por fontes de outra natureza é servir como referência visual para assuntos eminentemente estéticos. Especialmente em se tratando de questões como noções de vestimenta, gostos e padrões de beleza de outras épocas. Por mais que pontos pertinentes a temas como estes possam ser deduzidos e recriados mentalmente a partir de descrições ou outros tipos de evidências, o apelo existente em uma amostra visual é consideravelmente mais elucidativo que uma tentativa de recriação intelectual. Nesse caso, considerando-se o grande apelo estético do Cangaço, o uso de imagens se torna compreensível em seu estudo.

Por serem capazes de apresentar visualmente elementos provenientes do sertão do início do século XX, as fotografias cumprem aqui uma dupla função. São simultaneamente ilustrações eficazes para elementos trabalhados e fontes que fomentam discussões e servem de base para elaborações a respeito dos temas

¹¹¹ A noção quanto às diferentes características existentes entre o documento e o monumento, baseada na obra do historiador francês Jacques Le Goff. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, pp. 525-541.

¹¹² PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004, p. 86

trabalhados. A partir das imagens existentes, pode-se ilustrar a aparência dos cangaceiros, tecer consideração a respeito de suas alterações e também levantar questionamentos e erguer hipóteses a respeito de como a estética do Cangaço pode estar relacionada com a racionalidade, intenção e perspectiva dos bandoleiros sobre o movimento.¹¹³

3.2 A ESTÉTICA DO CANGACEIROS: diferentes significados

Um dos elementos de destaque do Cangaço em relação a outros exemplos de banditismos e demais insurreições armadas existentes é a aparência ostentada pelos seus integrantes, ilustrativa da formação de um padrão estético próprio e característico ao movimento. A forma como os cangaceiros se vestiam, buscando sempre ornamentar as diferentes peças, era-lhes tão peculiar que hoje a mera apresentação de um chapéu em meia lua com uma estrela na aba já serve como referência direta a eles. Transcendendo as meras funções práticas, e até mesmo estéticas, de vestimentas comuns, tornaram-se locais onde os indivíduos podiam ostentar sua vaidade e orgulho e representar elementos diretamente relacionados às crenças, hierarquias e hábitos praticados dentro dos bandos.

Não pretende se dizer com isso que a indumentária dos bandoleiros não possuísse uma praticidade ou funcionalidade. Muito pelo contrário, a despeito do que possa aparentar pela riqueza e exageros dos ornamentos, um elemento só era incorporado pelos cangaceiros se apresentasse uma utilidade para com as necessidades deles nas caatingas. Mesmo que alguns floreios possam ser considerados hoje como exagerados e desnecessários, a composição essencial de cada peça era configurada a partir da prática dos bandoleiros em suas andanças diárias e incursões. Se algo lhes incomodasse e representasse um estorvo para algum dos membros do bando, logo tal elemento entrava em desuso. A prova da experiência era um teste

¹¹³ As ressalvas quanto às possibilidades de reflexão presentes na análise de fotografias e toda a complexidade e cuidados necessariamente considerados em um estudo destas foram muito bem elaboradas e metodologizadas por Boris Kossoy, de onde baseei minhas considerações sobre a utilização de fotografias enquanto fontes e também ilustrações. Em: KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo, SP. Ateliê Editorial, 2001.

rigoroso legitimado pela necessidade de sobreviver em meio ao ambiente inóspito da caatinga.



Benjamin Abrahão, 1936. Acervo AbaFilm.
Fortaleza/CE.

Na fotografia ao lado pode-se ver o cangaceiro Corisco aparamentado nos modos utilizados pelos bandoleiros durante a década de 30. Ver-se-á mais adiante os diferentes motivos existentes para os elementos incorporados nas vestimentas dos bandoleiros (e expressos na foto). Esses não apenas ilustram a estética do Cangaço, mas também servem para se compreender a forma como o movimento evoluiu, as particularidades no espaço dos bandos e os valores cultivados pelos cangaceiros.

Nos pés vinham alpercatas rígidas de couro cru e solado de borracha, úteis pela estabilidade que proporcionavam, imprescindível nos momentos de trânsito por áreas mais rochosas, e pela resistência, atributo necessário para proteger os bandoleiros e a própria constituição das mesmas. As calças eram reforçadas ao máximo para poder suportar eventuais espinhos e travessias complicadas por bancos de macambira, sendo, por esse motivo, grossas e pesadas. Junto ao tronco iam sempre dois jogos de bornais, cartucheiras de ombro e cintura e mochilas, todos utilizados para carregar elementos de utilização básica dos cangaceiros, como munição, lonas, armas e alimentos. Dependurados e amarrados por tiras de couro, estando assim acessíveis às mãos com maior facilidade, ainda se levavam carteiras, cantis e canecas, utilizados para guardar coisas pequenas e saciar a sede dos cangaceiros. Finalmente, por cima da cabeça lhes vinham os característicos chapéus de couro, com aba dianteira dobrada para cima para ampliar o campo de visão, o mesmo acontecendo na

aba traseira, permitindo maior circulação do ar. Nas laterais dos chapéus iam ainda dependuradas pequenas tiras de couro, utilizadas para remendar as alpercatas ou realizar pequenos consertos.¹¹⁴

Tamanha e tão elaborada indumentária certamente foi aperfeiçoada e desenvolvida ao longo de vários anos de experiência, o que condiz com o fato de ter sido catalogada através de fotos e objetos, cuja datação geralmente remete ao período final do Cangaço – a partir do final do decênio de 1920 até 1940. Ao serem comparadas imagens dessa época com a de períodos levemente anteriores, é fácil notar uma diferença considerável na quantidade de volumes carregados¹¹⁵. Outra alteração está no perceptível crescimento da presença de ornamentos e alegorias incorporados à roupa dos cangaceiros com o decorrer do tempo. Nas imagens de Benjamin Abrahão, por exemplo, saltam aos olhos constantemente o número considerável de decalques brilhantes em meio às vestimentas dos bandoleiros. Por mais que não saiba ao certo a partir de quando tais elementos são incorporados, estes são recorrentes na leva de imagens do ano de 1936.

Apesar de não possuírem propósitos tão aparentes quanto os atribuídos aos inúmeros apetrechos carregados pelos cangaceiros, os ornamentos também possuem justificativas para estarem presentes na indumentária destes. Cada estrela e cruz brilhante incrustada no chapéu de um bandoleiro faz referência direta a todo o misto de misticismo e religiosidade existente no Cangaço. Trata-se de um ambiente onde o sobrenatural e o palpável se entremearam de forma tão intensa na crença dos indivíduos a ponto de em alguns momentos não se poder distinguir ao certo onde, nas atitudes e práticas destes, um acaba e o outro se inicia.

Segundo relatos, a convivência dos cangaceiros com elementos sobrenaturais se dava constantemente. Os bandoleiros eram em sua maioria devotos religiosos¹¹⁶ e o

¹¹⁴ Calcula-se que ao todo os apetrechos levados por um cangaceiro lampiônico na década de 1930 pesasse por volta de 35 kg. Um peso acima do carregado por qualquer exército que se tenha notícia, é ainda mais impressionante se considerada as longas distâncias, a intensidade do calor e a aridez enfrentada pelos bandoleiros. MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do Cangaço**. São Paulo, SP. Escrituras Editora, 2010.

¹¹⁵. Ao se comparar as imagens de Lampião na entrada de Mossoró em 1926 e 10 anos depois em fotografia de Benjamin Abrahão, notam-se diferenças; assim como se pode ver nas figuras 13 e 14 presentes em anexo.

¹¹⁶ Vários, inclusive o líder Lampião, eram devotos do Padre Cícero Romão Batista de Juazeiro/CE. Mesmo após ter sido enganado pelo beato em sua passagem, Lampião nunca o

hábito de rezar fazia parte de suas atitudes diárias, especialmente em momentos próximos a combates. Acreditavam, mediante a reza, poder fechar o corpo contra qualquer malefício, tornando-se invulneráveis aos seus inimigos¹¹⁷. Tal condição só era quebrada em caso de uma relação sexual, que, por este motivo, era evitada em momentos próximos a incursões armadas ou assaltos. Frequentemente, modificavam seus caminhos, condutas e locais de acampamento por enxergarem mau agouro em conjunturas ocorridas. Assim, situações corriqueiras presentes no ambiente em que se encontravam eram muitas vezes encaradas como símbolos negativos; como cantos de galos, gargalhadas de corujas etc.

Tais crenças também se expressavam na maneira como ornamentavam suas vestimentas e carregavam amuletos e elementos sacros junto a si. Orações dobradas em pequenos papéis e penduradas em cordões coexistiam com grandes crucifixos dourados, ostentando aos que olhassem toda a proteção divina obtida pelo seu portador. Até mesmo símbolos místicos e religiosos não muito usuais, e sobre os quais não se sabe ao certo o quanto os cangaceiros conheciam, como cruces de malta, palmas, estrelas de oito pontas, apareciam resplandecentes em chapéus, bornais e outras partes da vestimenta dos bandoleiros. Mais do que simples adornos, são modos de incorporação e demonstração de uma crença característica expressa nos trajes utilizados.¹¹⁸

A considerável presença de elementos místicos no Cangaço, edificada na ostentação dos símbolos representativos citados, é perfeitamente compreensível se avaliado o espaço de existência do movimento. Fato é que a presença da religiosidade e da fé na sociedade sertaneja do nordeste brasileiro do final do séc. XIX e início do século XX se destaca como parte importante na conduta social dos indivíduos, o que está expresso, por exemplo, na forte influência de beatos e movimentos messiânicos na vida das pessoas¹¹⁹. Nesse ponto, os cangaceiros compartilham de valores similares

afrontou e sempre grande respeito. CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980, pp. 260.

¹¹⁷ Os momentos de reza eram constantes entre os bandoleiros. Em uma dessas ocasiões Benjamin Abrahão conseguiu retratar bem a maneira como isso ocorria. (Figura 15 em anexo).

¹¹⁸ Frederico Pernambucano de Mello é o autor que mais se alonga no assunto, realizando uma análise detalhada dos símbolos utilizados pelos cangaceiros. Em: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*

¹¹⁹ Apesar de não ser o meu caso, alguns autores veem inclusive o messianismo como um movimento similar ao Cangaço. É o caso de Rui Facó, que defende essa tese em: FACÓ, Rui,

àqueles com que conviveram a sua vida inteira, fazem parte de espaço em que a relação com o transcendental e o misticismo eram constantemente externados na conduta dos indivíduos.

Analisando outras características do Cangaço, pode-se perceber várias facetas da íntima ligação entre os valores empregados no movimento e na sociedade sertaneja. Um bom exemplo disso está na ostentação de dinheiro como sinal de posição hierárquica superior. Assim como os coronéis proprietários de terra e suas famílias se vestiam garbosamente e demonstravam riqueza com o intuito de se diferenciarem do restante da população, possuidora de poucos recursos financeiros, os líderes e figuras importantes do Cangaço também o faziam para evidenciar aos demais o sucesso e respeito profissional obtido enquanto bandoleiros.

Assim sendo, os ornamentos utilizados também funcionavam como delimitadores da hierarquia dos bandos e do orgulho dos indivíduos quanto a sua condição de cangaceiros. Aos chefes e aos subchefes¹²⁰ dos grupos armados permitia-se a utilização de medalhas douradas como enfeites (geralmente moldadas em ouro e, portanto, mais valiosas); aos outros apenas prateadas, que diminuía de quantidade conforme a inexperiência de seu portador¹²¹. Os membros de cargo mais elevados também possuíam a incumbência de pregar os primeiros adereços utilizados pelos recém-ingressados. Desta maneira, assim como uma patente de exército, passava-se adiante o costume de indicar já nas vestimentas a posição e o respeito ocupados junto ao bando.

A representatividade do ato de se ostentar a condição de cangaceiro expressa, em certo âmbito, a maneira como essa situação não era vista como vergonhosa dentro dos grupos. Mais do que isso, pode ser encarada como uma exaltação ao Cangaço e aos valores associados a um bom cangaceiro. Inseriu-se, portanto, na sociedade sertaneja como uma referência direta à bravura e audácia demonstrada pelos criminosos. Até mesmo em meio às tropas volantes, pôde-se encontrar casos de

Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira e Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

¹²⁰ No caso do bando de Lampião, tratava-se do próprio enquanto chefe. Já a posição de subchefe, ou lugar-tenente, foi ocupada com o decorrer do tempo por vários cangaceiros. Destacaram-se em tal função Antônio Ferreira, conhecido como Esperança e irmão de Lampião, Luiz Pedro (o Moderno), que morreu com o chefe no massacre de Angicos, Cristiano Cleto, conhecido como Corisco e considerado o último dos grandes cangaceiros.

¹²¹ Conforme pode ser visto na imagem de rifles de cangaceiros (figura 16, em anexo).

soldados utilizando vestimentas e ornamentos muito similares aos dos cangaceiros (o que logo causou constrangimento e foi proibido)¹²². A estética do Cangaço possuía, portanto, um caráter de vaidade e orgulho que ultrapassou o próprio limite dos bandos.

Mesmo considerando-se que boa parte dos motivos utilizados por cangaceiros remetesse a alguma utilidade ou elemento identitário, em grande medida também expressavam sua índole vaidosa. A utilização de motivos florais, anéis com brilhantes e outros tantos adereços, por exemplo, em nada se justificava que não em uma tentativa de embelezarem-se as roupas e os inúmeros apêndices utilizados. Bornais, lenços e cantis eram os principais alvos de tal processo, possuindo sempre estampas e bordados coloridos chamativos, geralmente elaborados com auxílio de máquinas de costura, carregadas pelos bandoleiros nos diversos locais em que estabeleciam acampamento¹²³. Em alguns momentos, o padrão de beleza e o senso estético superava inclusive a própria segurança dos mesmos. Cores como o branco, evitadas por cangaceiros e volantes pelo destaque que adquirem em contraste com a mata foram, por exemplo, constantemente utilizadas por Corisco em virtude somente de um apreço pessoal.

No que diz respeito aos bordados e estampas utilizados, não importava sequer a posição ocupada pela pessoa dentro do bando e nem mesmo o seu sexo. Até onde se vê pelas fotografias, homens e mulheres de diferentes status costumavam utilizar tais ornamentos da mesma maneira. A feitura também era compartilhada, tendo diversos cangaceiros, inclusive o próprio chefe Lampião, como usuários constantes das máquinas de costura trazidas dentro do bando¹²⁴.

¹²² Tamanha similaridade e a referência direta da vestimenta aos costumes dos cangaceiros obviamente incomodou as autoridades, que depois de certo momento instituíram a padronização de um uniforme para as volantes. Substituíram-se os chapéus de couro por outros de feltro, tornando as vestimentas similares àquelas utilizadas pelos batalhões patrióticos em combate à Coluna Miguel Costa-Prestes. Como se pode perceber na fotografia de Lampião com o uniforme dos batalhões patrióticos (pag. XX) e da volante do Sargento Aniceto, em Piranhas/AL (figura 21 em anexo).

¹²³ Nas figuras 17 e 18, em anexo, podem-se ver exemplares de bornais e cantis utilizados por cangaceiros e repletos de motivos florais. Opção estética que ainda será retomada do capítulo.

¹²⁴ Lampião aparece inclusive costurando em fotografia (figura 19 presente em anexo).

3.3 AS CANGACEIRAS: comportamentos idealizados e idealizações questionáveis

O fato de não haverem relatos de restrições nem preconceitos dentro dos grupos aos papéis exercidos pelos homens, tanto no processo de feitura dos ornamentos quanto na utilização de motivos florais, destoa do esperado para comunidades do Cangaço. Afinal, se analisada a sociedade sertaneja e até mesmo brasileira do início do séc. XX, notar-se-á a diferença das funções atribuídas socialmente aos homens e mulheres. Até então, ainda era muito associado à figura masculina sair de casa para trabalhar e trazer os dividendos, enquanto à mulher caberia cuidar dos filhos e realizar tarefas para garantir o bom ambiente da residência e auxiliar a função do marido, como cozinhar, costurar, limpar a casa etc¹²⁵. No ambiente sertanejo, ainda mais tradicionalista, tais atribuições também eram distintas: enquanto o homem deveria sair em sua vida transitória para cuidar do gado, a mulher permaneceria com o resto da família mantendo a residência quase que como uma base de apoio para regressos e descansos.

Apesar de toda a gana e robustez necessária para se sobreviver e exercer os trabalhos atribuídos costumeiramente à figura feminina no sertão, as mulheres ainda eram encaradas habitualmente como necessariamente mais delicadas que o homem, tendo, em geral, sua imagem associada com romantismo, à fragilidade e beleza intrínsecas. Elementos como flores eram, nesse contexto, referências diretas ao universo feminino, oposto por concepção a uma certa rusticidade atribuída à figura masculina como um todo, e mais ainda especificamente aos cangaceiros. Não condizia com o papel masculino na sociedade sertaneja o uso de adereços que remetesse a uma ideia disseminada do feminino, sendo de se estranhar a maneira como esses elementos aparecem nas roupas de indivíduos que exercem funções tão associadas à virilidade quanto os cangaceiros.

Não é raro se encontrarem exaltações à índole dos bandoleiros que interpretam sua bravura e intrepidez como sendo demonstrações de masculinidade. Até mesmo na

¹²⁵ Segundo o que pode ser apreendido em: NAZZARI, Muriel. **O Desaparecimento do Dote**: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

forma de falar dos indivíduos percebe-se a presença de tal questão. Expressões como “cabra macho”, provenientes de um contexto sertanejo, costumavam ser empregadas para caracterizar aqueles que se destacam por sua coragem e se encontra ainda hoje disseminada com esse mesmo sentido¹²⁶. Mesmo dentro do movimento tal situação também se manifestava ao vincular-se a masculinidade com atos louvados, como o de honrar a palavra dada. O Cangaço apresentou nesse âmbito similaridades e diferenças para com a sociedade que o cercava.

O Cangaço destoa da sociedade em que se estabeleceu na maneira como não associou algumas opções estéticas com o gênero de seus portadores. Era de se esperar que fosse exaltada a masculinidade de figuras possuidoras de uma bravura indômita, característica vinculada no espaço do sertão ao sexo masculino. Todavia, é significativo o fato de a vaidade e cuidados com a aparência não afetarem essa imagem. Mesmo o uso de florais e ornamentos tipicamente associados a uma estética feminina não significavam, no contexto interno aos bandos, uma feminização de seu portador. Por mais que tenha reproduzido valores e hábitos cultivados na sociedade sertaneja, o Cangaço também se distanciou desta em algumas práticas adotadas. Criou, portanto, um espaço particular possuidor de distinções consideráveis em relação a outro maior do qual também faz parte.

As diferenças existentes entre os valores e práticas considerados como masculino e feminino na sociedade sertaneja e no Cangaço podem ser explicadas pela necessidade dos bandoleiros de realizarem trabalhos costumeiramente atribuídos às mulheres. Devido a seu isolamento em meio à caatinga costurar e cozinhar não era algo estranho ao cotidiano dos cangaceiros e poderia ser visto como um hábito comum pelo grupo. Todavia, isso também implica na possibilidade de mulheres realizarem trabalhos atribuídos à figura masculina, quando da ausência de seus maridos, o que as distanciaria de um ideal proposto de conduta feminina. Nesse caso, é interessante notar a maneira como a fragilidade e passionalidade são reiteradamente

¹²⁶ Um bom exemplo de tal questão está na música Paraíba, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Nesta, ao fazerem referência ao estado da Paraíba (feminino em seu nome) os autores o exaltam, adjetivando-o como masculino. O móvito de tal enaltecimento foi a valentia demonstrada pelos paraibanos na revolta ocorrida na cidade de Princesa Isabel, em 1930. Comandado por José Pereira, este teria sido um movimento precursor da revolução de 1930 no Brasil.

atribuídas às mulheres em diversas análises do movimento. Talvez a distância entre autores e objetos de estudo possa explicar melhor tal questão.

Nota-se que, apesar de a vinculação entre a estética do Cangaço e uma possível feminização de seus membros homens não encontrar grande repercussão na época do movimento, posteriormente veio a ser expressa em alguns escritos. Gilberto Freire foi um dos que mencionou, com considerável pouco tato, tal questão e, no prefácio elaborado para *Guerreiros do Sol*, relatou o abuso de joias e motivos chamativos como um hábito dos cangaceiros em se “enfeitarem igual mulheres”¹²⁷. Longe de querer entrar em discussões acerca da presença ou ausência de algum tipo de misoginia por parte dos interpretes do Cangaço, é notável a forma como o comportamento dos cangaceiros em sua relação com representações do feminino, concretamente ou de maneira abstrata, se destaca perante diferentes autores como uma faceta particular do movimento¹²⁸.

Não é apenas em se tratando da imagem estabelecida no sertão no que diz respeito aos papéis atribuídos ao masculino e feminino, e sua correspondência com a prática dos bandoleiros, que reside o paradoxo da relação entre os diferentes sexos e o Cangaço. Na maneira contraditória com que os cangaceiros lidavam com diferentes mulheres, percebe-se também tal ambiguidade. Ao mesmo tempo em que se encontram exemplos de tolerância e respeito pelo sexo feminino, também se pode perceber nos relatos existentes sobre o movimento uma série de ofensas, violências e incorreções contra as mulheres que caminham na antemão de tal postura.

A ocorrência constante de estupros cometidos por cangaceiros serve como exemplo do modo como o respeito às mulheres, em um âmbito geral, não era um pressuposto ético dos bandoleiros¹²⁹. Conta-se que alguns deles frequentemente escolhiam nas diversas cidades saqueadas quaisquer mulheres que lhes interessassem

¹²⁷ MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol**: violência e banditismo no nordeste do Brasil. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2004, pp. 11.

¹²⁸ Antônio Amaury Correia de Araújo, por exemplo, dedicou uma obra inteira de um misto entre História e ficção somente para tratar da relação de Lampião com as mulheres.

¹²⁹ Alguns cangaceiros inclusive tiveram a violência sexual como elemento principal de sua atividade criminal (é o caso de Lucas da Feira). Em se tratando do bando de Lampião, pode-se dizer que tal prática é tida como recorrente nos principais estudos e biografia do cangaceiro, como se pode ver nas obras: CHANDLER, Billy Jaynes. *Op cit.* e GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão**: Vidas e Mortes de um cangaceiro. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

para satisfazerem-se sexualmente, levando sempre em consideração elas não serem parentes ou bem relacionadas com algum aliado. Tal atitude obviamente não era bem vista pelas comunidades e famílias atingidas e resultava em várias formas de transtornos aos cangaceiros. Segundo consta¹³⁰, boa parte dos indivíduos que ingressavam nas tropas volantes o fazia tendo como motivação vingar a honra de alguma mulher que houvesse sido violentada por um ou mais membros de um bando criminoso.

O que se nota é que mesmo sabendo o quão humilhante era a situação das mulheres estupradas no sertão nordestino, a ponto de motivar indivíduos a arriscarem suas próprias vidas com o objetivo de vingar tal episódio, os cangaceiros não relutavam em realizar tal prática. Punham, nesse caso, a satisfação do prazer pessoal acima dos valores cultivados no sertão e conseqüentemente do respeito, e até mesmo glorificação, à castidade feminina. Esse hábito evidencia a não existência no Cangaço de uma preocupação e consideração às mulheres em especial, sendo estas tão, ou até mais, alvos de violências quanto os homens. Mesmo quando elas já se faziam presentes dentro dos bandos, alguns relatos ainda reiteram a recorrência de tais práticas¹³¹.

O ingresso feminino no Cangaço passou a ocorrer a partir do final da década de 1920 e, com maior intensidade, ao se ter o exemplo da incorporação no bando de Lampião de sua esposa Maria Bonita, em 1930. Após tal admissão, vários subchefes e demais bandoleiros também passaram, com o consentimento de Lampião ou dos líderes de seus respectivos bandos, a trazer suas companheiras, e até mesmo amantes, para dentro do movimento. Até então, a vida cangaceira não condizia por pressuposto com a condição feminina, cuja fragilidade atribuída já foi exposta anteriormente. Todavia, a partir do momento em que são incorporadas aos grupos, as mulheres passam a se integrar ao meio, a exercer funções específicas dentro desses e a receber

¹³⁰ Nos estudos de Moacir Assunção sobre as forças volantes o autor ressalta a vingança quanto às atitudes e crimes de bandoleiros como principal motivo para o ingresso de pessoas no combate ao Cangaço, sendo o estupro uma das razões de maior recorrência. ASSUNÇÃO, Moacir. **Os homens que mataram o facínora** – A história dos grandes inimigos de Lampião. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

¹³¹ Segundo Frederico Pernambucano de Mello, mesmo a presença de mulheres nos bandos não impedia que estupros e outras práticas violentas contra mulheres ocorressem. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*

também, em contrapartida, um tratamento devido dos demais cangaceiros com que conviviam.

Longe de serem apenas esposas de colegas, tornaram-se cangaceiras e exerciam funções específicas. Segundo o relatado por outros bandoleiros e transcrito por diversos biógrafos e autores a tratarem do tema, as mulheres estabeleciam trabalhos não diretamente vinculados ao combate armado, porém também vitais para o bem estar do grupo¹³². Desse modo, geralmente são retratadas como costureiras, cozinheiras e realizadoras de outras funções dentro do bando. Assim como os homens, carregavam consigo armas e facas para utilização em qualquer eventualidade ou embate. Entretanto, segundo a maioria dos depoimentos, não eram diretamente protagonistas dos combates armados, ficando geralmente sob a proteção dos demais bandoleiros.

Sabe-se bem que nos grupos elas eram vistas de forma diferente aos demais, como se fossem integrantes de um conjunto especial que as classificava de maneira particular. Em nenhuma foto, por exemplo, se percebem mulheres utilizando aquele que talvez seja o maior símbolo da identidade dos bandoleiros, o chapéu de couro dobrado em duas extremidades e repleto de estrelas. Utilizavam, todavia, um de feltro, com menos ornamentos e abas em formato convencional. Se em parte essa diferença representa uma adaptação do “uniforme” cangaceiro a uma estética própria feminina, verificada também no uso de saias e vestidos, simultaneamente simboliza, sob outra perspectiva, o não acesso das mulheres a um elemento de forte significado para o próprio movimento.

A representatividade existente na ausência do típico chapéu pode ser notada na célebre imagem de Lampião vestido com o uniforme dos batalhões patrióticos. Nesta o Rei do Cangaço se despe de sua indumentária de bandoleiro para incorporar-se às forças que combateriam a Coluna Miguel Costa-Prestes em sua passagem pelo nordeste. Para tanto, prontamente retira o seu chapéu ornamentado e adota as roupas designadas aos membros dos batalhões. O simbolismo de tal ato transcende a mera retirada de uma peça de vestimenta. Ao abdicar do seu chapéu, e conseqüentemente adotar um de feltro, Lampião tornava-se não mais um fora-da-lei, mas um indivíduo

¹³² Várias obras apresentam esse enfoque, entre as já citadas aqui: Guerreiros do Sol, Lampião: O rei dos cangaceiros.

que se comprometera a arriscar sua vida a serviço dos interesses de sua pátria e do Estado nela estabelecido. Existe então um vínculo entre o símbolo e a identidade por detrás deste que indica a sua importância como elemento definidor da própria condição de bandoleiro.



Lauro Cabral de Oliveira, Juazeiro, Ceará, março de 1926. Acervo particular de Frederico Pernambucano de Mello, Recife/PE.

A fotografia ao lado é aquela em que se vê com mais nitidez as feições de Lampião. Mais novo e sem possuir o aspecto visual que o caracterizou, está trajado com o uniforme dos batalhões patrióticos que recebera junto com a patente de Capitão por intermédio de Padre Cícero. Ao perceber que tal título não tinha validade e que não seria respeitado por seus perseguidores, o cangaceiro abandonou a indumentária e retornou ao Cangaço. Todavia, continuou usando a patente de Capitão que lhe fora concedida e, mesmo após ser enganado, manteve a devoção ao Padre Cícero.

Ao contrário do que tudo indica, especialmente pelos relatos e pelo não acesso de mulheres a um dos elementos mais significativos do movimento, a atuação delas em meio ao Cangaço pode ser encarada sob outro enfoque que não implique objetivamente um retrato de submissão. Assim como já foi mencionado anteriormente, é de fundamental importância para o estudo de um grupo ou indivíduo conseguir perceber a maneira como se portam e agem, mesmo estando marginalizados ou em condição de subordinação¹³³. A suposta subalternidade das mulheres nos bandos, apesar de enfatizada por autores e cangaceiros é, sob essas bases, certamente questionável. Buscando encarar a atuação das cangaceiras dentro do papel exercido por elas e de acordo com as possibilidades apresentadas, ver-se-á a forma como agiam e faziam valer suas vontades.

¹³³ Novamente pode-se ver a ideia de E. P. Thompson e sua aplicabilidade na forma de se analisar a atuação dos indivíduos dentro das possibilidades existentes. THOMPSON, E. P. *Op cit.*

A primeira coisa que deve se considerar é o fato de não se tratarem de mulheres componentes de um organismo uniforme, singular em todos os aspectos e plural apenas na quantidade. São pessoas com vivências e atitudes diferentes, o que implica, conseqüentemente, na obtenção de respeito e autoridade específicos a cada indivíduo e em atuações variadas em meio ao grupo. Da mesma maneira em que se encontram mulheres atuantes e respeitadas, pode-se ver também outras que não possuem o mesmo respaldo, algumas até mesmo tratadas de maneira sub-humana¹³⁴. Como não haveria de ser diferente, a pluralidade do Cangaço se expressa não apenas em relação aos seus homens, como também no que diz respeito às mulheres e às suas participações.

Segundo diversos autores, Maria Bonita, por exemplo, fazia valer suas opiniões ao, volta e meia, interceder junto ao seu marido pela vida de alguém.¹³⁵ Apesar dessas ocorrências já poderem ser encaradas como exemplos da forma como uma mulher poderia se manifestar e realizar suas vontades, persiste nessas atitudes a atribuição de certa submissão e idealização da figura feminina nos bandos. Por mais que Maria Bonita estivesse agindo ao se manifestar e persuadir o marido de seu julgamento (coisa que poucos possuíam a autoridade para sequer tentar), a realização de suas vontades ainda dependeria da aceitação ou não de sua argumentação por parte de Lampião. Ademais, embora a cangaceira pudesse efetivamente se impor e exigir uma atitude do marido, tal manifestação ainda me parece a reprodução de uma postura esperada.

Não se pretende negar, nem reformular as declarações de bandoleiros sobre as presenças femininas nos bandos. Todavia, a forma como Maria Bonita interferiria com o intuito somente de interceder pela vida de outros mantém elementos da idealização existente em torno das mulheres e da expectativa de um padrão de comportamento para estas, em que a meiguice, o carinho, a pena e outros exemplos de passionalidade se sobressaem à brutalidade do ofício. É como se, mesmo sendo cangaceiras, permanecesse sobre estas todo um ideal de conduta, expresso na forma

¹³⁴ O cangaceiro José Bahiano, por exemplo, tinha o costume de ferrar mulheres em diferentes partes do corpo, método utilizado no sertão para marcar o proprietário do gado no animal. Na figura 20, em anexo, pode-se ver bem tal situação

¹³⁵ Esse retrato da participação de Maria Bonita é uma unanimidade nas obras utilizadas neste estudo, sendo principalmente enfatizado em MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.* e CHANDLER, Billy Jaynes. *Op cit.*

como suas atitudes se dão e como são encaradas. Por mais que se possa supor pelas evidências que a maioria das mulheres efetivamente se comportasse de acordo com o padrão estabelecido, seja por índole ou por realmente se enquadrarem em tal protótipo, é difícil se conceber que não hajam evidências de possíveis fugas a esta tendência.

Tal desconfiança é alimentada por outras descrições, frequentemente relatadas por diferentes autores, porém raramente interpretadas com o intuito de perceber a atuação feminina. Conta-se, por exemplo, que durante a chacina da gruta do Angicos¹³⁶, a própria Maria Bonita, sempre tão amável, exigira do cangaceiro Luiz Pedro, subchefe e braço direito de Lampião, um regresso ao centro da batalha para que honrasse uma promessa feita ao capitão de nunca abandoná-lo¹³⁷. O cumprimento de tal apelo e os consequentes retorno e morte de Luiz Pedro no confronto indicam a possibilidade de uma outra perspectiva interpretativa acerca da participação de Maria Bonita. Se é correto afirmar que sua índole a levava a interceder misericordiosamente por indivíduos que na maioria das vezes sequer conhecia, também se pode dizer que possuía uma voz de autoridade no mínimo considerável e da qual se utilizava em momentos extremos.

O modo como a cangaceira Maria Bonita teria se manifestado a favor da presença de um lugar-tenente no combate armado, possibilita também visualizar que suas intervenções (e consequentemente as atitudes de mulheres como um todo no Cangaço) não necessariamente visavam sempre poupar vidas e evitar confrontos. Mesmo que tais práticas não fossem habituais, é importante notar que a presença de exemplos específicos demonstra (pelo menos em alguns casos) a atribuição de uma autonomia necessária para agir de diferentes maneiras. Por terem sido criadas e estarem imersas na cultura sertaneja, é compreensível que as mulheres muitas vezes se portassem de acordo com as regras de conduta costumeiramente designadas, porém existia a possibilidade, dentro dos grupos bandoleiros de atuarem de outras formas não necessariamente condizentes como a imagem vigente.

¹³⁶ O combate em Angicos/SE foi o último da carreira de Lampião. Lá seu bando foi derrotado pela uma volante alagoana que utilizava submetralhadoras e foi comandada pelo tenente Bezerra.

¹³⁷ Segundo o relatado por Billy Jaynes Chandler, tal promessa fora feita quando Luiz Pedro acidentalmente disparou o seu rifle atingindo o irmão de Lampião, Antônio Ferreira. Como forma de pagar sua dívida com o chefe, Luiz Pedro prometeu, em contrapartida, ficar ao seu lado mesmo que esse morresse. CHANDLER, Billy Jaynes. *Op cit.*

Tal situação serve como amparo para um questionamento sobre a validade da suposta uniformidade passiva da atuação das mulheres nos grupos. É na apresentação de particularidades e de características pessoais que se expressa a incongruência entre a homogeneidade atribuída e a variedade de personalidades existentes em diferentes contextos. Até onde se sabe¹³⁸, mulheres foram membros em diversos bandos que não seguiam necessariamente o mesmo padrão de conduta e estrutura do de Lampião. Desse modo, a suposição de que diferentes mulheres poderiam atuar em diferentes funções, até mesmo como combatentes, afirma-se no exemplo (mesmo que pontual) de Maria Bonita, nas fotografias existentes de cangaceiras portando rifles de combate e munições¹³⁹ e na possibilidade de essas exercerem em outros bandos papéis distintos aos exercidos no bando de Lampião.



Benjamin Abrahão, 1936. Acervo AbaFilm, Fortaleza/CE.

¹³⁸ Apesar de não se estender no assunto e nem produzir grandes resoluções a respeito, segundo mapeamento feito por Frederico Pernambucano de Mello a respeito dos bandos cangaceiros existem notícias de presenças femininas em outros grupos bandoleiros. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*

¹³⁹ Ver fotografia logo abaixo. Na fotografia estão os cangaceiros Barra Nova, Juriti, Neném e Sabonete. Além das diferenças nas indumentárias carregadas, bem nítida no retrato, o destaque fica para a cangaceira Neném. Nota-se que, assim como os cangaceiros ao seu lado, ela porta um rifle enfeitado com moedas (armamento de combate mais pesado, e que destoa das pistolas simples geralmente apresentadas pelas mulheres nos retratos). Além disso, pela silhueta, pode-se considerar a possibilidade de que estivesse grávida, tema que retomaremos mais adiante.

Assim como costurar não era uma designação masculina, embora tenha sido exercida por homens¹⁴⁰, combater não era uma tendência entre as mulheres, o que não exclui a possibilidade de se encontrar exemplos de mulheres combatentes. Por mais que no Cangaço os papéis masculino e feminino possam ter um roteiro muito bem estabelecido na “macheza” de uns e fragilidade de outros, a tênue separação entre essas práticas de conduta é algo nítido no movimento. Os cangaceiros não são, portanto, portadores de distinções antagônicas convenientes com as atitudes esperadas para homens e mulheres, e sim indivíduos que dentro do movimento evidenciaram uma considerável pluralidade, edificada no trânsito entre a crueldade rude e a sensibilidade a florada.

3.4 A OSTENTAÇÃO DE PRÁTICAS E VONTADES EM UM ALTAR DE CABEÇAS

Da mesma maneira que os bandoleiros (em um âmbito geral, sejam esses homens ou mulheres) eram capazes de realizar grandes atrocidades em suas incursões armadas¹⁴¹, também podiam se dedicar ao minucioso e delicado trabalho do enriquecimento estético de suas vestimentas. O modo como eles lidavam e ornamentavam suas roupas e utensílios evidencia a presença de momentos de demonstração de sensibilidade no cotidiano daqueles que sempre foram vistos como bárbaros. Nesse contexto, o Cangaço externado pelos registros visuais remanescentes pode servir de auxílio para uma reflexão sobre o significado do movimento para os bandoleiros presentes no espaço retratado pelas imagens.

¹⁴⁰ Segundo Frederico Pernambucano de Mello, as funções de costura no bando de Lampião eram exercidas por Maria Bonita, Dadá e Pancada, sendo este último um dos principais lugar-tenentes de Lampião e exímio costureiro. MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op cit.*

¹⁴¹ Existem inúmeros relatos de atrocidades cometidas por cangaceiros. Uma delas foi-me descrita pessoalmente por Alberto Ribeiro em Aracajú/SE. Segundo Alberto, seu avô presenciara no povoado de Mocambo, próximo a Frei Paulo/SE, Lampião atirar o filho de 2 meses de um dos seus desafetos para o alto e apará-lo na peixeira. Apesar da segurança com que fala de tal questão, é difícil saber o quanto tal relato é fantasioso ou não. O que se sabe ao certo é que histórias como essa são frequentes no nordeste brasileiro.

A forma como a conduta e o aspecto dos indivíduos presentes no Cangaço apresentou mudanças e transformações estéticas pode expressar, por exemplo, a maneira como o movimento se ressignificou para seus membros durante sua existência. A ostentação da aparência dos bandoleiros, já tão citada, remete a indivíduos que não indicavam possuir vergonha do seu ofício e tampouco procuravam esconder sua condição criminosa. Ao contrário de outros tipos de bandidos e até mesmo dos primeiros cangaceiros, que fugiam de situações que possivelmente denunciariam sua feição, os membros do grupo lampiônico da década de 30 escancaravam seu ofício, sem medo de com isso sofrerem qualquer tipo de prejuízo.

Sob um enfoque similar, pode-se também encarar o ingresso de mulheres nos bandos como indicativo de mudanças na perspectiva com a qual os bandoleiros enxergavam sua condição. Afinal, desse momento em diante, começa a se trazer também para dentro do movimento vínculos familiares significativos de uma outra relação com o banditismo. O estabelecimento de famílias dentro da própria atividade criminosa pode ser percebido como maneira de se enxergar o movimento com uma razoável estabilidade – como se fosse algo de onde não se pretendia sair tão cedo. A partir desse momento, torna-se justificável a ideia de que estar no Cangaço deixa de ser uma condição temporária, em busca de alcançar algum objetivo específico, e se torna, para aqueles que dele fazem parte, um meio de vida.

Tal fator pode ser notado principalmente se considerado que a partir de um certo momento a presença de elementos secundários em relação ao ofício dos bandoleiros começa a prevalecer em detrimento do possível benefício trazido por estes para a luta armada e para a vida na caatinga. O excesso de ornamentos nas vestimentas certamente ajudava os inimigos a visualizarem os cangaceiros durante confrontos armados e nem por isso deixou de ser utilizado. Da mesma maneira, a incorporação de esposas de bandoleiros acabava fazendo com que adaptações fossem feitas na rotina e nos hábitos costumeiros dos bandos. A gravidez, por exemplo, era um período conturbado para se fazer incursões armadas e entrar em confrontos com inimigos; o que, forçosamente ou não, resultava em uma certa temporada de calma nas atividades criminosas e combates. Quanto aos filhos, era necessário que pouco após o nascimento já fossem entregues à famílias de confiança para serem criados,

haja vista os perigos da vida no Cangaço e o estorvo que representavam para o proceder das atividades do grupo¹⁴².

Mesmo se considerado o fato de que várias dessas mulheres pudessem contribuir para o “ofício” do Cangaço propriamente dito (e não estarem presentes apenas por serem esposas de alguém), a presença delas nos bandos não parece ser vista pelos próprios bandoleiros como algo totalmente benéfico ao grupo. A declaração do cangaceiro Balão, por exemplo, ajuda a elucidar tal questão: “homem de batalha não pode andar com mulher. Se ele tem uma relação, perde a oração e seu corpo fica como uma melancia: qualquer bala atravessa”¹⁴³. Além de demonstrar o quanto a misticismo e a credice estava presente no Cangaço, fator já mencionado anteriormente, tal declaração explicita como os bandoleiros poderiam tomar atitudes motivados pela vontade e não utilidade das mesmas. Fato tornado ainda mais palpável se considerado que o próprio Balão trouxera, enquanto ainda era cangaceiro, sua esposa para o bando.

Portanto, o Cangaço encontrado nas fotografias de Abrahão e imortalizado no espólio material e imagético ainda tão representado nos dias de hoje é um movimento diversificado, escancarado e edificado através da perspectiva de um banditismo permanente. A maneira como se deu a incorporação de mulheres (geralmente esposas de outros bandoleiros) e a forma como se criaram hábitos, tradições e aparências para o movimento é caracterizadora dessa perspectiva. As relações e práticas apresentadas por Abrahão são facetas de um movimento que criou, com o tempo e experiência, hábitos e condutas próprias. Transcendeu assim a mera criminalidade para incorporar à sua própria identidade elementos representantes dos valores, crenças e anseios de seus membros. Em tal processo, o Cangaço se ressignifica para seus agentes e passa a ser percebido pelos cangaceiros como algo permanente, indissociável da vida e postura deles o tanto quanto eles eram imprescindíveis para a existência do banditismo sertanejo.

É importante considerar ainda a representatividade daquela que talvez seja a melhor síntese da, agora exemplificada, pluralidade do Cangaço. Refiro-me à última e

¹⁴² É o caso de Vera Ferreira, filha de Lampião e Maria Bonita, que ainda neném foi entregue a uma família de confiança do bandoleiro para ser criada longe do Cangaço.

¹⁴³ O relato de Balão foi feito diretamente para Frederico Pernambucano de Mello e transcrito por este em: MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do Cangaço**. São Paulo, SP. Escrituras Editora, 2010, p. 52.

mais difundida imagem do maior de todos os bandos cangaceiros. Trata-se de uma fotografia tão simbólica que traz em si mesma toda a amplitude do movimento. É como se, após a derrota final do bando de Lampião, as cabeças dos cangaceiros assassinados na gruta do Angicos quisessem expor a outra face do ofício que construíram e elaboraram durante tanto tempo.



Ali, dispostos como que em um altar improvisado sobre os degraus da delegacia de Piranhas/AL, para onde foram levados pelos volantes, o restos finais do Cangaço expunham os elementos que fizeram do movimento algo tão característico. Todo o espólio material e identitário deixado pelos bandoleiros coexiste na imagem com as cabeças, que futuramente serviriam para mais uma tentativa de compreensão do movimento através da antropologia criminal. Subvertida a hierarquia, Lampião descansa do degrau mais abaixo tendo em um nível superior seu braço direito Luiz Pedro, sua companheira Maria Bonita e assim sucessivamente até o cangaceiro desconhecido no degrau mais acima. Ao lado e por toda imagem pode se ver a indumentária ornamentada dos bandoleiros, símbolos e manifestações da vaidade, orgulho, religiosidade, hierarquia dos bandos e de todas as transformações trazidas por anos percorrendo as caatingas. No ponto mais alto, o toque final. Máquinas de costura estilo Singer se encontram à esquerda e à direita da fotografia, como que a

emoldurando e simultaneamente explicitando sua participação na formatação da identidade de um movimento.¹⁴⁴

A violência escancarada e o choque causado pelas cabeças decapitadas coexiste com a sutileza dos bordados floridos nos bornais dos cangaceiros. “Sem qualquer intenção artística, o objetivo do fotógrafo é informar o desbaratamento de um dos últimos redutos do banditismo no sertão brasileiro”. Expõe-se neste último momento a face de um Cangaço que transitava entre a beleza e a horror, que fez da criminalidade um meio de vida e simultaneamente demonstrou a humanidade existente em suas ações. É através destes elementos que se manifesta a racionalidade dos bandoleiros¹⁴⁵. Se é correto afirmar que as imagens são formas de se sacralizar e atribuir valor a determinados elementos, é na expressão dessa pluralidade simbólica que o Cangaço se mostra e valoriza¹⁴⁶.

¹⁴⁴ Fotografia de autor desconhecido, datada como de 28 de julho de 1938 e pertencente ao Acervo Sociedade do Cangaço, Aracajú/ SE.

¹⁴⁵ Uma referência direta à ideia de Collingwood citada no final do segundo capítulo (pag. 64). COLLINGWOOD, R.G. **The Idea of History**. Oxford: Clarendon Press, 1951. [1ª Ed.:1946] Parte V.

¹⁴⁶ O papel das imagens como elemento sacralizador foi ressaltado por Pierre Bourdieu em: BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perseguição aos cangaceiros empreendida aqui culminou na exposição de um movimento armado e criminoso, mas que em seus hábitos e características transcendeu a própria criminalidade de suas ações para incorporar outras facetas. Na beleza e diversidade das estéticas e práticas paralelas ao banditismo, o Cangaço adquiriu seu âmbito mais admirável e atraente. Ironicamente, a peculiaridade de seu processo de popularização e glorificação acabou transformando-o em um elemento mais relevante pela função estética exercida na sociedade de hoje e na identidade de uma região do que pelas ações armadas que tanto pautaram sua trajetória¹⁴⁷. É como se depois da morte sua existência adquirisse outras funções e significados, aos quais não possuiu controle e tampouco intencionou exercer.

A análise implementada neste estudo transitou sucessivamente por diferentes possibilidades de representação do Cangaço. Partindo-se da imagem disseminada popularmente, passando pelos conceitos e teorias empregados em obras acadêmicas e chegando até as possibilidades interpretativas elaboradas com embasamento em fotografias, buscou-se compreender a amplitude e representatividade do movimento. Nesse processo, viu-se um Cangaço humano em várias instâncias, inclusive em seu antagonismo. Simultaneamente, seus membros demonstraram a sensibilidade de artesãos e a crueldade de assassinos. Não foi, portanto, à toa que tenha gerado ao mesmo tempo tamanha disparidade nas opiniões a seu respeito.

Ao se tratar das representações populares, viu-se de que forma elas foram elaboradas sem necessariamente estarem embasadas em vestígios verificáveis. No Cangaço popularizado, as opções estéticas prevaleceram por sobre o que pesquisas pautadas por um método analítico e um saber indiciário apontariam. A memória coletiva se distanciou da História e outros tipos de produções foram fundamentais para influenciar o conceito de Cangaço disseminado em vários grupos sociais. Isso auxilia o entendimento de como, todavia tenha sido um movimento pautado pela crueldade e por empreender ações condenáveis, o Cangaço foi ressignificado e é, ainda hoje, glorificado e admirado popularmente.

¹⁴⁷ A importância do cangaço pra formação de uma identidade nordestina foi citada durante o primeiro capítulo e trabalhada em: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, PE: FJN, Ed. Massangana, São Paulo, SP: Cortez, 2001.

Já a apreciação de obras acadêmicas tratou do modo como este foi pensado enquanto objeto de estudo e das teorias majoritariamente utilizadas para compreendê-lo. Demonstrou-se de que forma padrões explicativos foram constantemente empregados, muitas vezes à precedência de uma análise do tema, na tentativa de entender o Cangaço. Em uma valorização da análise racional, fundamentada por intermédio da crítica, defendeu-se a necessidade de uma renovação que passasse por um entendimento da pluralidade do movimento, ampliando e diversificando os estudos propostos.

As fotografias do Cangaço ilustraram bem o seu padrão estético e a pluralidade de suas características; também serviram como fontes para fundamentar-se a concepção de um movimento dinâmico e que estabeleceu intensas trocas com a sociedade sertaneja. Ao redor dele, construiu-se um ambiente com valores, hábitos e práticas particulares, inserido em uma realidade à qual esteve fortemente vinculado. O Cangaço se disseminou, transformou, incorporou novos elementos e criou em torno de si uma série de atributos que expuseram tanto outras faces da prática dos cangaceiros quanto a vontade (ou até quem sabe necessidade) de se manifestarem de maneiras distintas, não apenas restritas à violência.

Na intenção e postura de seus agentes e na diversidade de facetas expostas pelas fotografias, mostraram-se características pouco enfocadas pelos estudos sobre o tema e destoantes das opiniões popularmente disseminadas sobre o Cangaço. A valorização da individualidade dos cangaceiros e cangaceiras, expressa na autonomia de suas ações, transformou um movimento supostamente uniforme em uma miscelânea de posturas e atitudes. Essa análise, voltada para um entendimento humanizado do movimento, revela um Cangaço plural, assim como os indivíduos que dele fizeram parte e, especialmente por essa condição, diferente daquele tantas vezes representado.

Nesse ponto, não se buscaram verdades que significassem uma redenção nem uma reprovação histórica ao movimento, mas a compreensão, por meio de um saber indiciário e buscando uma fundamentação estritamente racional, da amplitude de características que pautou a existência do Cangaço. Não foi necessário condenar nem desconstruir as análises existentes; buscou-se, todavia, demonstrar o modo como estas reiteraram convicções passionais e pressupostos teóricos sobre o tema. A reflexão

aqui proposta se legitima na exposição de possibilidades que permitam ampliar e diversificar os estudos sobre o Cangaço.

ANEXO

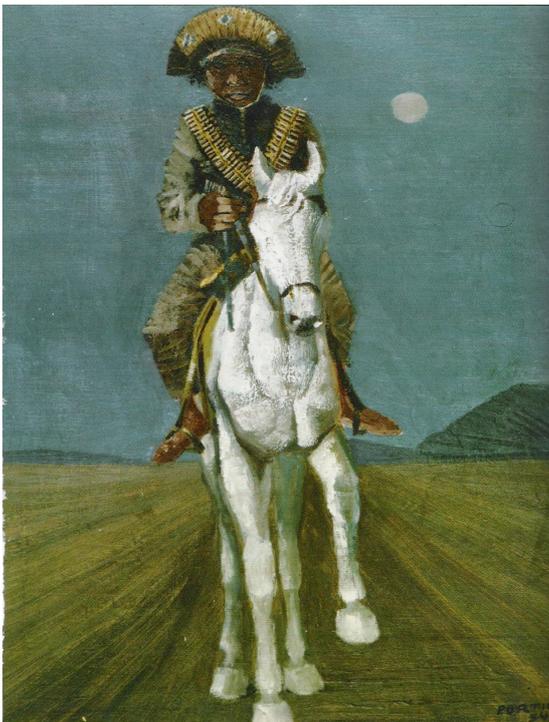
FIGURA 1:



José Medeiros/O Cruzeiro/EM/D.APress - 12/07/1952

Na figura ao lado vê-se Luiz Gonzaga, vestido ao modo dos cangaceiros: chapéu dobrado com uma estrela, bornais floridos, peixeira na cintura e um lenço no pescoço. Responsável pela disseminação do forró, durante a década de 1940, e pela formação de trio (triângulo, zabumba e sanfona), Gonzaga se rendeu ao visual dos bandoleiros com o intuito de aproximar-se de suas raízes nordestinas (o que demonstra o vínculo existente entre a estética do Cangaço e a identidade regional). Na fotografia ele é acompanhado de Cata milho (à esquerda) e Zequinha (à direita).

FIGURA 2:



Cangaceiro a cavalo. Portinari, óleo sobre tela, 54,5 x 46 cm, 1954. Coleção privada, Madri, Espanha – Projeto Portinari, São Paulo, Brasil.

O quadro ao lado faz parte da série de imagens de cangaceiros feitas por Candido Portinari. Pode-se ver que nesta o bandoleiro monta a cavalo, apesar de cavalgar não ser uma prática comum entre eles. Entretanto, existem vários filmes em que cangaceiros utilizam-se de tais animais (inclusive *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, 1953), o que pode ter influenciado a visão do pintor. Se for o caso, pode-se notar (assim como trabalhado no primeiro capítulo) a maneira o Cangaço e ressignifica em suas sucessivas representações.

FIGURA 3:



Capas de cordéis sobre o Cangaço.

A narrativa fantaciosa e a estética de seus desenhos certamente pode ser notada nas perspectivas hoje existentes sobre o movimento.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro**: a estética do Cangaço. São Paulo, SP. Escrituras Editora, 2010. p. 59.

FIGURAS 4 a 11:



Capas de livros sobre o Cangaço. Respectivamente: *Cangaceiros e Fanáticos*, *Lampeião: o rei dos cangaceiros*, *Estrelas de Couro*, *Guerreiros do Sol*, *Lampeião... era o cavalo do tempo atrás da besta da vida*, *Os Homens que Mataram o Facínora* e *Rebeldes Primitivos*. Todos de grande importância para a elaboração desse estudo, e por isso citados nos capítulos e entre as bibliografias utilizadas.

FIGURA 12:



Acervo AbaFilm, a.d, 1936.

Da esquerda para a direita:
Vila Nova, desconhecido,
Luís Pedro, Benjamin
Abrahão, Amoroso,
Lampião, Cacheado,
Maria Bonita,
desconhecido e Quinta-
feira.

Resultado da vontade de ambos, o simbólico aperto de mão entre Abrahão e Lampião sela o acordo que proporcionou as fontes mais representativas do ambiente dos bandos cangaceiros.

FIGURA 13 e 14:



13: Lauro Cabral de Oliveira, Juazeiro, Ceará, março de 1926. Coleção de Frederico Pernambucano de Mello.

14: Benjamin Abrahão, 1936. Acervo AbaFilm.

A comparação entre as duas fotografias deixa clara a transformação estética vivida pelo Cangaço. Na primeira Lampião e seu irmão Antônio posam, em 1926, na entrada de Mossoró. Na segunda, Lampião aparece em meio à caatinga, em 1936. Os dez anos transcorridos entre os retratos (ambos posados, diga-se de passagem) mostram como a riqueza de ornamentos e decalques foi incorporada nas vestimentas, mais um indício da transformação dinâmica do movimento no decorrer de sua existência (assim como é defendido no capítulo 3)

FIGURA 15:



Benjamin Abrahão,
1936. AbaFilm, Família
Ferreira Nunes.

Lampião ajoelhado e
sem proteção comanda
a reza de seu bando,
também de joelhos.

Essa fotografia, além de ser útil por mostrar a presença da religiosidade entre os cangaceiros, responsável por sua suposta proteção sobrenatural, apresenta duas outras questões relevantes. A primeira sendo a aparente tranquilidade de Lampião (desprotegido na situação retratada), que gerou várias críticas da opinião pública e população dos grandes centros do país. Já a segunda é uma demonstração de que a hierarquia do bando possivelmente também se seguia no aspecto religioso, já que Lampião aparece no centro, em posição de liderança e, visivelmente, comandando a oração.

FIGURA 16:



Rifles de cangaceiros. Coleção de Frederico
Pernambucano de Mello.

Pelas moedas dispostas nos rifles dos
cangaceiros pode-se notar as diferentes
posições ocupadas por estes no bando de
Lampião da década de 30. Por estarem
repletas de moedas, constata-se que as armas
pertenceram a cangaceiros importantes no
bando. Respectivamente: Salamanta, Elétrico
e Quinta-feira.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas
de couro: a estética do Cangaço.** São Paulo, SP.
Escrituras Editora, 2010. p, 106.

FIGURAS 17 e 18:

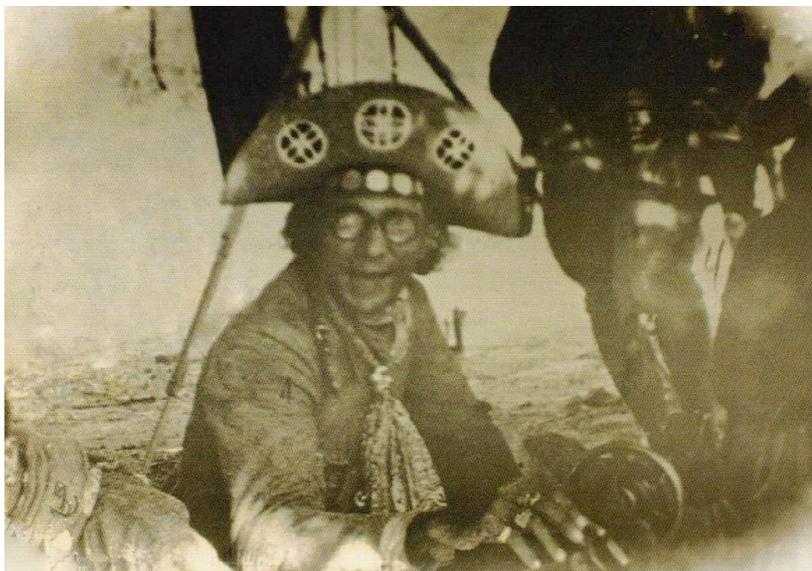


17: Valentino Fialdini, 1931. Coleção de Frederico Pernambucano de Mello.

18: Fred Jordão, 1938. Coleção de Frederico Pernambucano de Mello.

O jogo de bornais de José Bahiano e o cantil de Lampião, ilustram bem a riqueza de detalhes e o tipo de florais utilizados pelos cangaceiros. Exemplo da vaidade ostentada por eles.

FIGURA 19:



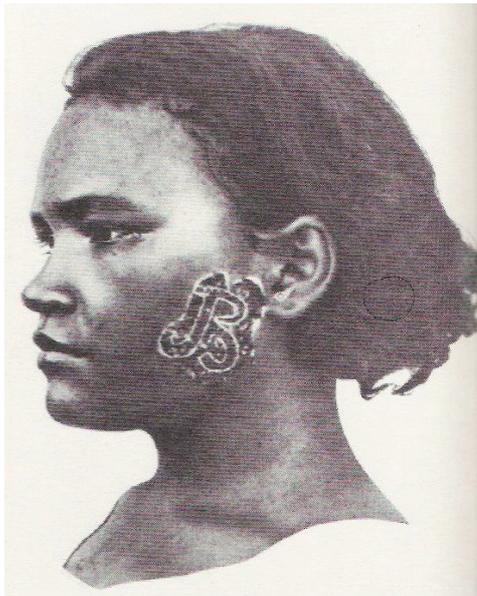
Benjamin Abrahão,
1936. AbaFilm,
Família Ferreira
Nunes.

Lampião
manipulando uma
máquina de costura
estilo Singer.

Decerto, o hábito de costurar não era estranho aos cangaceiros. Segundo relatos, o próprio “capitão” Lampião utilizava-se das máquinas de costura com destreza e se encarregava de ornamentar suas vestimentas. Frederico Pernambucano de Mello cita-

o como um dos principais costureiros do grupo¹⁴⁸, e Billy Jaynes Chandler chega inclusive a mencionar o cangaceiro como fazedor de moveis de couro e outras peças durante a juventude¹⁴⁹. Como foi visto, o enriquecimento estético era comum entre os cangaceiros e indicava a existência de outras práticas e atributos: como a religiosidade, vaidade, orgulho, hierarquia e praticidade.

FIGURA 20:



A reprodução tem autor desconhecido e foi apresentada em *Lampião*, de Ranulfo Prata, Rio de Janeiro, Ariel Ed. 1934.

Na foto ao lado vê-se uma mulher ferrada a fogo na face pelo cangaceiro José Bahiano. Desconhece-se a sua identidade e procedência. Sabe-se, entretanto, que essa era uma prática comum do bandoleiro.

Apesar do que a fotografia indica, reduzir a atuação das mulheres no Cangaço a um simples grupo oprimido seria desconsiderar a própria capacidade de ação delas. Ao contrário do que muitas vezes foi feito por estudiosos, é difícil identificar um padrão para a atuação das mulheres no Cangaço. Porém, partindo-se do pressuposto de que se trata de um grupo heterogêneo, pode-se dizer que cada qual tinha uma participação distinta.

¹⁴⁸ MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2004

¹⁴⁹ CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980.

FIGURA 21:



Volante do Sargento Aniceto. Piranhas/AL, 1938. Foto oficial.

Na foto acima se nota facilmente a semelhança entre a vestimenta de alguns soldados volantes e as roupas dos cangaceiros. Vários soldados utilizam-se de estrelas em chapéus, moedas em rifles e outros ornamentos comuns entre os bandoleiros. A referência ao Cangaço era tão clara que em 17 de Agosto de 1938 uma Comissão Acadêmica apresentou o seguinte relatório ao interventor federal em Pernambuco:

Seria de recomendar-se a proibição de fardamentos exóticos, de berloques, estrelas, punhais alongados e outros notoriamente conhecidos. A impressão se faz no cérebro rude. E à primeira oportunidade, o chapéu de couro cobre a testa e o rifle pende a tiracolo.¹⁵⁰

Pode-se especular a respeito dos motivos de tais semelhanças. Por um lado, pode se tratar de uma admiração velada à coragem e sucesso dos cangaceiros. Seria como se ao vestir tais vestimentas os soldados volantes tivessem acesso aos mesmos atributos admirados nos bandoleiros. Por outro lado, tal vestimenta também possuía uma praticidade não comungado pelos uniformes das volantes, que possuíam menos recursos. Porém isso não explicaria as estrelas e moedas distribuídas. Desse modo parece-me legítimo que se diga que a simbologia e mística do Cangaço não se restringiu aos membros do movimento, atingindo inclusive seus mais célebres opositores.

¹⁵⁰ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Op Cit*, p. 17.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife, PE: FJN, Ed. Massangana, São Paulo, SP: Cortez, 2001.

ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Assim morreu Lampião**. Santos, SP: Traço Editora, 1982.

ASSUNÇÃO, Moacir, **Os homens que mataram o facínora** – A história dos grandes inimigos de Lampião. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de folclore brasileiro**. Belo Horizonte, MG. Editora Itatiaia: 1988.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 1994

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma História das últimas décadas da escravidão na corte**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 1990

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1980.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CLEMENTE, Marcos Edison de Araújo. **Cangaço e cangaceiros: Histórias e Imagens fotográficas do tempo de Lampião**. In: **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Vol. 4 ano IV n° 4**. 2007.

COLLINGWOOD, R.G. **The Idea of History**. Oxford: Clarendon Press, 1951. [1ª Ed.:1946] Parte V.

DÓRIA, Carlos Alberto, **O Cangaço**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.

ELIAS, Norbert e Scotson J. **Os estabelecidos e os outsiders**: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1993.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira e Edições Universidade Federal do Ceará, 1980.

GRUNSPAN-JASMIN, Élise. **Lampião, Senhor do Sertão**: Vidas e Mortes de um cangaceiro. São Paulo, SP: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandits**. Nova York, 1971.

HOBBSAWM, Eric J. **Rebeldes Primitivos** – Estudo sobre as formas arcaicas dos movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1970.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 1999.

JASMIN, Élise. **Cangaceiros**. São Paulo, SP: Editora Terceiro Nome, 2006.

KOSSELECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuições à semântica do tempo histórico. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA, Antônio Klévisson. **Lampião**: Era o cavalo do tempo atrás da besta da vida. São Paulo, SP: Hedra, 1972.

LUDTKE, Alf. What is the History of everyday life and Who are its practitioners? In, LUDTKE, Alf (Ed.). **The History of Everyday Life**. Reconstructing historical experience and ways of life. Princeton: Princeton University Press, 1989.

LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro, RJ: Livros do mundo inteiro, 1972.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Estrelas de couro: a estética do Cangaço**. São Paulo, SP: Escrituras Editora, 2010.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2004.

MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil: um banquete nos trópicos**. São Paulo, SP: Senac, 2001.

NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes**. São Paulo, SP: Ícone, 1998.

NAZZARI, Muriel. **O Desaparecimento do Dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600-1900**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: maldição contra o cristianismo**. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

POPPER, Karl. **The Open Society and its Enemies**. Vol II. London: Poutledge, 1999.

QUEIROZ, Jeová Franklin. **A Literatura de Cordel**. Brasília, DF: Livro Artesanal, 2002.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do Cangaço**. São Paulo, SP: Global Editora, 1986.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **O Cangaço na histórias em quadrinhos**. Versão da comunicação apresentada em forma de painel, na 53ª Reunião da Sociedade Brasileira para progresso da Ciência, Salvador/BA, UFBA, 13-18 de julho de 2001.

SILVA, Luiz Geraldo S. da. Canoeiros do Recife: História, Cultura e Imaginário – 1777-1850. In: Malerba, Jurandir. (org). **A velha História: Teoria, método e historiografia**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

SINGELMANN, Peter. **Political Structure and Social Banditry in Northeast Brazil**. In: **Journal of Latin American Studies**, Vol. 7, No. 1. Cambridge University Press, may 1975, pp. 59-83.

STINCHCOMBE, Arthur. **Constructing Social Theories**. Berkeley: University of Califórnia, 1968. [Caps. I e II].

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1993.

TAPIOCA, Roberto. **Lampião, o mito**. Olinda, PE: Ed. Do Autor, 2004.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. São Paulo, SP: Cia. das letras 2000.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. Parte I. São Paulo, SP: Cortez.

CORDÉIS:

PACHECO, José. **A Chegada de Lampião no Inferno**.

D'ALMEIDA FILHO, Manoel. **Corisco – O diabo loiro**.

Antônio Silvino

BARROS, João. **Lampião e Maria Bonita no Paraíso tentado por Satanás**.

FILMES:

Lampião, sonhos de bandido (Documentário. Beta Digital. 60'. Cor. Bélgica. 2007.

Direção: Damien Chemin e Nicodème de Renesse).

O Cangaceiro Trapalhão (Ficção. 35mm. 90'. Cor. RJ. 1983. *Direção*: Daniel Filho).

Deus e o Diabo na Terra do Sol (Ficção. 35mm. 125'. P&B. RJ. 1964. *Direção*: Glauber Rocha).

Baile Perfumado (Ficção, 35mm. 95'. Cor. P&B. PE. 1997. *Direção*: Paulo Caldas e Lício Ferreira).

Riacho de Sangue (Ficção. 35mm. 105'. Cor. SP. 1966. *Direção*: Fernando de Barros).

O Cangaceiro (Ficção. 35mm. 95'. P&B. 1953. SP. *Direção*: Lima Barreto).